



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

DESENVOLVIMENTO URBANO - MDU

MAYA NEVES DE MOURA ARAUJO

A CRIANÇA E O LUGAR NO TERRITÓRIO DAS GROTAS:

**A prática do espaço para crianças em grotas no bairro do Jacintinho, em Maceió -
Alagoas**

Recife

2022

MAYA NEVES DE MOURA ARAUJO

**A CRIANÇA E O LUGAR NO TERRITÓRIO DAS GROTAS:
A prática do espaço para crianças em grotas no bairro do Jacintinho, em Maceió -
Alagoas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano - MDU da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Orientadora: Professora Dra. Julieta Maria de Vasconcelos Leite

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

A663c

Araújo, Maya Neves de Moura

A criança e o lugar no território das grotas: a prática do espaço para crianças em grotas no bairro do Jacintinho, em Maceió - Alagoas / Maya Neves de Moura Araújo. – Recife, 2022.

134f.: il. fig.

Orientadora: Julieta Maria de Vasconcelos Leite.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2022.

Inclui referências e apêndices.

1. Desenvolvimento Urbano. 2. Crianças. 3. Lugar. 4. Espaço urbano. 5. Grotas I. Leite, Julieta Maria de Vasconcelos (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-151)

Maya Neves de Moura Araújo

“A CRIANÇA E O LUGAR NO TERRITÓRIO DAS GROTA:
A prática do espaço para crianças em grotas no bairro do
Jacintinho, em Maceió - Alagoas”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 01/07/2022.

Banca Examinadora

Participação via Videoconferência

Profa. Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Orientadora)

Participação via Videoconferência

Profa. Circe Maria Gama Monteiro (Examinadora Interna)

Participação via Videoconferência

Prof. Viviane de Bona (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof. Flávia de Sousa Araújo (Examinadora Externa)

Às crianças que fizeram esta pesquisa comigo, *Angê, Any
Gabriele, Daniele, Joali, Jorge Mateus, Kelly, Matt Score, Naldo
e Tiago.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Julieta Leite, que contribuiu ativamente no desenvolvimento da pesquisa, além de orientar da melhor forma possível minha formação na construção de um pensamento científico. Agradeço ainda pelos momentos de discussão, a paciência e a confiança depositadas neste trabalho. Mas, sobretudo, por ter aceitado trilhar essa jornada junto comigo.

Ao professor Sérgio Benício por ter acreditado, inicialmente, neste trabalho e por suas contribuições na etapa inicial da pesquisa.

Às professoras Maria de Jesus Brito, Viviane de Bona, Flávia Araújo por acompanharem todo o desenvolvimento da pesquisa, oferecendo contribuições valiosas desde a apresentação do projeto. E à professora Circe Monteiro, membro da banca de defesa, pelo interesse em contribuir com a pesquisa.

Aos professores e funcionários do MDU que vivenciaram o desafio de conduzir e manter a pós-graduação durante o momento turbulento da pandemia da COVID-19, sobretudo à Cristina Araújo que, como professora e coordenadora da pós graduação, contribuiu significativamente para a minha formação. E aos meus colegas de turma, que apesar da distância e das adversidades do formato virtual, souberam compartilhar conhecimentos e incentivar uns aos outros, especialmente Izabelly, Karla, Luíza e Lahys, com quem tive mais oportunidade de troca.

À CAPES – Fundação de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo auxílio financeiro concedido durante os dois anos de realização desta pesquisa.

À coordenação pedagógica do Lar São Domingos, especialmente à Liliane Araújo, pela solicitude, o apoio e a confiança durante toda a coleta de dados.

E, principalmente, ao meu pai Francisco, que acredita em mim como ninguém, por vibrar a cada passo dado. À minha mãe Yvette, que me inspira diariamente a ser melhor, por me ajudar de diversas formas durante todo o desenvolvimento deste trabalho. À minha irmã Jade, que está sempre ao meu lado, por me incentivar a ir além enquanto ser, profissional e pesquisadora. Ao Alvinho, que compartilhou toda essa jornada comigo, construindo a pesquisa, tecendo boas discussões e me possibilitando o acesso ao território, por caminharmos sempre juntos. Ao Bentinho, que chegou para me acompanhar na reta final deste trabalho, por me estimular à conclusão da dissertação para vivenciar as dores e as delícias da maternidade. Em nome destes, à toda a minha família.

RESUMO

O debate acerca da relação entre as infâncias e o espaço urbano figura, cada vez mais, na pauta de políticas públicas e pesquisas acadêmicas, sobretudo nas últimas duas décadas. Apesar das inúmeras conquistas teóricas e práticas que promovem melhorias na relação entre criança e cidade, as contribuições, por vezes, assumem posicionamentos contraditórios: pautados na valorização da criança ativa e cidadã, mas embasando o olhar em uma perspectiva adultocêntrica. No contexto das grotas da cidade de Maceió, Alagoas, iniciativas históricas têm sido observadas na produção de dados qualificados e na valorização do território das grotas. Contudo, identificamos uma lacuna no que tange à percepção do território pelas crianças residentes nas grotas, o que nos levou a questionar “Como a percepção do território pelas crianças impacta na constituição de lugares em áreas de grotas?”. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar o processo de constituição de lugares em grotas do bairro do Jacintinho, Maceió - AL, a partir da percepção do território pelas crianças que nele habitam. Norteados pelas contribuições da sociologia da infância e da geografia humanista, realizamos uma pesquisa de abordagem etnográfica com nove crianças das grotas Aldeia do Índio II, Grota do Cigano, Rua Belo Monte e Rua Santo Antônio, o que nos permitiu identificar quatro aspectos que impactam na constituição de lugares por crianças na grota. Dessa forma, este estudo vem a contribuir com a compreensão das infâncias nas grotas e ampliar as possibilidades de valorização do território, a partir dos lugares e das práticas.

Palavras-chave: crianças; lugar; espaço urbano; grotas.

ABSTRACT

The discussion about the relation childhood-urban space increase on the agenda of public policies and academic researches, especially in the last two decades. Although innumerable theories and practices that promote improvements about that relationship, sometimes the contributions try to value an active and citizen child but be based on an adultocentric perspective. In the *grotas* of Maceió, Alagoas, historical initiatives have been noticed in the production of qualified data and an appreciation of the grotas's territory. However, we identified a gap in children's perception of the territory, what makes us question "How does the perception of territory by children impact the process of places in grotas?". By this way, this study purpose to identify the process of places in Jacintinho's *grotas*, in the city of Maceió, Alagoas, from the children's perception. Based on the sociology childhood and humanistic geography, we made ethnographic research with nine children from *Aldeia do Índio II*, *Grota do Cigano*, *Rua Belo Monte e Rua Santo Antônio*, in which we identify four aspects that impact the process of places in *grotas*. In this way, it contributes to the understanding of childhood in the *grotas* and expands them as possibilities for valuing the territory based on studies and practices. Therefore, this study must contribute to knowledge about *grotas*'s childhoods as well as an appreciation of the grotas's territory, from your places and practices.

Keywords: children; place; urbans spaces; *grotas*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho do problema.....	16
Figura 2 – Modelo de Teia Global.....	26
Figura 3 – Identificação dos compartimentos geológicos.	41
Figura 4 – Grota da Freira.	45
Figura 5 – Parque Linear da Grota da Freira	45
Figura 6 – Mapa de localização das grotas habitadas na cidade de Maceió.....	47
Figura 7 – Recorte do bairro do Jacintinho destacando a recorte urbano em estudo.	50
Figura 8 – Mapa destacando as grotas em estudo, com microáreas.....	51
Figura 9 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Aldeia do Índio II.....	52
Figura 10 – Mapa Indicador das condições gerais da Grota do Cigano.....	53
Figura 11 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Rua Santo Antônio.....	54
Figura 12 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Rua Belo Monte.....	55
Figura 13 – Escadaria na grota Aldeia do Índio II. Fotografia tirada por Jorge Mateus, criança participante da pesquisa.....	56
Figura 14 – Rua da Esperança na Grota do Cigano. Fotografia tirada por Kelly, criança participante da pesquisa.....	57
Figura 15 – Escadaria na Grota do Cigano.....	58
Figura 16 – Terreno baldio onde foi construído o Parque Linear da Grota do Cigano, Jacintinho.	59
Figura 17 – Parque Linear da Grota do Cigano, Jacintinho.	59
Figura 18 – Praça da Morte na Grota do Cigano, Jacintinho.	60
Figura 19 – Praça da Boa Esperança na Grota do Cigano, Jacintinho.	60
Figura 20 – Grota do Ary após melhorias na iluminação pública pela Prefeitura de Maceió..	61
Figura 21 – Mapa do recorte urbano em estudo indicando o local de residência das crianças participantes.	62
Figura 23 – Vale do Reginaldo, trecho cortado pela Av. Gov. Afrânio Lages – Leste Oeste..	64
Figura 24 – Grota da Freira no bairro do Jacintinho (parte baixa da cidade ao fundo).....	64
Figura 25 – Grota das Princesas no bairro do Benedito Bentes (zona rural ao fundo).	65
Figura 26 – Sala utilizada para as entrevistas, nas instalações do Lar São Domingos.....	70
Figura 27 – Sala utilizada para as entrevistas, nas instalações do Lar São Domingos.....	70
Figura 28 – Percepções sobre o território por Kelly.....	85
Figura 29 – Percepções sobre o território por Jorge Mateus.	86
Figura 30 – Percepções sobre o território por Matt Score.....	86
Figura 31 – Percepções sobre o território por Jorge Mateus.	87
Figura 32 – Mapeamento de localização na grota	88

Figura 33 – Ligação da R. da Esperança com a Av. Com. Gustavo Paiva. Fotografia tirada por Kelly, criança participante da pesquisa.	89
Figura 34 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Kelly.	90
Figura 35 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Kelly.	90
Figura 36 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Any Gabriele.	91
Figura 37 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por <i>Matt Score</i> (em vermelho o trecho que ele não gosta, em azul o trecho que ele gosta).	91
Figura 38 – Observação escrita por Kelly, em seu caderno de desenho, após a terceira entrevista.	92
Figura 39 – Observação escrita por Kelly, em seu caderno de desenho, após a terceira entrevista.	92
Figura 40 – Mapa do recorte urbano em estudo, impresso do Google Earth sem escala, em quatro folhas tamanho A3, utilizado na segunda e terceira entrevista.	93
Figura 41 – Mapa do recorte urbano em estudo, impresso do Google Earth sem escala, em quatro folhas tamanho A3, utilizado na segunda e terceira entrevista.	93
Figura 42 – Parque do Cigano em obra.	94
Figura 43 – Parque do Cigano construído.	94
Figura 44 – Fotografias retiradas por Jorge Mateus da sua “rua”.	97
Figura 45 – Fotografias retiradas por Jorge Mateus da sua “rua”.	97
Figura 46 – Representação gráfica por Joali da sua rua.	100
Figura 47 – Locais onde Angê costuma brincar, escadaria e barreira.	100
Figura 48 – O que Matt Score menos gosta (escadas) e mais gosta (sofá e cama) no local onde mora.	101
Figura 49 – Mapeamento de áreas de lazer na Grota.	103
Figura 50 – Mapeamento de espaços públicos na Grota.	104
Figura 51 – Mapeamento de lugares na Grota.	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Avaliação das grotas quanto a atributos.	48
Quadro 2 – Perfil das crianças participantes.	85
Quadro 3 – Roteiro da Entrevista 01.	88
Quadro 4 – Roteiro da Entrevista 02.	88
Quadro 5 – Roteiro da Entrevista 03.	89
Quadro 6 – Roteiro da Entrevista 04.	90
Quadro 7 – Roteiro da Entrevista 05.	90
Quadro 8 – Roteiro da Entrevista 06.	91
Quadro 9 – Roteiro da Entrevista 07.....	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA	14
1.2	JUSTIFICATIVA	17
1.3	OBJETIVOS	20
1.3.1	Geral	20
1.3.2	Específicos	20
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	20
2	A CRIANÇA E O LUGAR	22
2.1	UM ENTENDIMENTO SOBRE A INFÂNCIA	23
2.2	O TERRITÓRIO DAS GROTAS	30
2.3	ESPAÇO <i>VERSUS</i> LUGAR	31
2.4	A QUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PELAS CRIANÇAS	33
2.5	O ESPAÇO COMO LUGAR NO TERRITÓRIO DAS GROTAS	37
3	A VEZ DAS GROTAS	39
3.1	UM BREVE CONTEXTO	40
3.2	ADENTRANDO AS GROTAS	46
3.3	O JACINTINHO	49
3.4	DO ESPAÇO AO LUGAR	61
4	A VOZ DAS CRIANÇAS	66
4.1	ABORDAGEM	66
4.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
4.3	O LOCAL	69
4.4	AS CRIANÇAS	71
4.5	PASSO A PASSO	73
5	CONSTITUINDO LUGARES NA GROTA	80
5.1	CONSTITUINDO LUGARES	80
5.2	PERCEPÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO DAS GROTAS	84
5.3	DESLOCAMENTOS NA GROTA	89
5.4	OS USOS DO TERRITÓRIO DA GROTA	95
5.5	OS VÍNCULOS COM O TERRITÓRIO DA GROTA	98
5.6	A CASA <i>VERSUS</i> A RUA	99

5.7	DO ESPAÇO AO LUGAR NAS GROTAS DO JACINTINHO _____	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	108
	REFERÊNCIAS _____	113
	APÊNDICE A – PERGUNTAS E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS _____	117
	APÊNDICE B – ENTREVISTA 06: PERGUNTAS ILUSTRADAS _____	132
	APÊNDICE C – AVATARES PARA CRIAR PERFIS DAS CRIANÇAS _____	133

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a criança ocupa uma das posições mais frágeis da sociedade, sendo compreendida, até meados do século XIX, meramente como um adulto em formação, ou um adulto com limitações (OLIVEIRA, 2004). Segundo Tonucci (2009), pensar a cidade a partir da criança significa pensar a cidade para todas as pessoas. Logo, no presente estudo partimos do pressuposto que adotar a perspectiva da criança como premissa para analisar a prática do espaço pode mudar os rumos do desenvolvimento urbano e nos levar a perceber aspectos que nos habituamos a invisibilizar, possibilidades refutadas, cidades invisíveis. Por que não?

A prática do espaço é um dos fatores que influencia e atua sobre o desenvolvimento da criança. Nos diferentes contextos socioespaciais urbanos brasileiros, são múltiplas e variadas essas práticas, tanto quanto são esses sujeitos e suas infâncias. Por isso, alguns autores do campo da sociologia, como Sarmiento e Pinto (1997), remetem ao termo infâncias nos seus estudos sobre a criança, admitindo as múltiplas realidades que produzem processos de desenvolvimento distintos e permitem diferentes experiências de cidade.

Vale considerar que as culturas, ou práticas, reproduzidas pelas crianças hoje, como jogos, brincadeiras, expressões verbais e gestuais (FRIEDMANN, 2020) possuem desdobramentos materiais e simbólicos sobre a sociedade. A qualidade e as condicionantes da relação que as crianças vivenciam com o espaço urbano, em diferentes contextos, experienciando diferentes infâncias, serão repercutidas com maior intensidade nas próximas décadas, quando as crianças de hoje estarão protagonizando e assumindo papéis concernentes às relações sociais no trabalho, organizações da sociedade civil, produções artísticas, decisões políticas, entre outras.

Contudo, Sarmiento e Pinto (1997) defendem que as crianças dispõem de consciência das suas intenções e expectativas, expressando-as quando demonstrado o interesse em escutá-las, e que há realidades sociais protagonizadas por elas. Esta concepção coloca a criança numa posição não apenas de cidadão do futuro, mas também como agente ativo da sociedade, cujas relações precisam apenas de escuta e valorização. Neste trabalho, optamos por adotar a ótica da criança, que aqui assume o papel de sujeito da pesquisa, com participação ativa.

Segundo uma perspectiva da experiência, ou das práticas, para Tuan (1983), considerar as práticas do espaço pode nos dar indícios sobre o ambiente urbano permitindo interpretá-lo enquanto participante das memórias, dos afetos, de processos de identificação e da noção de pertencimento; é quando o espaço se transforma em lugar. Compreender a qualidade e o impacto dessas práticas individuais pode auxiliar-nos a compreender outras formas de vivenciar

e projetar os espaços urbanos na melhoria da qualidade de vida urbana coletiva. Nesse sentido, lançar olhares sobre a constituição de lugares, sobretudo, sob a ótica da criança pode nos revelar novas perspectivas sobre as nossas cidades.

Contudo, adotar a perspectiva da criança para analisar a relação do sujeito com o espaço, nos territórios das grotas, nos implica dois desafios. O primeiro deles é o de aprofundar e tentar compreender experiências completamente distintas das minhas próprias, pela diferença de idade e geração. Outro desafio é o de investigar um território completamente alheio àqueles em que cresci, me movimentei e hoje ocupo. Tanto na apreensão das práticas espaciais vivenciadas, como no acesso a dados e informações significativas, o processo é desafiador. Adentrar, pois, o olhar infantil e o território das grotas representam um desbravar tão fascinante quanto assustador.

Além destes desafios, que naturalmente acompanhariam a pesquisa, o momento pandêmico – que coincidiu com os dois anos de duração da pesquisa – cheio de mudanças e incertezas, implicou desafios outros como o funcionamento restrito das escolas no sistema escolar municipal, que acabou atrasando e dificultando o contato com o território e as crianças. Tais incertezas nos levaram a recalcular a rota diversas vezes. Foi necessário repensar o tema, adaptar o objeto, mudar o recorte urbano, ajustar o formato e a amostragem da coleta de dados. Sobre esse ponto caberia até um novo estudo, pesquisa com crianças em tempos de pandemia. Apesar de tais desafios, os resultados da presente pesquisa nos permitiram entrever a percepção do território pelas crianças e os pontos-chave para a qualificação do espaço e a constituição de lugares na grotá, a partir das práticas vivenciadas pelas crianças.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Habitar em áreas urbanas não significa acessar as benesses que a cidade congrega. Em função do aspecto altamente excludente que marcou o processo de produção da sociedade, e, conseqüentemente, das cidades brasileiras, expressivo contingente populacional identificou, na ocupação de áreas socio ambientalmente vulneráveis o único modo de se adaptar às aceleradas transformações socioeconômicas que os motivou a migrar para as áreas urbanas (JUNQUEIRA, LOPES, 2005). Na cidade de Maceió, a ocupação das áreas de risco se deu, sobretudo, como consequência de uma (não) escolha da população oriunda da migração rural em meados dos anos 1970, por falta de condições de acessar moradias adequadas na cidade. Este fato é contraditório, dada a quantidade de espaços subutilizados no tecido urbano.

A especulação do território urbanizado, bem como a inadequação de políticas habitacionais, levou muitas das famílias de baixa renda a constituir assentamentos precários nos

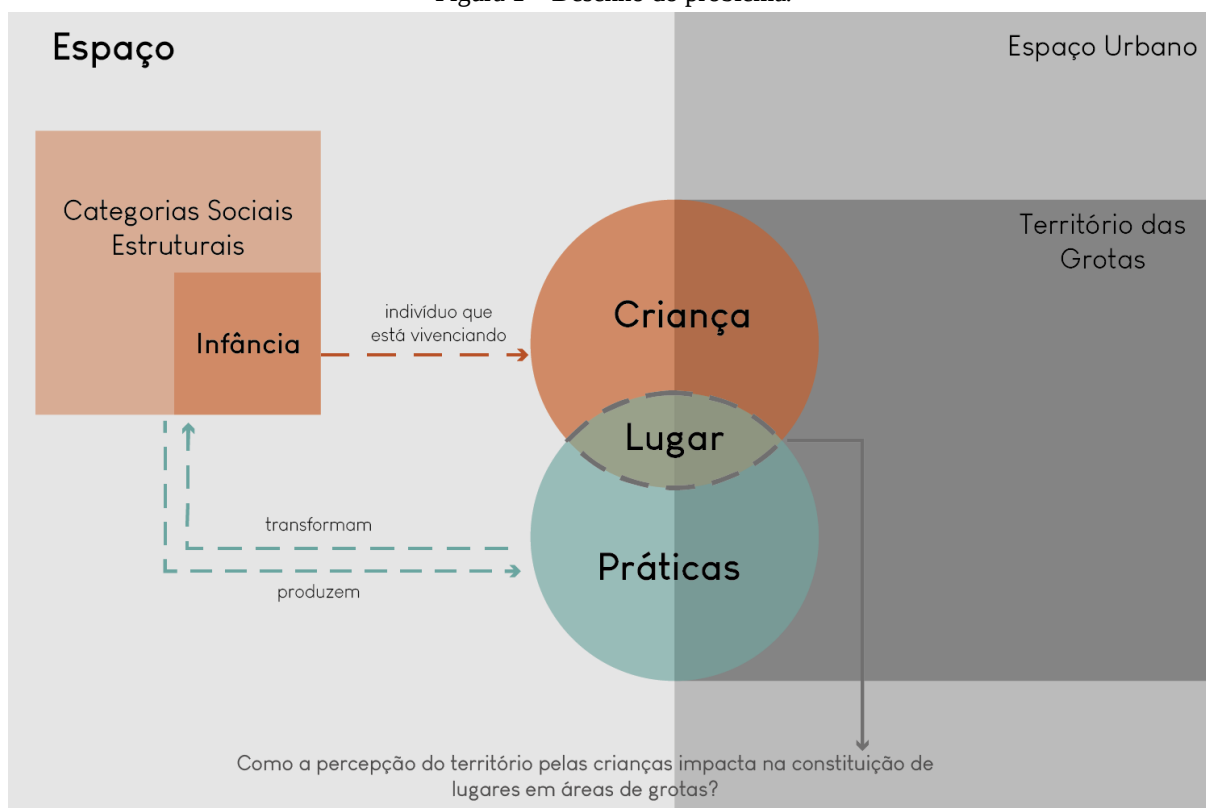
interstícios urbanos, em solos sem valor. Assim como no Rio de Janeiro, onde cerca de 22% da população reside em uma das 763 favelas, segundo dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2010), na capital alagoana aproximadamente 9,9% da população reside em assentamentos precários localizados, principalmente, em grotas (IBGE, CEMADEM, 2010; ONU-Habitat, 2019).

Entretanto, enquanto na capital carioca a precariedade das condições de moradias é explícita [morros], em Maceió 100 dos 121 territórios identificados como assentamentos precários estão situados em grotas, o que torna ainda mais invisibilizada a questão do habitar, crescer e mover-se nessas áreas (JUNQUEIRA, LOPES, 2005). Segundo a pesquisa “População em Áreas de Risco no Brasil” (IBGE, CEMADEM, 2010) cerca de 15.940 crianças, entre 1 e 14 anos, residiam — ainda em 2010 — em alguma área de risco da cidade de Maceió, a maioria delas em grotas e encostas.

Afirmar, pois, que 70% da população mundial viverá em cidades em 2050 (ONU, 2014), pouco ou nada nos diz sobre que cidades teremos nos próximos anos, ou sobre quem seremos nessas cidades, muito menos como se dará a prática do espaço para crianças e jovens. Ainda assim, é inevitável afirmar que as condições de mobilidade, moradia e lazer ofertadas às crianças afetam diretamente seu desenvolvimento sociocognitivo, o uso e a apropriação que fazem e farão da cidade.

No olhar de fora para dentro (da cidade formal para as grotas), a desordem e a vulnerabilidade são evidentes. Mas, de dentro para fora, certamente há formas distintas de organização socioespaciais que marcam a experiência cotidiana e a prática do espaço para cada indivíduo, permitindo a criação de vínculos, identidades e familiaridade com o espaço, e por meio dele. É, pois, a prática do espaço fundamental à constituição de lugares. Logo, cabe buscarmos compreender de que maneira as crianças percebem esses territórios, e de que forma isso impacta na prática do espaço e na constituição de lugares. Nesse sentido, a questão que norteia o estudo é: Como a percepção do território pelas crianças impacta na constituição de lugares em áreas de grotas?

Figura 1 – Desenho do problema.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Diante da concepção de espaço aqui adotada, enquanto dimensão mais geral e abstrata por meio da qual nos vinculamos individualmente ao mundo físico, aos outros e aos símbolos que permeiam nossa vida, o **espaço** entra como totalidade (ver figura 1). Quando praticado pela criança, o espaço é qualificado, podendo converter-se em lugar. Este último, portanto, assume aqui o papel quase central dentre as categorias, visto que para a criança o lugar é mais importante que o espaço, e que as práticas podem desdobrar-se na constituição deles. É, pois, o **lugar**, juntamente com a **criança**, considerando-se suas **práticas**, o nosso objeto teórico.

A infância é aqui admitida como categoria social estrutural, permanente, tanto quanto classes sociais, raça e gênero, e independente dos indivíduos que, provisoriamente a vivenciam: a criança (QVORTRUP, 2010). Tendo em vista a temporalidade e a espacialidade específicas da nossa análise, a criança aparece como categoria central da pesquisa, e não a infância. As práticas sociais, que se dão no espaço, se dão em um processo mútuo, são influenciadas e influenciam a estrutura social, modificando o papel e o espaço de cada categoria, seja ela etária, de gênero, entre outras (CORSARO, 2011).

Promovendo uma aproximação entre o espaço, nossa totalidade, e o campo do conhecimento no qual está inserida esta pesquisa, Planejamento e gestão urbana, o **espaço**

urbano é o nosso recorte macro, cujas complexidades contextualizam a inserção do sujeito na cidade a partir do **território das grotas**, nosso recorte aproximado, e objeto empírico.

Aqui admitimos a compreensão de que áreas de risco, como grotas, encostas, entre outras, podem sim ser áreas de habitar. Não desconsiderando as vulnerabilidades socioambientais que predispõe a ocorrência de desastres, e precisam ser consideradas caso a caso, entendemos que tais estruturas socioespaciais construídas há cerca de cinco décadas, como as grotas de Maceió, já dispõem de identidades próprias, dinâmicas consolidadas e práticas sociais, que as configuram como territórios.

Logo, para compreender o território das grotas, partimos de uma concepção de território enquanto “chão mais identidade” (SANTOS, 2002), o que nos permite apreender as grotas enquanto estruturas urbanas consolidadas que precisam não só serem supridas de infraestrutura urbana básica, mas sobretudo de valorização da sua identidade e das suas paisagens, é preciso dar vozes a esses territórios.

Nesse sentido, identificamos as crianças enquanto sujeitos com potencial para dar vozes aos territórios das grotas, tendo em vista que estas vivenciam uma prática espaço-temporal mais intensa que os demais grupos sociais (TUAN, 1983). Isto se dá porque o seu corpo está em acelerado processo de mudanças, favorecido pelos estímulos ambientais, o que permite maior vínculo com o espaço, ou maior consciência disso. Além da sensação do momento presente como único e perdurável, fazendo com que a criança permaneça em cada instante. Tais fatores possibilitam que, para a criança, não haja espaço destituído de significado (LIMA, 1989). Ou seja, na infância todo espaço praticado pode ser qualificado.

1.2 JUSTIFICATIVA

Me foge à memória o *start* para o interesse em compreender mais sobre a infância e as crianças, mas cabe destacar que a curiosidade em investigar a relação entre a criança e a cidade me acompanha desde meados da graduação em arquitetura e urbanismo, na Universidade Federal de Alagoas, quando iniciei a aprofundar os estudos em teoria do urbanismo, no início de 2017. Interesse este que me levou a realizar a pesquisa “Recriando Caminhos: concepção de soluções de desenho urbano para o caminho casa-escola a partir de proposição metodológica para a participação infantil” como trabalho final de graduação. Desde então, o campo “criança e cidade” faz parte dos meus estudos, acadêmicos e empíricos.

O território das grotas despertou a minha atenção quando ingressei em um projeto social com crianças na comunidade Vila Emater - grotas Lixão da Cobel - no bairro de Jacarecica, no início de 2015. O contato com o exemplo de Medellín, que passou por uma transformação

urbanística e social a partir de suas favelas na última década, e com o Programa Vida Nova nas Grotas intensificaram aquele interesse inicial, agora enquanto pesquisadora. Outro fator encorajador foi a instalação de um escritório da ONU-Habitat em Maceió, em 2017, que desde então vem desenvolvendo ações, projetos e publicações em torno da realidade nas grotas, a exemplo do relatório “Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió”, que pela primeira vez produziu dados qualificados sobre as grotas; e o “Projeto Visão das Grotas”, que reuniu um grupo de jovens residentes em grotas para retratar suas percepções sobre a pandemia da COVID-19 nas grotas. Dada a dificuldade de acesso ao território das grotas, sem tais iniciativas, não seria possível a realização deste trabalho.

Promover o acesso à mobilidade urbana, sensível à idade e ao gênero, bem como garantir um itinerário casa-escola seguro e saudável para todas as crianças constam como ações prioritárias da Nova Agenda Urbana, adotada a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável – Habitat III (ONU, 2016). Os compromissos supracitados visam garantir a participação de parcelas fragilizadas da população em assentamentos humanos, atividades sociais e econômicas. Tais ações repercutiram em diversos contextos da América Latina, intensificando processos em curso, a exemplo dos planos de mobilidade de Medellín, Bogotá e Caracas, e programas conflituosos, dado o debate urbanização de favelas *versus* desapropriação, a exemplo do Favela-Bairro e Morar Carioca do Rio de Janeiro.

No estado de Alagoas, em 2016, foi lançado o Programa Pequenas Obras Grandes Mudanças, com o objetivo de realizar pequenas obras de melhoria em mobilidade urbana em áreas de vulnerabilidade socioambiental. Em parceria com o programa das Nações Unidas para assentamentos humanos (ONU-Habitat), este se transformou no Programa Vida Nova nas Grotas, lançado em julho de 2017. Com isso, o programa passou a englobar ações diversas que vão desde melhorias de infraestrutura para a mobilidade até a inclusão produtiva, o desenvolvimento econômico e melhorias habitacionais.

A urbanização de morros, várzeas e grotas, entre tantas outras denominações para as áreas de vulnerabilidade socioambiental que conformam favelas em cidades latino-americanas, ainda é uma temática bastante complexa e controversa. Contudo, o fato é que o número de pessoas vivendo em áreas de risco, apenas nos municípios monitorados (959 no total) pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) ultrapassava 8 milhões de habitantes, dentre os quais 17,8% eram idosos ou crianças, tidos como grupos etários mais vulneráveis. (IBGE, CEMADEM, 2010). Cabe registrar a defasagem temporal desses dados de mais de uma década.

Na cidade de Maceió, de acordo com a última estimativa do IBGE (2018), afirma-se que a população atual é de 1.012.382 habitantes. Já a partir da pesquisa Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió (ONU-Habitat, 2019), a estimativa da população distribuída nas grotas é de 101.011 habitantes. Cerca de 36% destes estão na faixa etária entre 4 e 14 anos (mais que o dobro em relação aos dados de 2010), o que significa dizer que aproximadamente 4% da população da capital alagoana é de crianças e jovens habitando áreas de grotas.

Embora possamos relacionar contribuições notáveis de planejamento e projetos urbanos, as concepções dominantes de espaço público na atualidade revelam um entendimento limitado (CARRIÓN, 2016), por vezes até contrário àquele capaz de constituir cidades acolhedoras e educadoras desde a infância. Cabe ainda destacar que no território das grotas os espaços públicos, podem possuir assumir organizações bem distintas daquelas observadas na cidade “formal”. Aqui é uma escadaria estreita que cumpre a função de rua, ali é uma barreira descampada que cumpre a função de praça. Tais particularidades conferem diferentes aspectos que influenciam na constituição de lugares pelas crianças, e que precisam ser identificados, compreendidos e estimulados.

Apesar de admitirmos a presença de fatores de vulnerabilidades como uma fatalidade das infâncias em áreas de risco, admitimos que a maior parte das crianças utilizam os espaços públicos nas grotas, andam a pé e brincam na “rua”. Ou seja, a qualificação do espaço, a constituição de lugares acontece, independentemente de haver vulnerabilidade. Se há lugares para as crianças nas grotas, quais são? Como estão inseridos? São seguros e acolhedores às necessidades das crianças?

Portanto, esta pesquisa parte do interesse em preencher uma lacuna no campo teórico, que é a identificação do processo de constituição de lugares para essas crianças, e da infância que se desenha nesse contexto, tendo em vista as singularidades que a permeiam, como a iminência de desastres ambientais, o caráter de irregularidade, a violência policial e a ausência de infraestrutura urbana básica. Bem como no campo prático, que é a compreensão da cidade percebida por crianças que residem em territórios de grotas, na cidade de Maceió. A partir dessas motivações, o desenvolvimento desta pesquisa nos levou a identificar a permanência, a familiaridade, a apropriação e a localização como quatro aspectos da prática do espaço que permitem a constituição de lugares no território das grotas pelas crianças.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

É, pois, o objetivo geral da presente pesquisa identificar o processo de constituição de lugares em grotas do bairro do Jacintinho, Maceió - AL, a partir da percepção do território pelas crianças que nele habitam.

1.3.2 Específicos

São objetivos específicos:

- a. Identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando suas práticas, usos e vínculos.
- b. Descrever o processo da constituição de lugares em áreas de grotas pelas crianças.
- c. Identificar e caracterizar lugares no complexo da Grota do Cigano, em Maceió - Alagoas.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O conteúdo deste trabalho está organizado em quatro capítulos, estruturados da seguinte forma:

O primeiro capítulo – A Criança e o Lugar – consiste em uma fundamentação teórica a partir de revisão de literatura das categorias de análise da pesquisa, quais são: a Infância, na perspectiva da sociologia da infância com os conceitos de reprodução interpretativa (CORSARO, 2011), da infância enquanto categoria social estrutural (QVORTRUP, 2010), e da concepção da infância enquanto categoria múltipla e diversa (SARMENTO, 1997, 2005); o Lugar, sob a ótica da geografia humanista, enquanto espaço praticado e qualificado (TUAN, 1983); e o Território, na perspectiva da geografia humana brasileira (SANTOS, 2002; HAESBAERT, 2004, 2009), em vistas de adotar um conceito capaz de nomear e definir as grotas superando seu entendimento como área de risco ou assentamento precário.

Dada a peculiaridade geomorfológica que conforma a cidade de Maceió, bem como as condicionantes socioambientais que marcam a prática do espaço no território das grotas, no segundo capítulo – A Vez das Grotas – apresentamos uma caracterização das grotas, iniciando com um breve histórico da cidade de Maceió, e culminando com o processo de ocupação das grotas, a partir de publicações locais. Então, apresentamos dados e estatísticas acerca das condicionantes socioeconômicas e da qualidade de infraestrutura urbana do território das grotas

em estudo, complementados com dados primários, fruto da pesquisa com crianças, que nos permitam ir além da visão do alto e distante.

Em seguida, no capítulo A Voz das Crianças, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a identificação das percepções do território das grotas pelas crianças, partindo de uma abordagem de cunho etnográfico, para a escuta sensível e os olhares antropológicos das crianças (DUARTE, 2013; FRIEDMANN, 2020), considerando seus deslocamentos cotidianos, o uso e apropriação que fazem dele, e os vínculos criados com ele e por meio dele.

O quarto capítulo – Constituindo Lugares na Grotá – contém a apresentação das percepções do território das grotas pelas crianças e discussão do processo de constituição de lugares na grotá em estudo, a partir do compartilhamento dos materiais produzidos pelas crianças durante a realização das entrevistas semiestruturadas. Versa também sobre os quatro aspectos identificados como influentes no processo de constituição de lugares na grotá.

Por fim, na conclusão retomamos os resultados apresentados no capítulo quatro para discutir o problema e os objetivos propostos, destacando as contribuições do trabalho para o campo teórico e o campo prático. Com isso, lançamos um olhar crítico sobre a questão que norteou a realização da pesquisa “Como a percepção do território pelas crianças impacta na constituição de lugares em áreas de grotas?” para arrematar o processo de constituição de lugares na grotá, a partir das categorias de análise da pesquisa – a criança, o lugar e o território – e dos aspectos que nele impactam, identificados com as crianças.

Cabe ressaltar o apêndice A, onde podem ser encontrados os registros das entrevistas semiestruturadas, para facilitar a leitura dos resultados da pesquisa. Além dos apêndices B e C, pois nele podem ser consultados os materiais complementares desenvolvidos pela pesquisa e utilizados na coleta de dados, pertinentes à compreensão dos procedimentos metodológicos e à leitura dos resultados da pesquisa.

2 A CRIANÇA E O LUGAR

Este capítulo consiste em uma revisão de literatura em torno das categorias de análise da pesquisa. A primeira delas, a Infância, é o nosso ponto de partida, tendo em vista definir e justificar nosso entendimento sobre a criança e a infância, abordar a diversidade de infâncias, e apontar para a condição educadora do ser humano como traço potencial na articulação entre as categorias infância, lugar e território.

Para desenvolver esta temática adotamos como norte as contribuições de sociólogos da infância, com ênfase nos conceitos de reprodução interpretativa, defendida por William Corsaro (2011), da infância enquanto categoria estrutural, trabalhado por Jens Qvortrup (2010), e da concepção da infância enquanto categoria múltipla e diversa, trabalhada por Manuel Sarmiento (1997; 2005). Além desses, buscamos nos educadores brasileiros Paulo Freire (1987) e Rubem Alves (2004) reflexões acerca da criança enquanto sujeito ativo na produção de cultura a partir do seu olhar diferenciado para o mundo. Nos embasamos ainda nas contribuições de autoras nacionais que abordam a relação da criança com a cidade com maior profundidade, como Mayumi Lima (1989), por suas investigações e reflexões em torno dos espaços destinados às crianças no contexto urbano brasileiro; Cláudia Oliveira (2004), com sua valiosa tese acerca da influência das configurações urbanas na formação das crianças; e Fernanda Müller, que desde a sua tese defendida em 2007, vem desenvolvendo pesquisas que investigam a relação entre as infâncias e a cidade. Foram também consultados documentos e produções de instituições locais e internacionais voltadas ao diagnóstico das infâncias e à garantia dos direitos da criança, como relatórios do Unicef e da ONU-Habitat, e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Em seguida, revisamos o conceito de Território, com o objetivo de vincular a categoria Lugar às grotas em estudo. Então adentramos no Lugar, com o objetivo de conceituar e distinguir as categorias espaço e lugar, diante da relevância desta última ante à nossa problemática, abordamos processo de qualificação dos espaços pelas crianças, e o espaço público como fundamental à prática do espaço.

Para nortear nossas análises, partimos da perspectiva da geografia humana, com vistas a assumir um conceito capaz de definir as estruturas socioespaciais que conformam as grotas a partir das contribuições de Milton Santos (2002) e Rogério Haesbaert (2004; 2009). Então, nos valemos das contribuições de Yi-Fu Tuan (1983), da geografia humanista, acerca da perspectiva da prática do espaço pelo indivíduo e a constituição de lugares, mas também buscamos observar tais conceitos sob a ótica da antropologia, a partir dos estudos de Marc Augé (1994) sobre lugares e *não-lugares*, e da filosofia com Michel de Certeau (1994), por suas contribuições acerca da prática do espaço. Também objetivamos compreender como se dá a

qualificação de espaços e os vínculos da criança com o lugar, a partir das pesquisas das arquitetas brasileiras Mayumi Lima (1989), Cláudia Oliveira (2004) e Cristiane Rose Duarte (2013), além de compreender a importância do espaço público para a prática do espaço a partir da noção trabalhada por Fernando Carrión (2007).

Tendo em vista construir um raciocínio que nos permita compreender a categoria da infância, em sua diversidade de abordagens, passando pelas problemáticas que a permeiam em sua relação com o espaço, adentramos no território das grotas, a partir da distinção entre espaço e lugar, para compreender o processo de qualificação dos espaços pelas crianças. Seguindo essa lógica, o conteúdo deste capítulo está organizado da seguinte forma:

- Um entendimento sobre a infância
- O território das grotas
- Espaço *versus* Lugar
- A qualificação dos espaços pelas crianças
- O espaço como lugar no território das grotas

2.1 UM ENTENDIMENTO SOBRE A INFÂNCIA

Para embasar nossas análises nesta pesquisa, adotamos a perspectiva da nova sociologia da infância¹, dadas às possibilidades, conceituais e práticas, que esta nos oferece para realizarmos uma investigação com crianças no âmbito do contexto socioespacial urbano. Logo, aqui partiremos da concepção de infância enquanto categoria social estruturante e da criança como sujeito ativo e criativo que vivencia a infância.

Tendo em vista a atualidade da temática da infância, julgamos válido esboçar um breve contexto histórico acerca da conquista de direitos à infância, antes de adentrarmos na conceituação teórica. Segundo identificamos, o marco inicial dessa trajetória é a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança, em 1924, com o objetivo de garantir às crianças proteção física, prioridade no socorro, educação cívica e possibilidades para o desenvolvimento.

No ano de 1946, tem-se a criação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) – inicialmente para assistir as crianças da Europa e da China no período pós Segunda Guerra Mundial. Dada a relevância da sua atuação, em 1953 o então Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância passou a integrar permanentemente a ONU.

¹ O termo “nova sociologia da infância” refere-se a um conjunto de pesquisas e produções que tiveram início em meados dos anos 1970 até os anos 1990, inicialmente apoiada na sociologia interacionista. Como obras principais na consolidação do termo, podemos citar “Theorizing Childhood”, de James, Jenks e Prout (1998); “Childhood Matters”, de Qvortrup (1994); e “The Sociology of childhood”, de Corsaro (1997).

Em sua Assembleia Geral de 1959 adotou-se a Declaração Universal dos Direitos da Criança, com o objetivo de impulsionar a Declaração de Genebra e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (de 1948) no âmbito da infância. Já em 1989 a Assembleia Geral da ONU adotou a Convenção sobre os Direitos da Criança. Sendo o instrumento de garantia de direitos humanos mais aceito, este propõe uma atuação mais local, em nível municipal e estadual, e a participação infantil ante as políticas públicas. Pelo documento, considera-se criança todo ser humano menor que dezoito anos de idade.

No contexto nacional, a nova Constituição Federal, em 1988, estabeleceu um artigo específico (227) para assegurar os direitos das crianças, adolescentes e jovens. Em seguida, a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, representou um marco legal dos direitos das crianças e adolescentes no âmbito nacional, consolidando o artigo 227 e incorporando os preceitos adotados pela Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas à legislação brasileira. De acordo com o ECA, criança é todo indivíduo com até doze anos de idade incompletos.

Apenas no ano de 2002, pela primeira vez uma Assembleia Geral das Nações Unidas contou com a participação de crianças e jovens, foram quatrocentos representantes de todo o mundo. Ao final do evento, foi lida uma declaração formulada pelos participantes afirmando: “Nós somos as crianças do mundo, e, apesar das nossas experiências diferentes, compartilhamos uma realidade comum. Nós estamos unidos pela nossa luta de tornar o mundo um lugar melhor para todos. Vocês nos chamam de futuro, mas nós também somos o presente.” (UNICEF, 2002, p. 67) (tradução nossa). A partir de então foi publicada a agenda “Um mundo para crianças”, que prevê, em um de seus dez princípios, a escuta e garantia de participação das crianças no tocante aos assuntos que lhes dizem respeito.

É possível observar que, apesar de a criança figurar no âmbito dos direitos humanos a cerca de um século, por muito tempo o foco foi assegurar sua proteção e segurança física. A concepção da criança enquanto sujeito ativo da sociedade, bem como a questão da participação infantil em espaços de debate e construção, é bastante recente, tanto no prático quanto no campo teórico.

Remontando à etimologia da palavra infância, identificamos sua origem no latim *infantia* (*in* = advérbio de negação, *fans* = fala), que demonstra a ausência de voz da criança perante a coletividade. Segundo Oliveira (2004), em uma construção histórica, ainda hoje um dos papéis mais frágeis da sociedade é ocupado pela criança. Como consequência das visões tradicionais de socialização – muitas delas pautadas em uma concepção comportamentalista do desenvolvimento infantil –, durante muito tempo a criança limitou-se a ser vista como um

adulto em formação, ou um adulto com limitações, por vezes, ausente; e, ainda que presente, de forma discreta e secundária. Nos estudos sociológicos, a criança era vista como sujeito passivo.

Avanços no campo da sociologia da infância apontam caminhos para a compreensão da criança enquanto sujeito de direitos, capaz de assimilar a cultura dominante na qual está inserida, na mesma medida em que produz cultura, cujos reflexos repercutem tanto entre seus pares quanto na cultura dominante (CORSARO, 2011). Essa afirmação tanto qualifica a criança como cidadã dotada de direitos e deveres quanto nos leva a refletir sobre como tem sido a experiência da infância na cidade, em toda a sua diversidade e com todas as suas nuances.

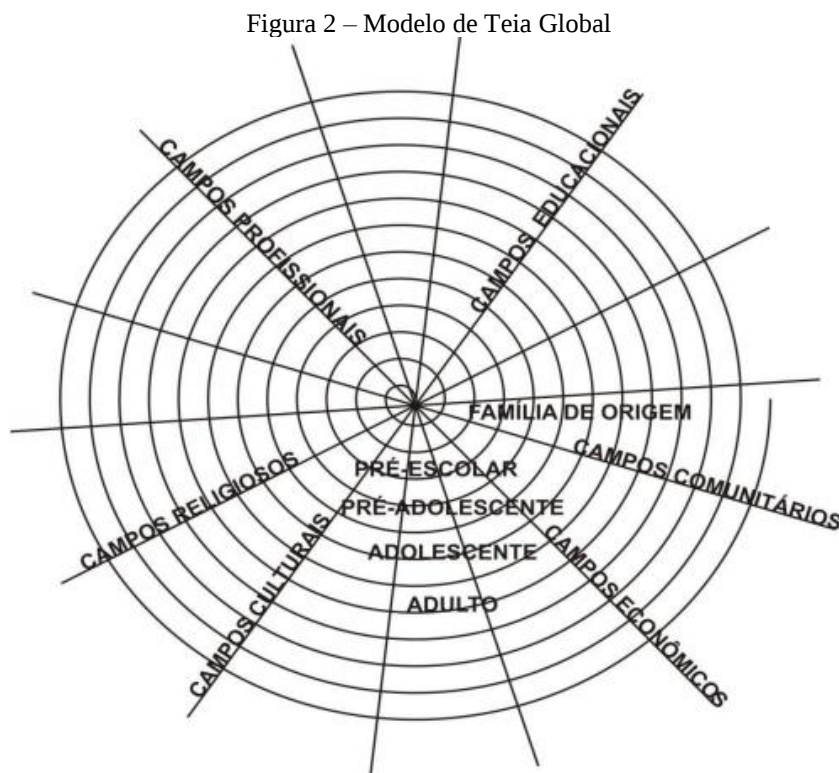
Foi a partir da ascensão das teorias construtivistas na psicologia do desenvolvimento, sobretudo a tese cognitiva de desenvolvimento do biólogo suíço Jean Piaget (1999) e a abordagem sociocultural do psicólogo russo Lev Vygotsky, que o papel ativo e criativo da criança foi revelado e valorizado. Para Piaget, a criança é um ser epistêmico, que detém de um desenvolvimento intelectual em potencial consequente à construção de esquemas sensório-motores. Na contramão da psicologia clássica, que se fixava na identificação das limitações, o estudioso se debruçou sobre os traços positivos do pensamento infantil.

A partir dos seus ensaios, identificou que a criança demanda estímulos das habilidades cognitivas específicas ao estágio no qual está situada. Ao todo são quatro os estágios, categorizando as habilidades da criança desde o nascimento até a adolescência. Sua teoria propõe que a interação entre o indivíduo e os objetos passíveis de conhecimento provocam apreensão de realidades subjetivas e construção de conhecimentos, a partir das inquietações que eles geram sobre a criança, demandando a tomada de decisões para restaurar a desorganização provocada, seguindo os processos de assimilação, acomodação e equilíbrio. Podemos compreender o espaço como um desses objetos abordados por Piaget. Objeto este sobre o qual discorreremos neste trabalho.

Já a partir da teoria sociocultural, o processo de desenvolvimento em todos os âmbitos da criança se dá a partir de relações sociais e do contexto cultural vivenciados, cuja ausência pode gerar distúrbios sobre a sua atuação. Ou seja, para Vygotsky, a criança é um sujeito essencialmente sociocultural que é influenciado e influencia a produção de cultura. (VYGOTSKI apud IVIC, 2010). Vygotsky sugere que o desenvolvimento de conhecimento e intelectualidade decorre de interações sociais com outros indivíduos, não considerando a socialização entre pares, e com o meio externo. Somente após esse processo, é possível que ela intervenha sobre o meio no qual está inserida.

Corsaro (2011) identifica, no entanto, que o foco em resultados, presente em ambas as teorias, acabou por menosprezar a complexidade que permeia a relação entre a infância e as demais categorias estruturais da sociedade, como raça, gênero e classe, bem como a importância da coletividade e das relações interpessoais para a participação ativa das crianças. Logo, avançando nesse ponto da discussão em torno do desenvolvimento da criança, Corsaro (2011) deixa sua contribuição a partir da abordagem da reprodução interpretativa e da valorização da interação entre pares (crianças com crianças).

A noção de reprodução interpretativa trabalhada por Corsaro (2011) esboça um modelo de teia global, incorporando aspectos coletivos do desenvolvimento, avançando em relação aos modelos lineares, mais focados no desenvolvimento individual da criança. Nessa perspectiva, que embasa a nova sociologia da infância, a criança é compreendida como um ser social ativo e criativo, capaz de interpretar e produzir cultura, tanto impactada quanto influente, sobre as culturas dominantes e perante as outras categorias da estrutura social, ante os diversos campos nas quais está inserida, conforme ilustrado pelo modelo utilizado por Corsaro, apresentado na figura 2.



Fonte: CORSARO (2011, p. 38)

Acerca do entendimento da infância enquanto categoria social estruturante, segundo Qvortrup (2010), a infância não consiste puramente em uma etapa do indivíduo rumo à vida adulta – quando ele terá todas as suas habilidades e capacidades amadurecidas ou desenvolvidas –, mas, senão, em uma categoria basilar da sociedade, permanente de qualquer estrutura

geracional, e que está em constante transformação, diante e em meio às demais categorias sociais, considerando uma série de campos.

Nada é alterado, naturalmente, no fato de que toda criança está caminhando em direção à idade adulta; contudo, o que difere são as condições e as circunstâncias em que isso acontece. Isto é, em outras palavras, a infância, em termos estruturais, assume formas diferentes como resultado das transformações sociais. (QVORTRUP, 2010, p. 641)

Podemos afirmar, portanto, que uma criança de oito anos de idade em uma grande cidade não vivencia uma infância semelhante à de uma criança da mesma idade, e no mesmo contexto, trinta anos atrás. Tampouco a infância desta primeira é semelhante à de uma criança que vive na zona rural, ou em uma área de risco, ainda que sejam contemporâneas. Logo, a noção da infância enquanto categoria estrutural pressupõe uma concepção de desenvolvimento mais ampliada que aquela que se refere à aquisição de habilidades e capacidades.

A partir da reprodução interpretativa, bem como da infância enquanto categoria estrutural da sociedade, é possível compreender que tais transformações e singularidades que diferenciam as infâncias, no tempo e no espaço, são, não apenas produto e consequência das transformações sofridas em outras categorias sociais, mas também contributo das próprias crianças, que, em suas relações socioespaciais, recriam novas combinações. Essa concepção poderia permitir ainda investigar e compreender se há diferentes níveis de criação, além de como e porque elas acontecem.

Segundo Sarmiento (2005), a condição social da infância é homogênea, no que se refere à categoria social geracional, sobretudo pelos fatores biológicos, em relação às demais categorias geracionais. A puberdade, por exemplo, é um processo fisiológico natural, pelo qual, invariavelmente cada indivíduo irá passar, contudo, quando e como esse processo se dará decorre de uma série de outros fatores. Logo, essa condição também é heterogênea, por ser atravessada por outras categorias sociais estruturais, como gênero, raça e classes sociais. Em sua condição heterogênea, a infância apresenta desigualdades e singularidades que denotam inúmeras infâncias dentro de um mesmo recorte socioespacial, como uma cidade.

O entendimento da condição heterogênea da infância, atrelado à noção de infância enquanto categoria estrutural, nos permite compreender que, apesar dos impositivos fisiológicos e psicofisiológicos que atuam sobre o indivíduo, a relação da infância com outras categorias sociais, em diferentes contextos socioespaciais, vai esboçar diferentes infâncias. Podendo atuar, inclusive, sobre os próprios fatores biológicos.

A esse respeito, cabe destacar que muitas das pesquisas atuais envolvendo crianças nas cidades atestam para problemas como: o afastamento das crianças da rua, espaço que para elas

passa a adquirir a função única de circulação, ou a falta de vivência dos espaços públicos, pelo fato de algumas crianças apenas se deslocarem em veículos motorizados. No entanto, essas são questões que afetam especialmente as crianças de classe média em áreas centrais de grandes cidades. Se nos deslocamos para periferias ou áreas de risco, muitas vezes, percebemos que tais problemáticas não se aplicam, ou se aplicam apenas para pequena parcela das crianças, mas que, por sua vez, existe uma série de outras problemáticas presentes nesse contexto que acabam sendo inexploradas. Logo, observamos que analisar a qualidade e o impacto de práticas individuais das crianças no espaço pode nos auxiliar a compreender outras formas de vivenciar e pensar os espaços urbanos.

Já com relação à condição homogênea ressaltamos que, sendo legítima e inquestionável a responsabilidade de proteção e amparo que os adultos devem ter para com as crianças, o mesmo não acontece no sentido contrário, na identificação de trocas e mudanças sociais promovidas a partir da criança. É, pois, essa relação geracional desigual um dos fatores responsáveis por manter a infância como categoria social secundária, frequentemente subalterna e quase sempre passiva, a partir de uma perspectiva adultocêntrica. Acerca dessa perspectiva — ainda a concepção dominante de infância — Sarmiento (2005, p. 23) comenta:

O que não pode deixar de ser anotado senão como um paradoxo, com expressivo significado social, é que as distintas representações da infância se caracterizam especialmente pelos traços de negatividade, mais do que pela definição de conteúdos (biológicos ou simbólicos) específicos. A criança é considerada como o não-adulto e este olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano ‘completo’.

Essa incompletude, ou a premissa de inacabamento, é justamente um traço que Freire (1987) aponta como qualidade essencial da condição humana, compartilhada ainda com outros animais. Entretanto, enquanto estes apenas são inacabados, nós temos consciência de que o somos. É, pois, nessa condição de incompletude que reside o desejo primeiro da descoberta, do aprendizado, do conhecimento. “Daí que seja a educação um fazer permanente. Permanente, em razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.” (FREIRE, 1987, p. 72)

Nesse sentido, Alves (2004) afirma ser a infância não uma etapa para se chegar à fase adulta, mas um estado de espírito que nos permite levar com seriedade nosso olhar sobre cada experiência no mundo, como o da criança ao brincar. O gesto desbravador e o desejo confesso de aprender são traços eminentes na infância, cujo potencial deveria ser estimulado e valorizado em todas as etapas da vida. Longe de restringir o fazer educativo a um estágio da vida humana, tampouco podemos restringi-lo a um ambiente, como o escolar. Daí a necessidade de também estudar o desenvolvimento da criança na cidade, no espaço urbano, no cotidiano. Tendo em

vista que as infâncias são dinâmicas, tanto quanto o são as cidades e os espaços de vida, poderíamos nos questionar sobre a forma pela qual as nossas cidades acolhem e permitem, na contemporaneidade, relações de aprendizado aos indivíduos em suas diversidades.

Oliveira (2004) afirma serem espaços de aprendizado todos aqueles que permitem a realização de experiências lúdicas e a socialização. Segundo Piaget (1999), a criança vivencia um processo progressivo de socialização no estágio pré-operatório, entre os dois e os sete anos de idade, quando passa a dispor de maior autonomia. Logo, sobretudo nessa etapa, a socialização é fundamental para a criança. Müller e Nunes (2014) atestam para a importância de compreendermos a socialização como um processo crescente e contínuo, presente em todas as fases da vida humana e não apenas encerrado na infância, como se costuma utilizar para designar a inserção da criança na sociedade. E complementa:

Esta afirmação recompõe as relações entre crianças e adultos, logo, todos são seres em formação que aprendem nas relações intra e intergeracionais ao longo de toda a vida. Através da análise da categoria geração, é possível perceber que crianças são criativas e transformam as relações dentro da família, por vezes, se colocando como alguém mais ‘capaz’ que os próprios adultos. (MÜLLER, NUNES, 2014, p. 167)

A criatividade e as transformações que as crianças podem exercer dentro da família nos desperta o olhar para o papel destas na produção e reprodução de cultura, tanto quanto os adultos. É, pois, a condição de aprendizes o que nos permite ir além das influências culturais, e construir cultura na mesma medida em que assimilamos. Na infância, a condição de aprendizes parece mais evidente devido à fase de desenvolvimento cognitivo em que se encontram as crianças. Contudo, essa condição não é (nem deveria ser vista como) restrita à infância. Dado os imperativos biológicos e os estímulos ambientais, Tuan (1983) afirma que, desde o nascimento, as curvas de aprendizagem do indivíduo são progressivas, sem termo.

Ainda de acordo com Tuan (1983, p. 23), “a biologia que condiciona [inicialmente] nosso mundo perceptivo”, visto que, ao nascermos nosso córtex cerebral² tem apenas 10 a 20% das células nervosas, neurônios, presentes em um cérebro maduro³. O autor afirma que, ao nascer, somos incapazes de diferenciarmo-nos do ambiente externo, logo, o recém-nascido “não tem mundo”. Entretanto, na infância, sobretudo na primeira infância (dos 0 aos 6 anos de idade), são estabelecidas até 90% das conexões cerebrais – o que possibilita uma experiência sensorial ativa e acelerada. (UNICEF, 2006).

² Camada externa do cérebro, responsável pela capacidade humana do pensamento, linguagem, movimentos involuntários e percepção sensorial.

³ Estudos recentes da neurociência estabelecem que o desenvolvimento estrutural do cérebro se dá até, por volta dos 25 anos de idade, quando se torna maduro.

Quanto à sensorialidade da experiência, Tuan (1983) assevera que um bebê começa a conhecer o espaço ao mover os seus membros e o explora a partir da sua boca. O olfato se inicia ainda na vida intrauterina, como também a audição. Já a visão vai se desenvolvendo aos poucos. No entanto, para o autor (1983, p. 25), “a capacidade de ver está intensamente firmada em experiências não visuais”, ou seja, todos os sentidos, de alguma forma, participam da percepção do espaço pelo bebê. Espaço este que se inicia concentrado em si mesmo e logo vai se expandindo para os cuidadores, os quais Tuan (1983) afirma serem o primeiro espaço explorado até objetos maiores, mais amplos e complexos.

Cabe destacar dois aspectos importantes a partir deste entendimento. O primeiro deles diz respeito às relações sociais vivenciadas pela criança, visto que os cuidadores, ou seja, outros indivíduos são suas primeiras referências de mundo. O segundo ponto é a necessidade do uso e da apropriação, ou seja, da prática do espaço, para que a criança se desenvolva e amplie a sua percepção de mundo. Ampliando a percepção de mundo, tais aspectos podem, inclusive, influenciar na prática do espaço e na constituição de lugares pelas crianças.

Freire (1987, p. 43), por sua vez, assevera que “como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre no indivíduo no seu aqui e no seu agora, que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados”. De nossa perspectiva, é, pois, a infância o ponto de partida para se pensar caminhos novos para velhos problemas, tão presentes em nossas cidades, e o espaço é o ponto de partida para o aprendizado, em nossa experiência individual e coletiva sobre a cidade.

Compreendemos que, a partir da concepção da infância enquanto categoria social estruturante e sua relação com a prática do espaço, será possível identificar o processo de constituição de lugares na grotta do Cigano, em Maceió, Alagoas. Nosso ponto de partida será a percepção do território por crianças que nele habitam. A escuta sensível e os olhares antropológicos serão o nosso Norte para garantir não apenas a consideração das crianças como sujeitos da pesquisa, mas, sobretudo, a sua participação efetiva no processo de pesquisa.

2.2 O TERRITÓRIO DAS GROTTAS

Diante da dificuldade de conceituar o espaço que compreende as grotas, optamos por buscar na geografia humana brasileira, com Santos (2002) e Haesbaert (2004; 2009) um conceito que nos permitisse compreender e nomear o espaço, físico e simbólico, das grotas. Portanto, antes de adentrarmos no próximo capítulo, onde abordaremos as especificidades das grotas da cidade de Maceió, julgamos válido compreender o conceito de território, haja vista a

opção por utilizá-lo para nos referirmos ao espaço — físico e simbólico — conformado pelas áreas de grotas.

Santos (2002) admite que o conceito de território está em constante transformação, tanto quanto as relações de poder no espaço o são, assumindo diferentes designações ao longo do tempo. Contudo, refletindo sobre as relações entre território e poder na contemporaneidade, no artigo “O Dinheiro e o Território”, o geógrafo assume uma concepção que ultrapassa as relações de poder, atrelando-o à atuação humana, à identidade.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2002, p. 10)

Haesbaert (2009), por sua vez, relaciona o território a uma dimensão do espaço que envolve a manifestação de relações de poder numa dimensão política. Entretanto, assim como Santos (2002), admite a multiplicidade de conceitos e aplicações que envolvem o território, cujas transformações se dão em função da materialização das práticas sociais, em determinado tempo, em determinado espaço. Para Haesbaert, "o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural." (2004, p.79)

Observa-se que, em ambos, o território pode ser compreendido como uma instância, ou uma dimensão, que articula relações de poder ao espaço a partir da atuação humana. Concepção esta que nos permite identificar o processo de constituição de lugares, pelas crianças, a partir da percepção que estas têm do território das grotas. Apesar disso, a categoria território não é suficiente para abranger aquilo que buscamos compreender acerca das crianças na grotas.

Cabe destacar que, para compreendermos a percepção do território na perspectiva das crianças, identificamos na categoria espaço um campo vasto de análise. Entretanto, reconhecendo o intenso processo de qualificação dos espaços como traço característico das infâncias, admitimos que a categoria lugar assume maior importância que o espaço, nesta pesquisa. Para tanto, a seguir iremos conceituá-los e diferenciá-los.

2.3 ESPAÇO *VERSUS* LUGAR

A diferenciação entre espaço e lugar, necessária à construção do nosso raciocínio nesta investigação, passa por olhares multidisciplinares que se propuseram a conceituar tais categorias de análise. Nesse sentido, cabe destacar as contribuições de Certeau (1994), que se

utiliza da conceituação de espaço e lugar na construção de sua narrativa acerca das “práticas cotidianas”, de Augé (1994), que aborda as relações entre espaço e lugar para estabelecer o conceito de “não-lugares”, e de Tuan (1983), que disserta acerca do espaço e do lugar, enquanto categorias correlatas, cujas diferenciações se dão a partir das experiências do indivíduo no ambiente.

Segundo Certeau (1994, p. 201), “um *lugar* é a ordem” que estabelece posições para as relações de coexistência, sejam elas quais forem. O lugar implica, portanto, “uma indicação de estabilidade”. Sua concepção remete, pois, ao lugar como uma instância indistinta, conformada pelas linhas traçadas pelos urbanistas, cuja geometria se converte em espaço a partir das “práticas do cotidiano” realizadas por sujeitos históricos, que o animam e conferem significado. Nessa perspectiva, seria, pois, o espaço um “lugar praticado”.

O autor se utiliza do termo “práticas do espaço” para descrever as práticas cotidianas que permitem converter o lugar, ordenado e estável, em espaço produzido pelos indivíduos. Entretanto, quando nos remetemos às grotas, observamos que a ordem e a estabilidade caracterizadas por Certeau para definir a estrutura urbana que está posta para os indivíduos contrasta com o imprevisto e a dinamicidade presentes nesse território.

Por outro lado, o espaço para Augé é “eminentemente abstrato”, podendo ser aplicado “a uma extensão, a uma distância entre duas coisas ou dois pontos” (1994, p. 77). Já o lugar, em sua perspectiva, é conceituado como um espaço antropológico. Entretanto, para além da conceituação terminológica utilizada por Certeau, Augé não define o lugar como um espaço praticado, mas como um espaço histórico, passível de qualificação. E, divergente, mas não antagônico a este lugar antropológico, o autor supõe a existência de não-lugares, como espaços sem história, que não promovem a criação de vínculos e qualificações.

Contudo, Augé (1994, p. 98) destaca que, “na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja”, o que nos remete à compreensão de Tuan (1983) quando sugere que os significados de espaço e lugar estão intimamente relacionados, não sendo possível conceituar um sem compreender o outro.

Para Tuan (1983), o espaço é campo de atuação. Vivemos no espaço, e, “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” (p. 6). Segundo Tuan (1983, p. 132), “temos um sentido de espaço porque podemos nos mover e de tempo, porque, como seres biológicos, passamos fases recorrentes de tensão e calma”, sendo pois “o espaço como a esfera de liberdade da limitação física, e o tempo com a duração na qual a tensão é seguida de calma.”

Nesta perspectiva, espaço-temporal, podemos relacionar a prática do espaço como a pausa que permite a constituição de um lugar.

De acordo com Tuan (1983), à medida em que o espaço, abstrato, é praticado, experienciado, ele se particulariza, transformando-se em lugar. O geógrafo (1983) afirma que o espaço apenas é praticado quando é possível se mover. É, pois, a prática que qualifica espaços em lugares. Por sua vez, Certeau (1994, p. 191) atrela o gesto de praticar o espaço à “experiência jubilosa e silenciosa da infância”. Sobre esta afirmativa, Augé, em *Não-lugares* (1994, p. 78), a descreve como “a experiência da primeira viagem, do nascimento como experiência primordial da diferenciação, do reconhecimento de si mesmo e com o outro, que reitera a do andar como primeira prática do espaço”.

Ao caracterizar a relação da criança com o espaço, Lima (1989) propõe que o espaço é um elemento material por meio do qual experimentamos as sensações físicas e psicológicas. Não havendo vazio (nem material, nem simbólico), todas as nossas relações se articulam e se organizam em algum espaço. Inevitavelmente dinâmico, o espaço se transforma fisicamente, da mesma maneira que diferentes espaços se qualificam e passam a carregar significados distintos para cada pessoa. Apesar das distinções existentes entre as concepções de espaço e lugar aqui apresentadas, em todas elas é possível identificar a pressuposição de que a prática cotidiana do indivíduo, a partir do uso e da apropriação, particulariza-o, qualifica-o.

Segundo Lima (1989), para a criança, todo espaço praticado é qualificado. Logo, em uma análise sobre a criança, a categoria lugar assume maior importância que a categoria espaço. Portanto, optamos por partir da concepção de Tuan (1983), do espaço enquanto elemento ambiental articulador do indivíduo com os outros e com os símbolos e significados que permeiam a vida humana, e do lugar enquanto espaço particularizado a partir de um processo de qualificação. Nessa perspectiva, aqui admitimos o lugar como um espaço qualificado.

2.4 A QUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PELAS CRIANÇAS

De acordo com Tuan (1983), o espaço, para a criança pequena, é um objeto grande e difícil de descrever, entretanto, a criança desenvolve suas habilidades sensoriais à medida que o seu corpo se desenvolve, e são os estímulos ambientais que irão ajudá-la a se orientar no espaço. Além disso, estes são muito importantes para um bom desenvolvimento dos circuitos neurais, afirma Oliveira (2004). A percepção do espaço se dá através de todos os sentidos, entretanto, com o passar do tempo, e diante do dia a dia, somos levados a utilizar apenas uma pequena parcela dos nossos sentidos (TUAN, 1974, p. 12). Para a apreensão do espaço, por exemplo, no início da primeira infância o tato se sobrepõe aos demais. Tuan (1983), contudo,

afirma que somos animais predominantemente visuais. E que, na sociedade moderna, passamos a depender sobremaneira da visão; vivemos em um mundo visual. Ou seja, para nos desenvolvermos e adquirirmos noções de mundo, na atualidade, dependemos mais da visão do que dos outros sentidos. Nessa perspectiva, a visibilidade, ou seja, o que nossos olhos captam quando visualizam o espaço representa pontos de interesse ou de atenção.

Uma criança, de cerca de sete ou oito anos até os treze, catorze, vive a maior parte do tempo, neste mundo vivido. Ao contrário do infante que está aprendendo a andar, a criança mais velha não fica presa aos objetos mais próximos nem aos arredores; ela é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. Ela tem muito da habilidade conceitual do adulto [...] sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta para o mundo. (TUAN, 1974, p. 65)

Nesse sentido, podemos afirmar que a experiência da criança ao praticar o espaço se dá de forma mais intensa, o que se apresenta como traço potencial para perceber um território, apreender a perspectiva da criança. Segundo Lima (1989), para a criança não há espaço físico destituído de significado. Ou seja, não há espaço que não seja qualificado. Há, pois, “o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, espaço-mistério, o espaço-descoberta”. Rubem Alves (2004, p. 10), por sua vez, assevera que “para as crianças, o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite”

Por esse motivo, Oliveira (2004) defende que quanto mais estimulante e diverso for o espaço, quanto maiores as possibilidades de movimento e de apropriação criativa, maior será o número de estímulos que a criança receberá. Consequentemente, mais rica será a sua formação sociocognitiva e a relação nutrida com a localidade vivenciada. Aí reside a importância do espaço para o desenvolvimento da criança. A partir da experiência do corpo no espaço, é possível adquirir ainda habilidades motoras, equilíbrio, autonomia e valores afetivos. Com o espaço, mas sobretudo, por meio dele.

Acerca da experiência espaço-temporal de uma criança, Tuan (1989) assevera que esta se dá de forma mais intensa que a de um adulto. Com isso, a percepção de espaço pela criança se amplia e se consolida à medida que ela identifica mais objetos conhecidos e permanentes. A partir dessa compreensão, podemos afirmar que a criança qualifica, mais que os adultos, os espaços que vivencia. Contudo, ressaltamos que há fatores e aspectos que influenciam esse processo de qualificação, visto que são necessários o conhecimento e a identificação de objetos permanentes.

Segundo Tuan, estudos etológicos revelam que essa qualificação do espaço está presente também em outras espécies animais, com quem compartilhamos padrões de comportamento.

Nessa perspectiva, o espaço é diferenciado, demarcado, é alvo de disputas. Enquanto o lugar é onde nos sentimos seguros ou temos nossas necessidades satisfeitas. Para Tuan, (1983, p. 198) “o lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum senso de lugar.” Assim sendo, o lugar é pausa.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 1997, p. 15)

No processo de atribuição de significado ao espaço, de sua organização e identificação enquanto lugar, podemos tomar aspectos culturais como um dos fatores de maior influência. Nesse sentido, cabe interrogar sobre o papel da criança produtora de cultura e definidora de lugares na cidade. De fato, a cultura organiza grande parte do comportamento e dos valores humanos. Entretanto, ao abordar a noção de lugar pela perspectiva da prática do espaço, este se define também por representações simbólicas, pela noção de intimidade, conforto e segurança, pela sua qualidade ambiental. Mais ainda, conforme Tuan (1983), a constituição de lugares permite a construção de uma realidade exterior em constante relação com nosso interior. Estabelece-se assim uma relação recíproca de elaborações e construções entre o sujeito e o lugar. É assim que o espaço, enquanto lugar, participa da construção do mundo para a criança.

Segundo Duarte (2013), a conversão de um espaço do cotidiano, a partir de sua qualificação, em lugar não consiste em um processo pontual, nem tampouco linear. Trata-se, pois, de um contínuo, no qual o indivíduo atribui significados ao espaço, modificando-o e sendo modificado por ele. A esse processo, Duarte (2013) chama “moldagem do Lugar”, fazendo alusão ao sentido artesanal do termo moldar. Aqui destacamos questões como o tempo e a apropriação, visto que, não sendo pontual nem tampouco linear, a moldagem do lugar consiste em um processo ativo.

Do ponto de vista da geografia humana, Santos (1997) vai definir o lugar não só como espaço individual de pertencimento, mas como um espaço cotidiano, qualificado e compartilhado, tanto material quanto simbolicamente, que tem a cooperação e o conflito enquanto gestos essenciais. No contexto urbano, é, pois, o espaço público, a instância mais completa de troca, do convívio, do aprendizado, da cooperação e do conflito.

Diante da relevância das interações sociais, ou seja, da socialização, para as crianças em seu processo de desenvolvimento psicossocial (OLIVEIRA, 2004), bem como a importância do espaço público para dar forma à vida coletiva urbana, a partir do exercício da alteridade e da

sociabilidade (CARRIÓN, 2007), identificamos o espaço público como um traço comum entre ambos – criança e cidade – no processo de constituição de lugares. Este entrelaçar nos permite estudar a participação da criança na cidade sob formas de experiências coletivas, segundo práticas da interação social. Nesse sentido, compreender quais os espaços públicos ocupados pelas crianças em determinado território, as restrições à ocupação, as formas de apropriação e a organização formal desses espaços pode nos dar indícios de como a infância se estrutura ali, como incorpora e como produz cultura.

Com relação às culturas produzidas pelas crianças em um determinado território, podemos observar quais são os jogos, as brincadeiras, expressões verbais e gestuais e outras práticas sociais realizadas por elas, e como tais práticas se dão no espaço. Assim como podem ser observados traços comportamentais compartilhados pelas crianças nesse território e como eles se materializam no espaço.

Se a cidade é o espaço que concentra a heterogeneidade social de um grupo populacional grande e denso, são necessários espaços de encontro e contato, tangíveis (praças) ou intangíveis (imaginários), que permitam aos diversos reconstruir a unidade na diversidade (a cidade) e definir a cidadania (democracia). Esses lugares são justamente os espaços públicos. (CARRIÓN, 2016, p. 22)

Ao lançar um olhar sobre o espaço da criança no espaço urbano, logo adentramos também no conceito do espaço público. Augé (1994) vai denominar de *não-lugares* aqueles espaços onde não é possível se criar identidades e relações. Em contraposição a esse conceito, Carrión (2016) afirma que os espaços públicos tendem a ser lugares, visto que cumprem as funções de dar forma à vida coletiva e representar os aspectos simbólicos de uma coletividade. O espaço público, como um lugar, participa da construção do mundo para a criança, por sua vez, segundo componentes próprios, como alteridade, sociabilidade e cidadania.

Aqui adentramos em outro ponto de análise, que é a relação entre os indivíduos com o espaço público. Não do ponto de vista da relação individual com uma estrutura urbana, como uma relação encerrada em si mesma, mas, senão, da relação do e entre os indivíduos com o espaço público como ponte para a constituição de lugares dentro do espaço urbano. Podem, pois, esses lugares assumirem diversas formas, tais como ruas e praças (espaços livres públicos), ou ainda edificações de uso coletivo, como centros comunitários e ginásios (espaços coletivos).

A compreensão de Carrión (2007) acerca de espaço público foi aquela que melhor nos permitiu analisar as relações sociais da infância no espaço das grotas. Superando as concepções dominantes de espaço público — da perspectiva das teorias do urbanismo operacional, da perspectiva jurídica, e de uma perspectiva filosófica —, Carrión nos permite vislumbrar maior

variedade de estruturas formais que cumpram esse papel. Cabe destacar que, em sua construção teórica, o estudioso rompe com as três concepções dominantes de espaço público, que remetem: à primeira como espaço residual para vincular os demais usos do solo, à segunda como oposto ao espaço privado, ou ainda ao espaço construído, e à terceira como espaço da liberdade.

Valendo-nos do embasamento do referido autor, neste trabalho, compreenderemos o espaço público enquanto lócus do convívio, da heterogeneidade e da alteridade. Esta concepção nos possibilita compreender as dinâmicas socioespaciais das grotas, resguardando suas especificidades. Ou seja, ao nos referirmos ao espaço público, aqui, estamos falando das ruas, da praça⁴, do parque⁵, mas também dos becos, das escadarias, das barreiras e de quaisquer outros espaços porventura citados pelas crianças, identificados com a concepção adotada.

2.5 O ESPAÇO COMO LUGAR NO TERRITÓRIO DAS GROTAS

Antes de adentrarmos no território das grotas e escutarmos a voz das crianças, cabe destacarmos os pressupostos teóricos que irão nortear o direcionamento deste trabalho, a partir do apanhado teórico aqui apresentado. Começando pelas infâncias, observamos que sua compreensão enquanto categoria social estrutural dinâmica e diversa, e da criança enquanto sujeito ativo e criativo, nos permite uma apreensão atual e legítima do território das grotas. Visto que, para a criança, todo espaço praticado é qualificado; esta apreensão deve partir da identificação de lugares constituídos pelas crianças.

Ressaltamos ainda que é o lugar, em nossa perspectiva, um espaço qualificado. O espaço, por sua vez, é um conjunto que vincula as ações humanas ao “chão” no qual estamos posicionados. Logo, o território se apresenta como um quadro que apreende determinado espaço, considerando os seus aspectos físico-territoriais bem como as culturas produzidas nele e a partir dele.

Portanto, podemos afirmar que o território das grotas abrange desde o seu relevo característico, seus espaços públicos e seus padrões construtivos, até os seus cheiros, os sons, as brincadeiras das crianças, os conflitos entre vizinhos, a violência policial, as expressões culturais e tudo mais quanto ali couber. Nesse sentido, o território das grotas traduz e representa a sua essência.

⁴ Praça da Morte, reformada e inaugurada em março de 2022, pelo governo do estado de Alagoas, passando a se chamar Praça da Boa Esperança. É a única praça situada dentro da grotá, no recorte urbano em estudo nesta pesquisa.

⁵ Parque do Cigano, inaugurado em março de 2022 pelo governo do estado de Alagoas na grotá do cigano.

Compreendemos que, tanto no campo da sociologia, quanto no campo da arquitetura e do planejamento urbano, dispomos de autores outros que poderiam contribuir para a construção do embasamento teórico desta pesquisa, ampliando e aprofundando nossa discussão sobre o lugar e o território, ou ainda inserindo ao trabalho novas categorias de análise. Contudo, nossas escolhas e o caminho trilhado justificam-se na premissa de seguir uma concepção atual da criança e das infâncias, garantindo sua participação efetiva no processo de pesquisa. Bem como no processo de constituição de lugares como meio de evidenciar o território, com suas singularidades. Logo, o embasamento utilizado foi aquele que melhor nos permitiu trabalhar e relacionar tais premissas.

Portando, a partir do apanhado teórico construído, tais categorias de análise vão nortear a nossa identificação da percepção do território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando seus deslocamentos, suas práticas e os vínculos nele criados. Mais adiante, este embasamento desdobrar-se-á ainda na compreensão dos aspectos relativos à prática do espaço pelas crianças que definem a constituição de lugares.

3 A VEZ DAS GROTA

Tendo em vista a especificidade do campo investigado neste trabalho, admitimos a necessidade de constituir um capítulo com o objetivo de adentrar no território das grotas. Desconstruir a ideia generalizada de favela é, pois, tão importante quanto desconstruir a ideia homogênea de infância. Logo, aqui não iremos nos deter em analisar um quadro fatídico que leva à constatação da desigualdade pura e simplesmente. Portanto, o presente capítulo consiste em uma caracterização das grotas do bairro do Jacintinho, em Maceió – Alagoas, por meio de um levantamento socioeconômico, histórico e ambiental. Para tanto, buscamos realizar uma costura de retalhos entrecruzando dados estatísticos, percepções da pesquisadora sobre o território e dados primários, coletados junto às crianças.

Acerca dos dados secundários, estes contêm informações tomadas do Censo Demográfico (IBGE, 2010), do Atlas do Desenvolvimento Humano, (PNUD, 2013), de publicações locais como o relatório Habitação de Interesse Social em Maceió (JUNQUEIRA, LOPES, 2005), o Documento Maceió 200 Anos (OAM, 2016), os artigos acadêmicos (CAVALCANTI et al, 2015), (FARIA, CAVALCANTI, 2009), e as publicações no portal Alagoas em Dados e no Painel das Grotas, do ONU-Habitat em parceria com o Governo do estado de alagoas (ONU-Habitat, 2019). Já os dados produzidos, tanto os pessoais, quanto os compartilhados (coletados a partir da participação das crianças) são frutos de notas de campo e das entrevistas.

Para facilitar a coleta de dados secundários, nosso recorte de estudo foi de quatro dentre as vinte e uma grotas situadas no bairro do Jacintinho, quais sejam: grota Aldeia do Índio II, Grota do Cigano, Rua Santo Antônio e Rua Belo Monte – que são as grotas no entorno imediato da instituição centenária Lar São Domingos, onde foi realizada a pesquisa. E, consequentemente, são os territórios onde residem as crianças participantes.

Buscamos estruturar o presente capítulo de modo a facilitar a compreensão do leitor acerca das grotas na cidade de Maceió. Logo, iniciamos contextualizando geográfica e historicamente a capital alagoana, introduzindo o contexto da habitação em grotas. Então, adentramos o bairro do Jacintinho, com suas especificidades. Segue a estrutura em tópicos:

- Um breve contexto
- Adentrando as grotas
- O Jacintinho
- Do espaço ao lugar

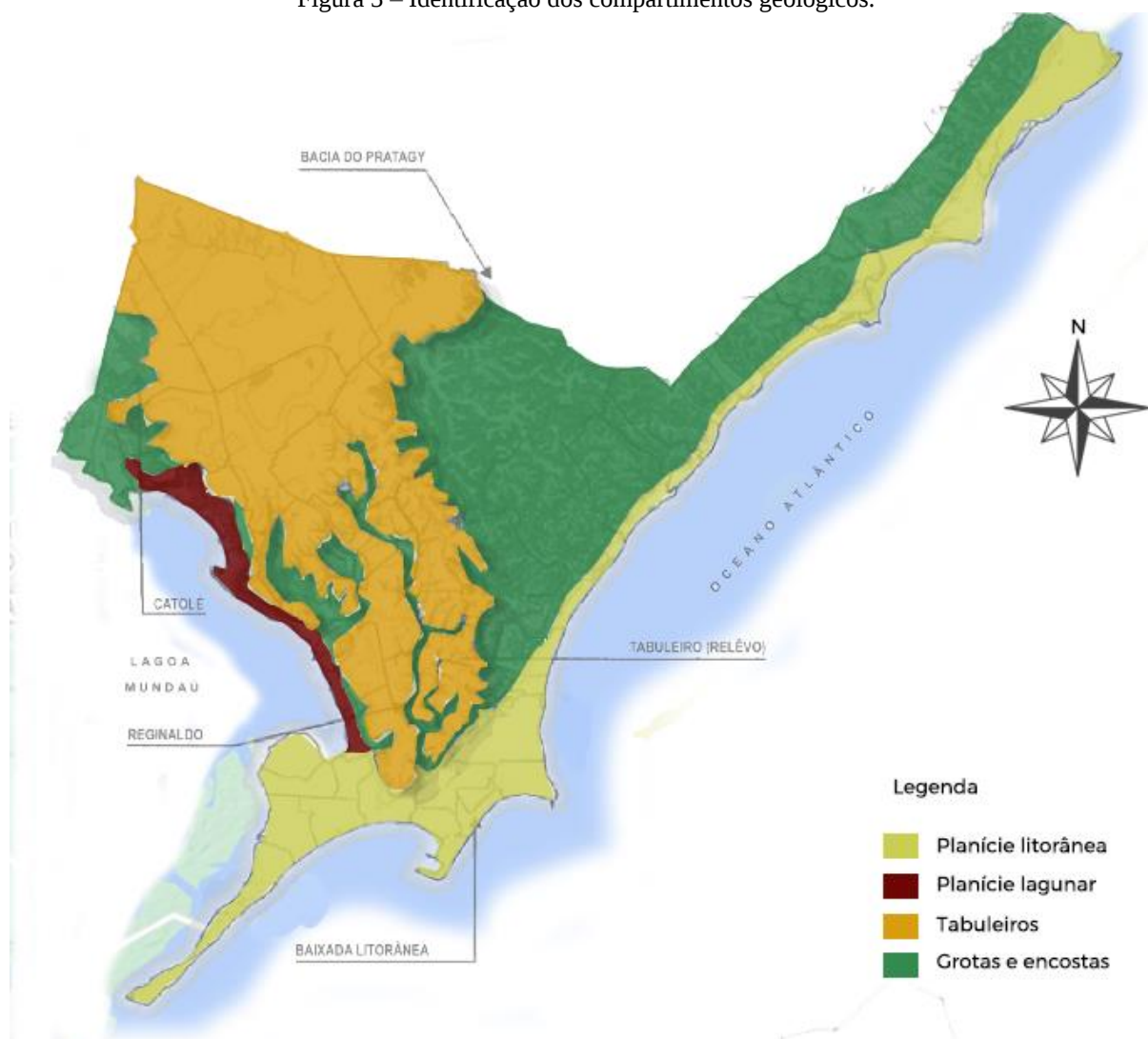
3.1 UM BREVE CONTEXTO

Maceió é uma cidade litorânea do Nordeste brasileiro, situada na mesorregião do leste Alagoano. O relevo do solo é de grande importância na história do local, pois exerceu forte influência na produção da economia, cultura, nas dinâmicas sociais, na conformação do tecido urbano e na paisagem. Além disso, o relevo favorece o abastecimento do lençol freático, devido à formação de blocos sedimentares com boas espessuras de areias, principalmente na região do tabuleiro. A região também é cortada por várias bacias e riachos, como a bacia do Catolé e do Pratygy, que abastecem os reservatórios de água da cidade. (FARIA, 2009)

Geomorfologicamente, Maceió contém três tipologias de compartimentos geológicos característicos, conforme representado figura 3. O primeiro deles atinge uma altitude de até 3 a 5 metros na faixa litorânea e lagunar. Em outro trecho atinge altitudes de até 8 a 10 metros, onde está situado o centro histórico. Ambos os compartimentos conformam planícies e constituem aquilo que vulgarmente se denomina “a parte baixa da cidade”. E um terceiro compartimento que apresenta 40 metros de altitude nas bordas das encostas e chega a 120 metros em seu ponto mais alto. Esse terceiro nível compreende a região do tabuleiro, a parte alta, que se caracteriza também pela formação de interflúvios tabuliformes oriundos do escoamento das águas para o oceano ou para as lagoas — quando voltados para o oceano estas formações geológicas são chamadas de falésias ou encostas, quando situados entre tabuleiros são chamadas de grotas⁶. (FARIA, CAVALCANTI, 2009)

6 Formações geológicas, ou fundos de vales, cuja função ambiental é como calhas naturais de drenagem das águas oriundas da região mais alta, o tabuleiro em direção às regiões mais baixas, as planícies. São marcantes na paisagem da cidade de Maceió (ONU-Habitat, 2019; FARIA, CAVALCANTI, 2009)

Figura 3 – Identificação dos compartimentos geológicos.



Fonte: Habitação de interesse social em Maceió (2008), adaptado pela autora (2021).

A paisagem natural de Maceió exerce influência na identidade cultural e legibilidade da cidade, a exemplo de sua toponímia: *maça-y-ok* — referência indígena ao terreno alagadiço entre a lagoa e o oceano. Entretanto, a identificação cultural com a orla marítima se sobressai às demais paisagens naturais. Logo, na orla acabou concentrando-se maior parcela de investimentos do poder público e intensa valorização imobiliária, em detrimento das periferias, localizadas, majoritariamente, na região do tabuleiro. (CAVALCANTI et al, 2015)

O primeiro eixo estruturante de mobilidade da capital alagoana foi a linha férrea que ligava o interior do estado ao porto de Jaraguá, pela planície lagunar. Sendo esta a principal rota de comércio do século XIX e um dos primeiros propulsores do processo de migração rural. Apenas na década de 1920 surge o segundo eixo viário estrutural da cidade, localizado no tabuleiro oeste, a avenida Fernandes Lima. Esta ganhou reforço por volta de 1965, com a atuação da Companhia de Habitação Popular – COHAB/AL, e a construção de diversos

conjuntos residenciais na parte alta da cidade, configurando-o, posteriormente, como o principal eixo de mobilidade. A partir deste eixo, ainda hoje um dos mais importantes, diversas outras estruturas econômicas foram inseridas, a exemplo de pequenas indústrias, sub centralidades e feiras livres, o aeroclube, e, posteriormente, o Polo Multissetorial Governador Luiz Cavalcante, a Universidade Federal de Alagoas e o Aeroporto Zumbi dos Palmares, estimulando a sua ampliação.

Já no final da década de 70 é implantado o terceiro eixo viário, localizado no tabuleiro leste, a avenida Menino Marcelo. Esta tinha o intuito ser alternativa de acesso ao porto de Maceió, no bairro de Jaraguá (CAVALCANTI, 2015), porém a parte final da via, que passaria pelo Vale do Reginaldo⁷ para chegar até o ponto de escoamento e abastecimento, nunca foi finalizada. Ainda assim, a inserção deste eixo reforçou o crescimento dos bairros localizados nesta região.

Segundo Junqueira e Lopes (2005, p. 26), “a cidade de Maceió nasceu espremida entre o mar e a lagoa Mundaú”, duas barreiras físicas a leste, a sul e a oeste, respectivamente. Além disso, a inserção da Salgema criou um limite físico e sanitário à expansão no sentido sul. Outra barreira foram as numerosas grotas presentes no miolo do território urbano, e os numerosos canaviais sobretudo na área rural, também a leste. Tais confrontantes e condicionantes acabaram por impulsionar um crescimento no sentido norte, às bordas do território urbano, de forma dispersa e pouco densa.

Em decorrência do ritmo acelerado de crescimento da expansão urbana na capital, em meados do século XX, sobretudo estimulado pela concessão de investimentos federais e estaduais, a população passou de 242 mil habitantes, em 1960, para 1.012.382, como estima o Censo do IBGE para 2018. Diversos investimentos, a exemplo da modernização do Porto (1940), a urbanização da orla marítima urbana e a construção de conjuntos habitacionais (1970), a ampliação da rede hoteleira (1990) e a instalação da Braskem⁸ (1976), estimularam a migração intensa do interior para a capital (CAVALCANTI et al, 2015).

Esses fatores contribuíram significativamente com a conformação do tecido ao longo do tempo e na distribuição espacial de uma população urbana em ascensão. Entretanto, por conta de dificuldades financeiras e de gestão dos poderes públicos municipal e estadual, a implantação

⁷ Maior complexo de grotas habitadas da capital alagoana, prolongando-se desde a região central, no bairro do Poço, até a nascente do Riacho do Reginaldo, no bairro da Santa Lúcia, perpassando quase 50 grotas ao longo de sete bairros.

⁸ Empresa brasileira do ramo petroquímico que se deu a partir (2002) da fusão de diversas empresas, em Alagoas, a exemplo da Trikem (inicialmente Salgema), que desde 1976 atua na extração de sal-gema para produzir cloro e soda cáustica. Em 2018, tremores de terra na cidade de Maceió levaram à paralisação da extração no estado, que já contava com mais de 35 poços subterrâneos no solo da capital.

de infraestrutura urbana básica não acompanhou tal crescimento, provocando problemas em diversos setores, que caracterizam a cidade como subdesenvolvida.

A análise do processo de evolução urbana de Maceió reflete a produção econômica dominante, fortemente atrelada à cadeia produtiva da agroindústria açucareira. Com a crise do setor, no final dos anos de 1980, e com as alterações introduzidas na legislação trabalhista, referente ao trabalho rural, os usineiros demoliram as casas da usina cedidas para uso dos trabalhadores rurais, deixando-os sem moradia. (JUNQUEIRA, LOPES, 2005, p. 25)

Para comportar essa população, e suportar a crise no setor sucroalcooleiro, houve a tendência de dois processos de ocupação do território. O primeiro deles foi o crescimento da malha urbana na região do tabuleiro, seguindo um processo de periurbanização, atingindo áreas onde o valor do solo é mais baixo. Este processo provocou a inserção de loteamentos e a construção de condomínios residenciais horizontais nos bairros da Cidade Universitária e do Benedito Bentes, limítrofes com a Zona Rural da cidade, no sentido norte. Novas iniciativas do poder público municipal têm retomado esse processo, na última década, na tentativa controversa de adensar a Zona Rural com conjuntos habitacionais para reduzir o déficit habitacional, que atinge pouco mais de 32 mil unidades, segundo dados do IBGE (2010), enquanto a cidade dispõe de uma série de vazios urbanos e edifícios desocupados nas áreas consolidadas.

Vale ressaltar que, a concentração de investimentos na planície litorânea acabou legando à região do tabuleiro um processo de conformação irregular e desconexo, no qual uma série de loteamentos com parcelamentos irregulares e conjuntos habitacionais foram inseridos, sem planejamento prévio, após a inserção de estruturas econômicas indutoras, a exemplo de indústrias de pequeno porte, no Polo Multissetorial, instituições de ensino e ampliações viárias. Muitos dos vazios urbanos supracitados foram decorrentes desse processo. (CAVALCANTI et al, 2015).

Já o segundo processo de ocupação do território se deu nos vales que cortam transversalmente os tabuleiros, com as canaletas naturais de drenagem do escoamento de água das águas pluviais e de rios, em áreas “residuais” do parcelamento do solo no miolo do tecido urbano. São essas as grotas e encostas. Em tese, o uso desses territórios para a ocupação não seria possível, dado o risco de deslizamentos e inundações. Contudo, em virtude da falta de oportunidades, significativa parcela da população de renda mais baixa passou a ocupá-las. Segundo Junqueira e Lopes (2005, p. 27):

O crescimento demográfico acentuado na cidade, sem a infra-estrutura sanitária necessária, é responsável por grande parte do impacto ambiental negativo sobre as bacias hidrográficas e a qualidade de vida da população. As erosões e os riscos de deslizamentos são freqüentes na época das chuvas. Os efluentes dos esgotos domésticos e o lançamento de resíduos sólidos

intensificaram a poluição de rios e canais. Como a barreira norte é formada por canaviais, que em alguns trechos chegam mesmo a se situar entre os bairros, cria-se, assim, uma forte pressão sobre o incremento do preço da terra na cidade que, pela escassez, tende a excluir a maioria da população.

Sobretudo a partir do final da década de 1980, a ocupação das áreas de risco e de preservação ambiental se intensificou. Dentre estas, podemos destacar as margens do riacho do Reginaldo, ao longo do qual hoje se encontra extenso complexo de grotas, e o bairro do Jacintinho, dada às suas características geomorfológicas e a sua centralidade na malha urbana. Muitas dessas ocupações em áreas de grotas e encostas não estão, necessariamente, inseridas em Áreas de Preservação Permanente, segundo mapas da legislação municipal. Contudo, do ponto de vista ambiental, esse adensamento acaba ocasionando não só desgastes geológicos, mas também o risco de desastres para quem vive sob essas condições.

Acerca das questões ambientais sobre as grotas, de acordo com Lima (2009), tais áreas constituem áreas estruturantes do sistema de áreas livres, que fazem conexões entre as grandes massas vegetadas da cidade, criando uma ligação entre tabuleiro, grotas e as planícies. Quando essas grotas preservam as matas ciliares, potencializam a capacidade de manutenção de um sistema de espaços livres estruturantes e das dinâmicas ambientais locais, dada a sua função de escoamento das águas pluviais. A compreensão dos aspectos ambientais é fundamental quando abordamos a temática das grotas, contudo, apesar da importância desse debate, não iremos adentrá-lo aqui, visto que extrapola aquilo que nos propomos a analisar.

Contudo, cabe destacar que, tendo em vista a ocupação consolidada nas grotas, em Maceió, como o complexo da Grota do Cigano (desde meados dos anos 1970), bem como as dinâmicas socioeconômicas ali construídas, assumimos, neste trabalho, a posição de que as grotas são espaços de habitar. Ao contrário do posicionamento adotado pelo poder público e pelos interesses privados, em certos locais, que sugere a remoção da população residente em áreas precárias como as grotas, compreendemos que é possível requalificá-las de modo a oferecer melhor qualidade de vida à população e reabilitação ambiental. Cientes de que ainda há um longo caminho até alcançá-la, cabe destacarmos que o governo do estado de Alagoas tem empregado esforços nesse sentido, na última década, com o programa Vida Nova Nas Grotas – que, até o primeiro trimestre do corrente ano, já instalou infraestrutura de mobilidade e lazer em setenta e uma grotas, como a Grota da Freira, no bairro do Jacintinho, contemplada com a construção de escadaria (figura 4) e de um parque urbano (figura 5).

Figura 4 – Grotta da Freira.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 5 – Parque Linear da Grotta da Freira



Fonte: Acervo pessoal (2022).

3.2 ADENTRANDO AS GROTAS

Em 1998, foi definido o abairramento municipal, hoje vigente, que organiza o território urbano de Maceió em cinquenta bairros. Além dessa divisão territorial, o Plano Diretor Municipal vigente (2005) estruturou a cidade em oito unidades de gestão urbana, as regiões administrativas – RAs. Logo, julgamos necessário indicar, aqui, tal estruturação territorial porque, por vezes, os dados produzidos pelo poder público são organizados por RAs.

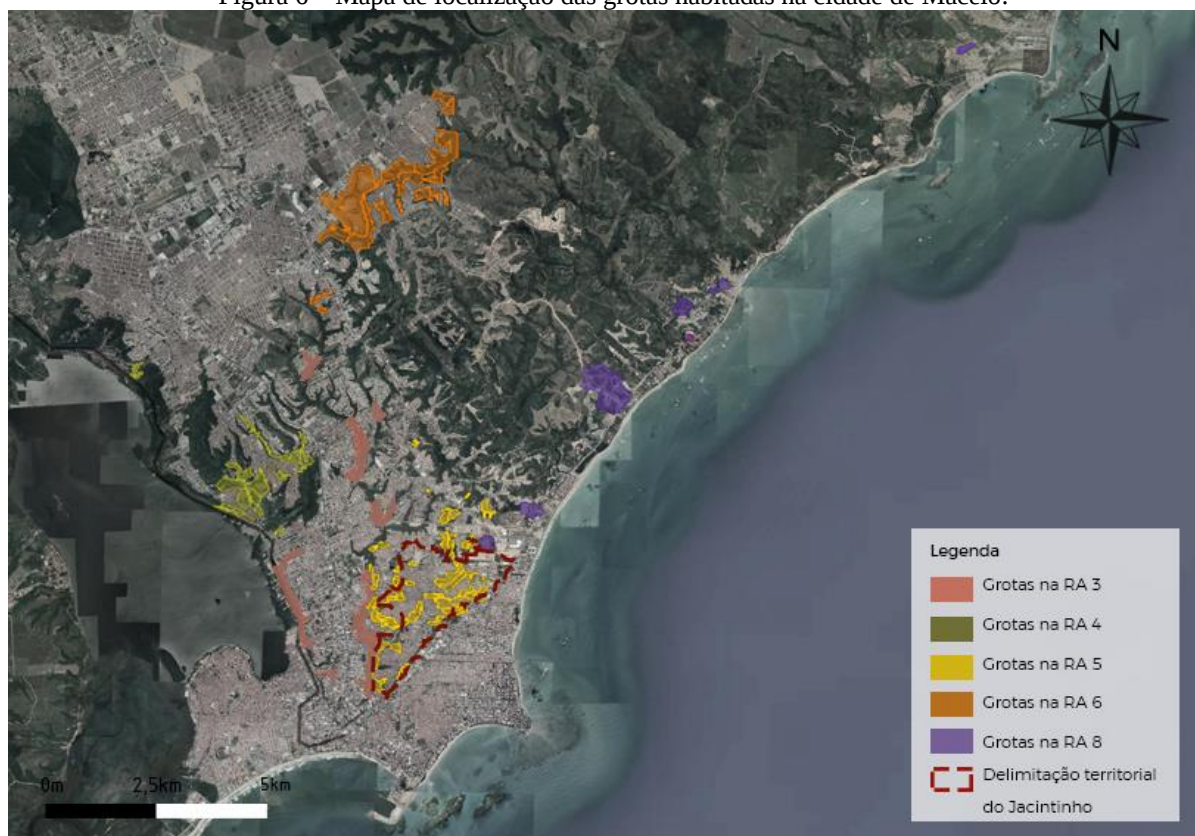
Ao todo, cem grotas são contabilizadas como habitadas, na atualidade, sendo setenta e quatro tidas como oficiais, ou seja, identificadas pelo IBGE (2010) como assentamentos precários. Contudo, além dessas, o governo do estado de Alagoas, em parceria com a ONU-Habitat, identificou mais vinte e seis, em uma publicação de 2018 (ONU-Habitat, 2019). Sua localização e distribuição no município podem ser observadas na figura 6. Há, portanto, grotas habitadas em cinco dentre as oito regiões administrativas, sendo a RA 5 aquela que comporta maior concentração de grotas ocupadas e adensamento populacional. Diante da população em grotas, na cidade de Maceió, 51% residem na Região Administrativa 5 (RA5), conformada pelos bairros de Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, São Jorge e Serraria. No documento Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió (ONU-Habitat, 2019), a equipe comenta que "apesar da semelhança de formação geográfica, social e urbana entre si, cada uma [das grotas] possui suas especificidades."

Dada a contextualização deste trabalho, no tempo e no espaço, cabe fazermos aqui um destaque com relação a possíveis modificações no processo de ocupação das grotas nos últimos cinco anos. Uma tragédia urbana obrigou mais de 55 mil pessoas a desocuparem suas residências devido ao processo de afundamento do solo em cinco bairros da capital alagoana – Pinheiro, Bebedouro, Bom Parto, Mutange e Farol – devido à extração de sal-gema feita pela empresa multinacional Braskem, instalada no município. A extração somada a falhas geológicas existentes na região levou à instabilidade do solo que provou tremores de terra em março de 2018. Em seguida começaram a aparecer rachaduras nas casas e nas ruas dos bairros supracitados.

Devido à atualidade do caso, ainda há poucos estudos a respeito. Porém, é possível afirmar que essa tragédia modificou significativamente a dinâmica habitacional na cidade de Maceió, provocando desde a elevação dos preços de aluguéis em todo o município, até a migração de alguns dos habitantes para áreas mais precárias, como as grotas. Inclusive, como pode ser observado na figura 6, dentro do território afetado pelo afundamento do solo (RA 3), havia cerca de seis grotas habitadas. São elas: Alto do Céu, Bela Vista e Jardim Alagoas, no bairro do Pinheiro, e Grotas do Mutange I e II, no bairro do Mutange.

Uma das possíveis modificações que sugerimos aqui é um maior adensamento das grotas da RA 5, visto que, assim como a RA 3, é uma das mais centrais e, consequentemente, mais adensadas.

Figura 6 – Mapa de localização das grotas habitadas na cidade de Maceió.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora (2021).

Acerca da percepção das grotas pelos moradores⁹, dados da ONU-Habitat (2019) indicaram a falta de lazer e cultura (16,75%) e a dificuldade de acesso às grotas (14,3%) como principais problemas vivenciados no cotidiano, precedidos apenas pela falta de emprego e trabalho (17,26%). A pesquisa também revela que 39,4% dos entrevistados não sairiam da grota, mesmo diante de outras possibilidades de moradia. No entanto, a respeito desse dado não foi realizado um recorte, nem por região administrativa ou grotas, o que pode generalizar uma falsa satisfação, visto que há grotas bastante centrais, a exemplo daquelas situadas no bairro do Jacintinho, enquanto há outras, em zonas periurbanas.

Ainda em um quadro geral da situação das grotas, a pesquisa (ONU-Habitat, 2019) revela uma carência de locais voltados à prática de esporte e de lazer [devidamente criados ou mantidos com esta finalidade]. Os entrevistados que identificaram a presença desses espaços

⁹ Vale ressaltar que o público-alvo desta pesquisa foi de chefes de família, ou seus cônjuges, atendendo a critérios de maioria. Portanto, de modo geral, refletem a percepção de adultos (entre 18 e 59 anos), majoritariamente do sexo feminino. No total foram 2.109 pessoas entrevistadas.

em suas grotas geraram um quantitativo de 16,4% para locais de esporte e 8,3% para locais de lazer. Os índices de identificação de ambientes escolares nas grotas dos moradores identificados também são baixíssimos, ficando abaixo de 50%. Ou seja, de acordo com os entrevistados, apenas 48,6% conta com uma escola próxima de sua residência, conforme indicado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Avaliação das grotas quanto a atributos.

Atributo	Entrevistados que disseram que em suas grotas existem... (%)	Nota média atribuída
Comércio	57,9	3,3
Pavimentação nas ruas	54,5	3,1
Escolas nas proximidades	48,6	3,5
Posto de saúde comunitário	46,9	3,2
Rios, lagos, córregos	46,0	1,8
Limpeza das ruas/vielas/becos	28,6	3,5
Transporte dentro da grotas	24,5	3,3
Creches nas proximidades	20,6	3,5
Áreas verdes	20,1	3,1
Locais de prática de esportes	16,4	3,3
Locais de lazer	8,3	3,5

Fonte: ONU-Habitat (2019).

Ao investigar a percepção de violência pela população (ONU-Habitat, 2019), observou-se que 61,8% dos habitantes afirmam conviver com a violência e a criminalidade. Contudo, quando solicitados a listar situações de violência já experienciadas, os entrevistados relataram pouquíssimos casos. Entre eles, roubo, furto, bala perdida, agressão física e violência doméstica. As duas primeiras situações relatadas, que se apresentaram em maior número, respectivamente, alcançaram um índice de 13,7% (roubos) e 5,1% (furtos) entre os moradores.

Uma análise da própria pesquisa sugere dois cenários para essa contradição nos dados. A primeira é que a sensação de insegurança seja maior do que a violência em si; a segunda é que possíveis constrangimentos inibiram os entrevistados, que não se sentiram à vontade para fornecer respostas mais honestas. Seja qual for dos cenários, cabe aqui traçar um paralelo entre esse dado do “perfil socioeconômico das grotas” de Maceió e a pesquisa “o acesso de mulheres e crianças à cidade”, realizada em Recife pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento - ITDP (2018), tendo em vista o seu objetivo, indicado a seguir, e a proximidade da realidade socioeconômica da capital alagoana com a capital pernambucana.

O referido estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa com grupos focais (cinco grupos com 8 a 12 participantes cada) de mulheres residentes na região metropolitana do Recife – Pernambuco, agrupadas por semelhança de critérios de seleção, que consideravam: idade, raça, modo de transporte principal, nível de conforto socioeconômico, ocupação e idade dos filhos. Seu objetivo foi: conhecer a perspectiva dessas mulheres sobre a cidade, compreender as condições de seus bairros, conhecer suas percepções sobre o sistema de mobilidade urbana, e

compreender como se dá a vivência das crianças, seus filhos, na cidade (nos detivemos em observar dados sobre esse último objetivo) para desenhar indicadores de impacto no que tange ao acesso de mulheres e crianças no ambiente urbano brasileiro. Em todos os grupos de mães entrevistadas, a percepção de violência foi unânime, sendo o espaço da rua indicado como proibido para as crianças, que ficavam, segundo as mães, confinadas em casa, quando não estavam na creche ou na escola.

A carência e a precariedade de espaços de lazer, como praças e parques, foram novamente citadas. E a presença de usuários de drogas nesses espaços foi relatado como fator que aumenta essa percepção de insegurança. Só desse ponto já poderia ser realizado um novo estudo, mas como não é o nosso foco, esses dados são aqui colocados apenas para nos auxiliar a compreender como, do ponto de vista do adulto, a cidade passa a ser apresentada, ou negada, às crianças desde a mais tenra idade.

3.3 O JACINTINHO

A exiguidade de registros e pesquisas a respeito do Jacintinho dificultam uma compreensão histórica da formação do bairro. Em campanha comemorativa em alusão aos duzentos anos da capital alagoana (MACEIÓ, 2018), o “Almanaque Maceió” conta que o nome do bairro homenageia o comerciante português Jacinto Athayde, que morava em um casarão no bairro do Poço e produzia garrafadas medicinais, o que o tornou conhecido na região. Contudo, a informação não foi datada, nem há referências. Em levantamento histórico realizado pelo Lar São Domingos, na comemoração do seu centenário, relata-se que todo o terreno vegetado que hoje compõe o bairro, pertencia à instituição filantrópica. Esta informação foi coletada junto à equipe da instituição, não havendo publicações a respeito.

Na ausência de registros oficiais que nos permitam construir uma percepção mais aprofundada sobre suas raízes históricas, porém, resta-nos atribuir o início de ocupação do bairro ao período informado por Junqueira e Lopes (2005), final dos anos 1980. De todo modo, dois aspectos são bastante relevantes, e nos fizeram escolher o bairro como recorte urbano para esta pesquisa. O primeiro deles é a conformação geomorfológica do bairro, que, dos 3,6 km² de extensão territorial, 1,11 km² são áreas de grotas ocupadas. Ou seja, mais de 30% do Jacintinho está situado em áreas de grotas. O segundo aspecto é o populacional, visto que este é o segundo bairro mais populoso e com maior densidade demográfica de Maceió.

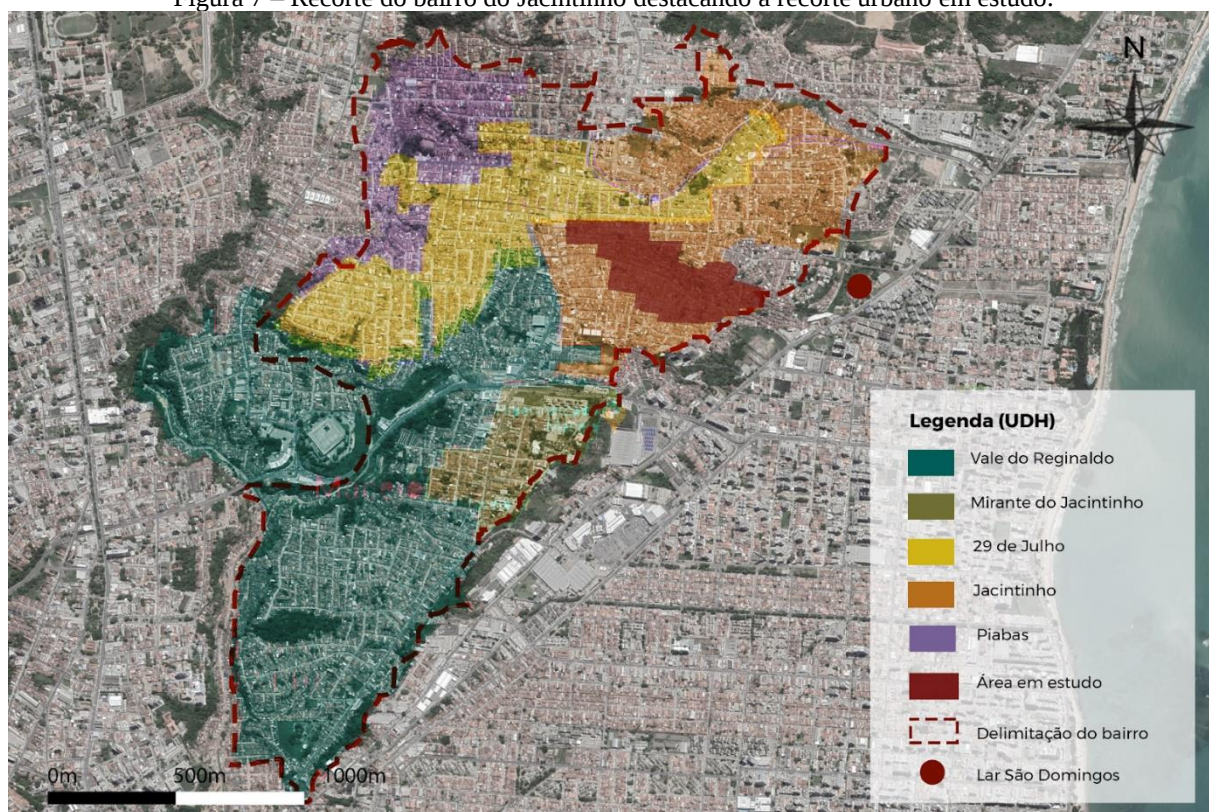
Com uma população total de 86.514 habitantes (IBGE, 2010), mais de um terço (38,73%) reside em áreas de grotas. Atrás apenas do Benedito Bentes, na região do tabuleiro, o bairro do Jacintinho, que tem quase toda a sua extensão estabelecida entre grotas e encostas, é o segundo

bairro em número de habitantes. Nele estão situadas vinte e uma das cem grotas identificadas, entre oficiais e não-oficiais (ALAGOAS, 2018).

Dada a dificuldade de dados demográficos ainda, apenas para fins de análise do número de crianças nesses territórios, recorreremos às unidades de desenvolvimento humano (UDHs) utilizadas pelo Atlas Brasil (PNUD, 2013) no bairro, quais sejam: Jacintinho, Mirante do Jacintinho, Vale do Reginaldo, Piabas e 29 de Julho, conforme apresentado na figura 7. Tais unidades consistem no agrupamento de setores censitários. Entretanto, dois deles, o Vale do Reginaldo e o Piabas, incluem trechos de outro bairro, o Feitosa, o que pode gerar uma diferença em comparação com os dados apresentados anteriormente sobre o Jacintinho.

A abrangência territorial destas áreas agrupadas é de 4,06 km² e, somadas, a população destas, ainda em 2010, era de 93.962 habitantes. Dentre esses, 26,58% são crianças e adolescentes de zero a quatorze anos, ou seja, 24.975 crianças residem no bairro do Jacintinho. Apesar de englobar uma amostragem um pouco maior do que a do bairro, esses números refletem um padrão, que demonstra uma parcela entre 20% e 30% da população das unidades do desenvolvimento é composta por crianças.

Figura 7 – Recorte do bairro do Jacintinho destacando a recorte urbano em estudo.



Fonte: Google Maps, adaptado pela autora (2021).

Para fins de recorte e análise, entretanto, aqui iremos nos deter em analisar dados das quatro grotas que compõem o entorno imediato da instituição onde a pesquisa será realizada,

onde residem as crianças participantes: grota Aldeia do Índio II, Grota do Cigano, Rua Santo Antônio e Rua Belo Monte, todas elas situadas no bairro do Jacintinho, identificados na figura 8. Para além dos setores censitários, que delimitam o território de cada grota, a plataforma Painel das Grotas¹⁰ considera subdivisões dentro de uma mesma grota, as microáreas, delimitados a partir dos Mapas Rápidos Participativos (MPR), com base nas características geográficas, como o relevo, e o acesso à infraestrutura urbana.

A partir desta ferramenta, observa-se que a Aldeia do Índio II possui dez microáreas (apenas 5 dessas microáreas compõem o nosso recorte de estudo), a Grota do Cigano possui oito, a Rua Santo Antônio possui duas e a Rua Belo Monte também possui duas microáreas. A partir dessa subdivisão é possível analisar em maior profundidade aspectos relativos, sobretudo ao relevo, visto que, dentro de um mesmo território, enquanto uma microárea é mais plana e, portanto, apresenta melhores índices de mobilidade ou de transporte, outra que esteja em terreno mais acidentado apresenta índices mais baixos.

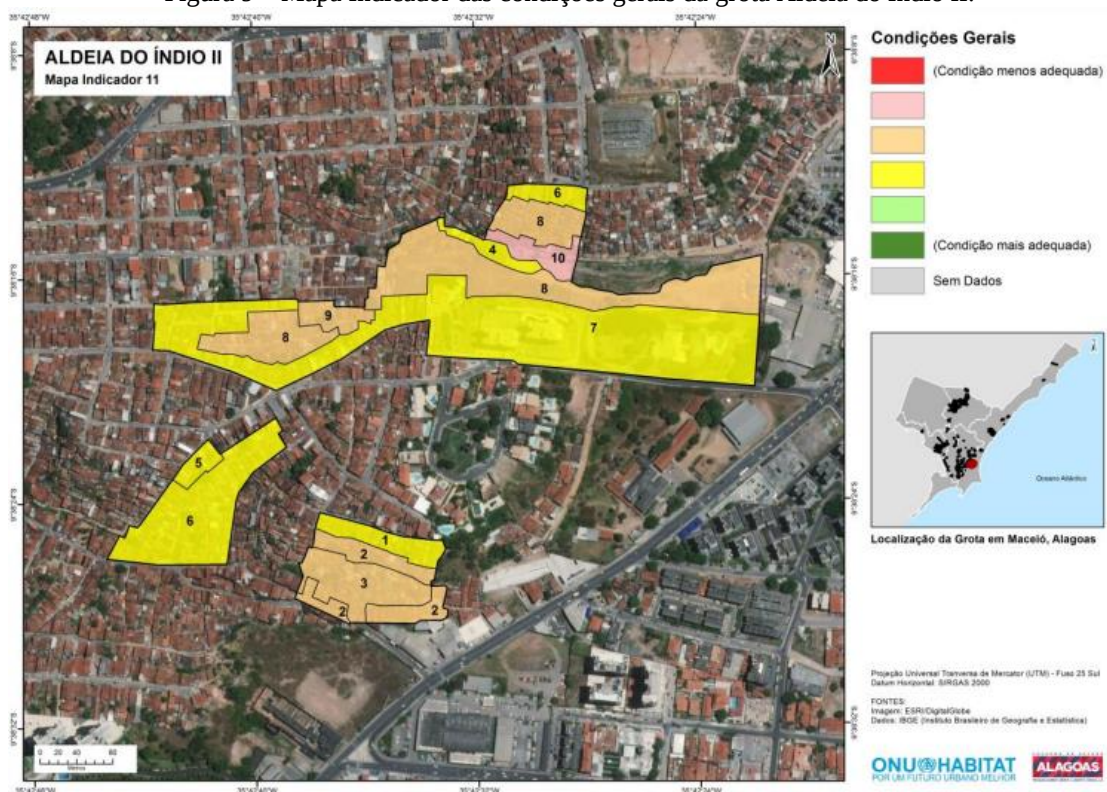
Figura 8 – Mapa destacando as grotas em estudo, com microáreas.



Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2021).

¹⁰ Portal lançado pela ONU-Habitat em 2020 com dados estatísticos das grotas, analisados em relatórios denominados de Mapas Rápidos Participativos - MPR.

Figura 9 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Aldeia do Índio II.



Fonte: ONU-Habitat (2019)

A grota Aldeia do Índio II possui ruas, vielas, becos e escadarias, e a maior parte deles encontra-se pavimentado. Segundo informações do MPR (ONU-Habitat, 2019), parte dos setores censitários identificados pelo IBGE (2010), como Aldeia do Índio II, são reconhecidos pelos moradores como Grota do Cigano, como as microáreas 5 e 6 (ver figura 8). Dentre as dez microáreas da Aldeia do Índio II, aqui iremos nos deter a analisar dados das que o nosso estudo abrange (1, 2, 3, 5 e 6, identificadas na figura 8), apresentando as seguintes características gerais:

Microárea 1 – parte alta, plana, com rua e vias carroçáveis.

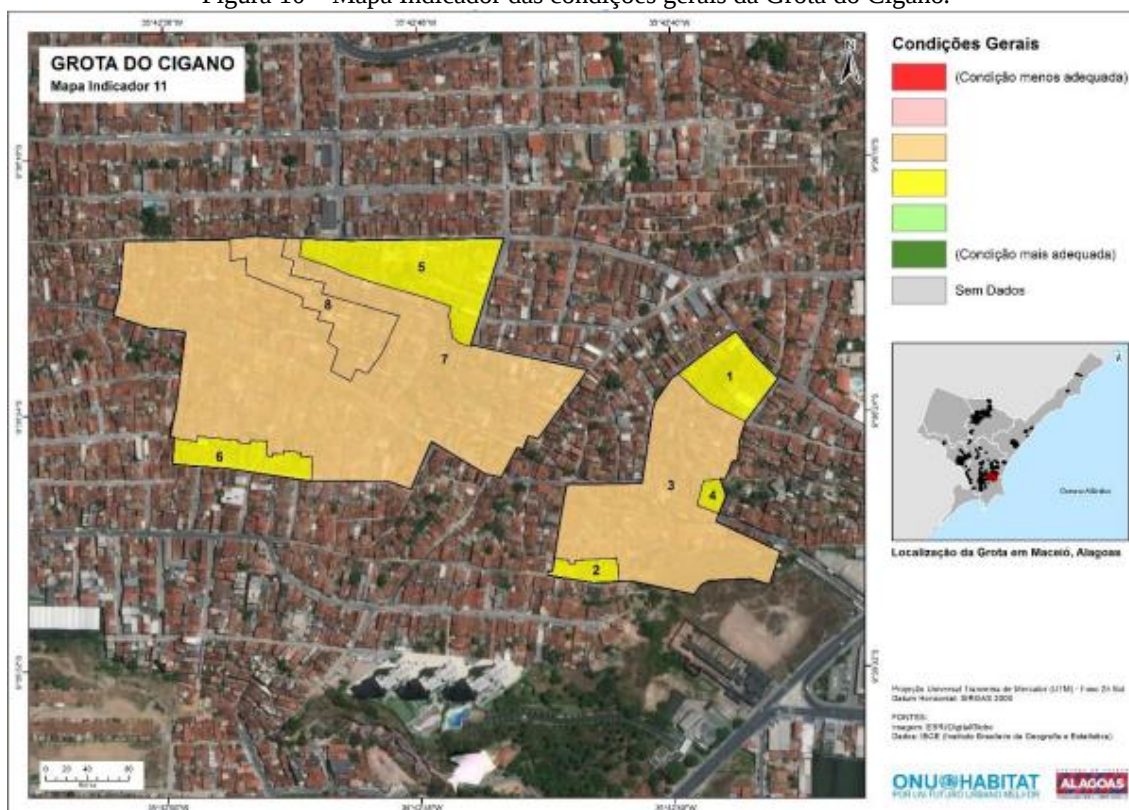
Microárea 2 – parte baixa, com escadarias, becos e vielas, sem rampas de acesso. Esta microárea é dividida em três partes que possuem as mesmas características, mas que entre elas existe a microárea 3 com características distintas.

Microárea 3 – parte baixa e vulnerável, com área de risco de deslizamentos de terras e alagamentos de vias e moradias.

Microárea 5 – parte baixa, com áreas de média e alta declividade, trecho carroçável, maior parte composta por escadarias.

Microárea 6 – parte alta, plana, com rua e vias carroçáveis. (ONU-Habitat, 2019)

Figura 10 – Mapa Indicador das condições gerais da Grota do Cigano.



Fonte: ONU-Habitat (2019)

A Grota do Cigano possui ruas, vielas, becos e escadarias, todos pavimentados. Iremos analisar dados de todas as microáreas da Grota do Cigano, visto que estão todas situadas no nosso recorte urbano em estudo, conforme destacado na figura 08, com as seguintes características:

Microárea 1 – parte alta, plana, com rua e vias carroçáveis.

Microárea 2 – parte baixa, com escadarias, becos e vielas, sem rampas de acesso. Esta microárea é dividida em três partes que possuem as mesmas características, mas que entre elas existe a microárea 3 com características distintas.

Microárea 3 – parte baixa e vulnerável, com área de risco de deslizamentos de terras e alagamentos de vias e moradias.

Microárea 4 – parte alta, rua, área de baixa declividade, pequeno trecho carroçável.

Microárea 5 – parte baixa, com áreas de média e alta declividade, trecho carroçável, maior parte composta por escadarias.

Microárea 6 – parte alta, plana, com rua e vias carroçáveis.

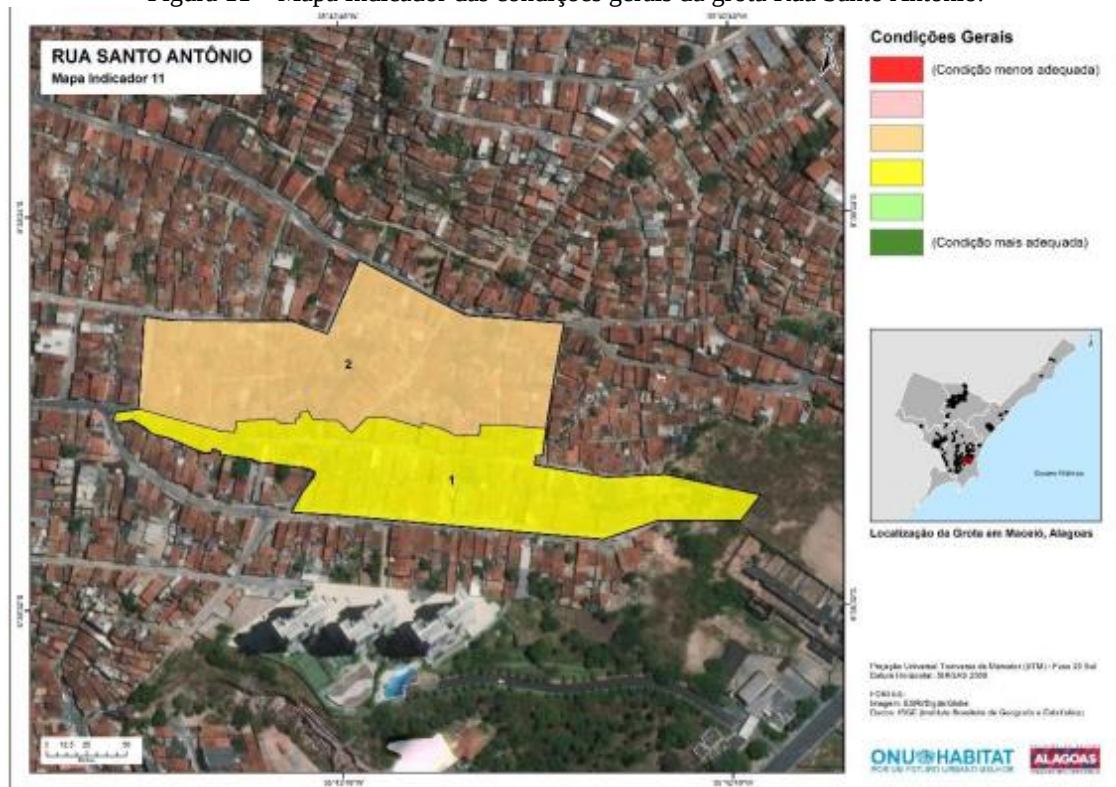
Microárea 7 – parte alta, com vias pavimentadas e disponibilidade de comércio, e transporte público. Nesta microárea existem condomínios de prédios, que não possuem características típicas de aglomerados subnormais, porém, foram considerados como parte da grota por fazerem parte do setor censitário do IBGE.

Microárea 8 – parte baixa, composta por vielas e escadarias, de difícil acesso para pessoas com mobilidade reduzida, pois não existem rampas.

Microárea 9 – parte baixa, plana e vulnerável, com risco de alagamentos de vias e domicílios, é composta por três vielas não pavimentadas.

Microárea 10 – parte baixa e vulnerável, com risco de alagamentos de vias, é composta por escadarias, ruas e vielas majoritariamente pavimentadas, existe via carroçável e refluxo de esgoto. (ONU-Habitat, 2019)

Figura 11 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Rua Santo Antônio.

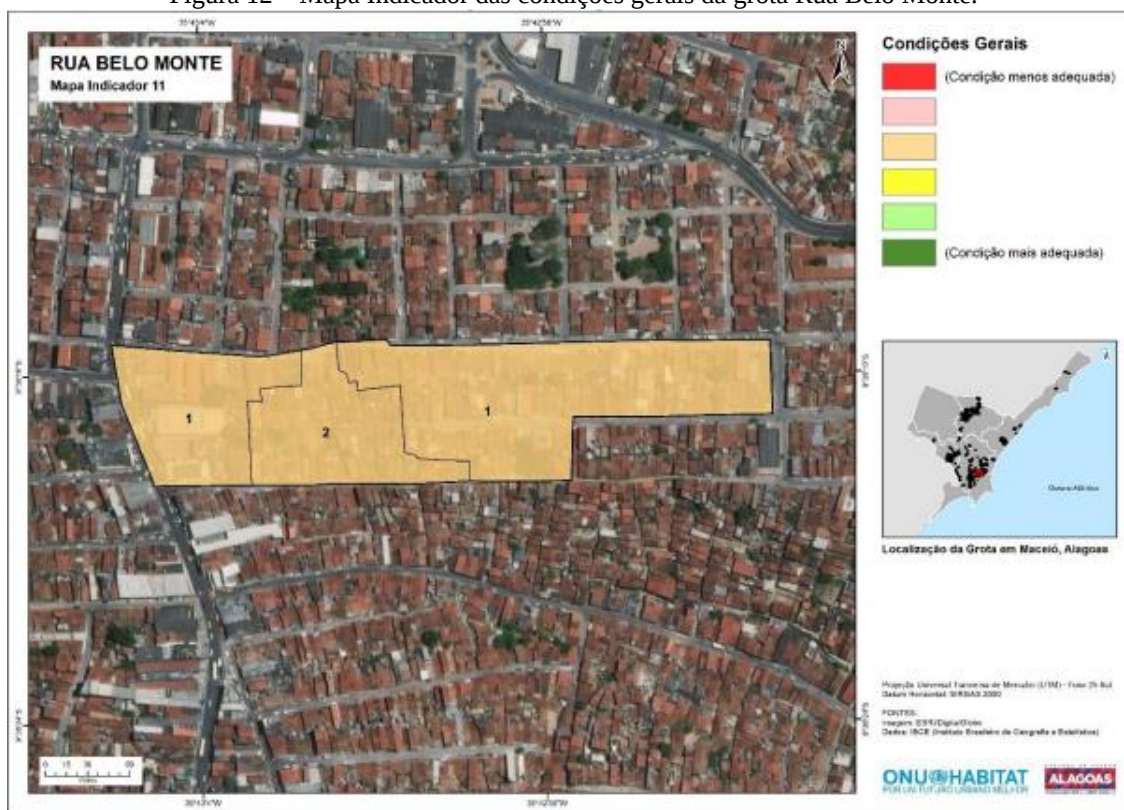


Fonte: ONU-Habitat (2019)

A grota Rua Santo Antônio possui ruas e becos pavimentados e escadarias, e as suas duas microáreas estão todas situadas no nosso recorte urbano em estudo, conforme destacado na figura 9. Estas apresentam as seguintes características gerais:

Microárea 1 – Parte alta, plana e com mobilidade e acessibilidade facilitadas.
Microárea 2 – Parte baixa, com infraestrutura danificada em vários pontos, possui muitas escadas, mas com poucos corrimões e guarda-corpos e sem rampas de acesso. (ONU-Habitat, 2019)

Figura 12 – Mapa Indicador das condições gerais da grota Rua Belo Monte.



Fonte: ONU-Habitat (2019)

A grota Rua Belo Monte possui ruas, vielas e becos pavimentados e escadarias, e as suas duas microáreas estão todas situadas no nosso recorte urbano em estudo, conforme destacado na figura 12. Estas apresentam as seguintes características gerais:

- Microárea 1 – Parte alta, com melhor mobilidade e acessibilidade, vias carroçáveis largas, além de comércio, escola e igreja. A maior parte da microárea não possui características típicas de aglomerado subnormal, mas foi mantida como parte da grota por ser definida pelo IBGE como tal.
- Microárea 2 – Parte baixa, de médio declive, com lixo e muito esgoto visível, com escadarias, sem rampas de acesso. (ONU-Habitat, 2019)

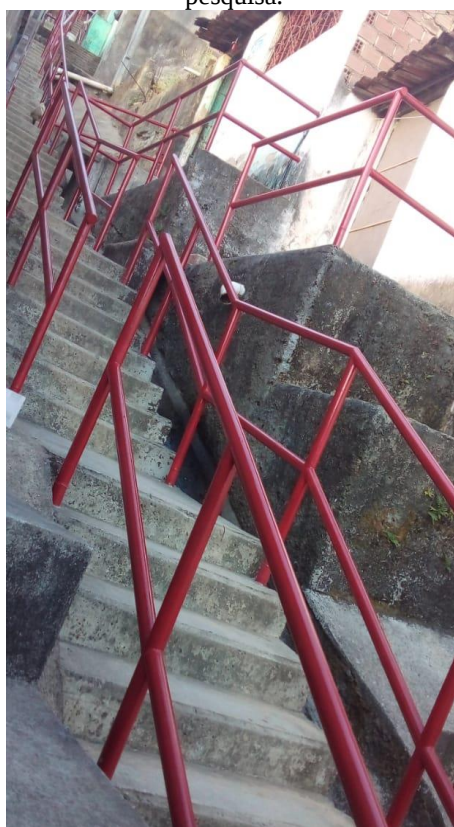
Em vistas de ampliar uma percepção acerca da infraestrutura urbana das grotas, aqui vamos explorar quatro dentre os dez índices presentes nos Mapas Rápidos Participativos (MPR), elaborados pela ONU-Habitat (2019) em parceria com o governo do estado de Alagoas, que consistem em uma metodologia de diagnóstico que visa produzir dados primários acerca das dinâmicas socioespaciais locais, de cada grota, com o objetivo de esboçar estratégias de melhorias urbanas e prevenção de riscos para as 100 grotas de Maceió - Alagoas.

Os quatro índices dos MPR abordados aqui foram selecionados por apresentarem relação direta com a prática do espaço pelas crianças, quais sejam: melhorias urbanas e riscos ambientais, infraestrutura para mobilidade, espaços e equipamentos públicos e iluminação pública. Dado o caráter e a abrangência desta pesquisa, compreendemos que os demais índices

apenas nos revelam traços de desigualdades, além de apresentarem maior similaridade entre si nos diferentes territórios, quais sejam: padrão das moradias, abastecimento de água, sistema de esgotamento sanitário, sistema de drenagem de águas pluviais, coleta de lixo e energia elétrica.

Com relação às melhorias urbanas e riscos ambientais, foi possível observar que na Aldeia do Índio II foram realizadas obras de mobilidade urbana pelo poder público, como a pavimentação de becos e vielas nas microáreas 1, 2, 3 e 6 e a construção de escadarias nas microáreas 2 e 5 (ver figura 9). Na microárea 3 há riscos de deslizamento de terra, tendo, inclusive, ocorrido episódios desse tipo no último ano. Mas, apesar do risco iminente, nenhuma intervenção foi feita e a área segue com ameaça de deslizamento e sem contenção de encosta.

Figura 13 – Escadaria na grota Aldeia do Índio II. Fotografia tirada por Jorge Mateus, criança participante da pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Na Grota do Cigano também houve melhorias urbanas por parte do poder público, em todas as microáreas, como construção de escadarias, corrimãos, pavimentação de becos e vielas e contenção de encostas. No entanto, nas microáreas 3 e 4 tais obras são muito antigas e não houve manutenção. Na microárea 4 houve deslizamento de terra no período chuvoso, há dois anos, soterrando vários domicílios e destruindo parte da escadaria que dá acesso ao trecho.

A Rua Santo Antônio também contou com melhorias de mobilidade urbana, e, diferente das demais, não possui focos de insalubridade, como esgoto a céu aberto, nem risco de

deslizamentos ou alagamentos. Está toda situada próximo à planície e possui pouca declividade. Na Rua Belo Monte também foram realizadas melhorias de mobilidade urbana, como pavimentação de ruas, em ambas as microáreas, e contenção de encostas na microárea 2. Apenas nesta microárea há focos de insalubridade.

Já a partir dos índices de infraestrutura para mobilidade foi possível observar que a maior parte das vias de acesso e circulação das grotas em estudo são pavimentadas, mas não dispõem de calçadas – como pode ser observado na figura 14 –, com exceção das microáreas 6, na Aldeia do Índio II; 7, na Grotinha do Cigano; 2, na Rua Santo Antônio; e 1, na Rua Belo Monte. Em praticamente todas as grotas há, pelo menos, algum trecho que comporta o transporte em veículo motorizado, principalmente motocicletas; para carros são poucas as vias carroçáveis. Segundo dados do MPR, em nenhuma das áreas com declividade há rampas de acesso para pedestres com mobilidade reduzida, como pessoas com deficiência, idosos, gestantes e crianças pequenas. Por outro lado, em nossas análises identificamos algumas ruas com estrutura de rampa (ver figura 15), entretanto, pela declividade aparentam comportar apenas o fluxo de motocicletas e bicicletas, desconsiderando aquela sugerida pela normativa de acessibilidade (NBR 9050), que é de 12,5% no máximo, em situações excepcionais.

Figura 14 – Rua da Esperança na Grotinha do Cigano. Fotografia tirada por Kelly, criança participante da pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 15 – Escadaria na Grota do Cigano.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Acerca dos espaços públicos, equipamentos e áreas de lazer nos MPR não foram identificados em nenhuma das grotas analisadas. No entanto, na parte mais baixa da Grota do Cigano há um grande terreno baldio que era utilizado como campo de futebol, identificado pelas crianças como “João Lyra”, visto que o terreno em questão pertencia ao industrial cujo nome é atribuído à propriedade. Neste terreno foi construído um parque urbano pelo governo do estado, o Parque Linear da Grota do Cigano (figuras 16 e 17), inaugurado em março do corrente ano. Além deste, há uma pequena praça que cobre trecho do canal que cruza a grota – onde são realizados eventos locais, como a comemoração do Dia da Criança – citada também por algumas crianças. Também esta foi reformada e inaugurada em março de 2022. Cabe destacar que esta teve o antigo nome modificando, passando de “Praça da Morte” (figura 18) para “Praça da Boa Esperança” (figura 19).

Figura 16 – Terreno baldio onde foi construído o Parque Linear da Grota do Cigano, Jacintinho.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 17 – Parque Linear da Grota do Cigano, Jacintinho.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 18 – Praça da Morte na Grota do Cigano, Jacintinho.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 19 – Praça da Boa Esperança na Grota do Cigano, Jacintinho.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

O último indicador, a iluminação pública, é aquele em que foram identificados os piores cenários, ficando com o índice abaixo de 3 (em uma escala de 0 a 5) em todas as microáreas de todas as grotas. Entretanto, no relatório dos MPR, o único trecho em que se relataram problemas com fiação exposta e risco de acidente foi a microárea 2 da Aldeia do Índio II. Visto que o

número de problemas relativos à manutenção dos postes foi baixo, cabe identificar quais são os fatores que têm tornado a iluminação pública um “problema”. São, pois, os fatores possíveis: a demora para a manutenção pela empresa de energia, que em uma das grotas chega a três semanas, e a ausência de postes em alguns trechos das vias, o que resulta em trechos escuros ou mal iluminados durante o período noturno.

A iluminação pública deficitária, por si só, pode até não representar um problema direto ao uso e apropriação do território pelas crianças. Entretanto, esse aspecto, se combinado com a ausência de calçadas, rampas e corrimãos e o risco de deslizamento e alagamento, implica riscos diretos à autonomia e à liberdade do uso dos espaços públicos das grotas pelas crianças, sobretudo para as meninas, e principalmente em períodos chuvosos e no turno da noite. A diferença que a iluminação pública faz no uso e na apropriação dos espaços públicos pode ser observada nas fotografias abaixo.

Figura 20 – Grota do Ary após melhorias na iluminação pública pela Prefeitura de Maceió.



Fonte: Prefeitura Municipal de Maceió (2021). Disponível em: <<https://maceio.al.gov.br/noticias/sima/luzes-de-led-beneficiam-mais-de-25-mil-moradores-da-grota-do-ari>>. Acesso em: 02 set. 2022.

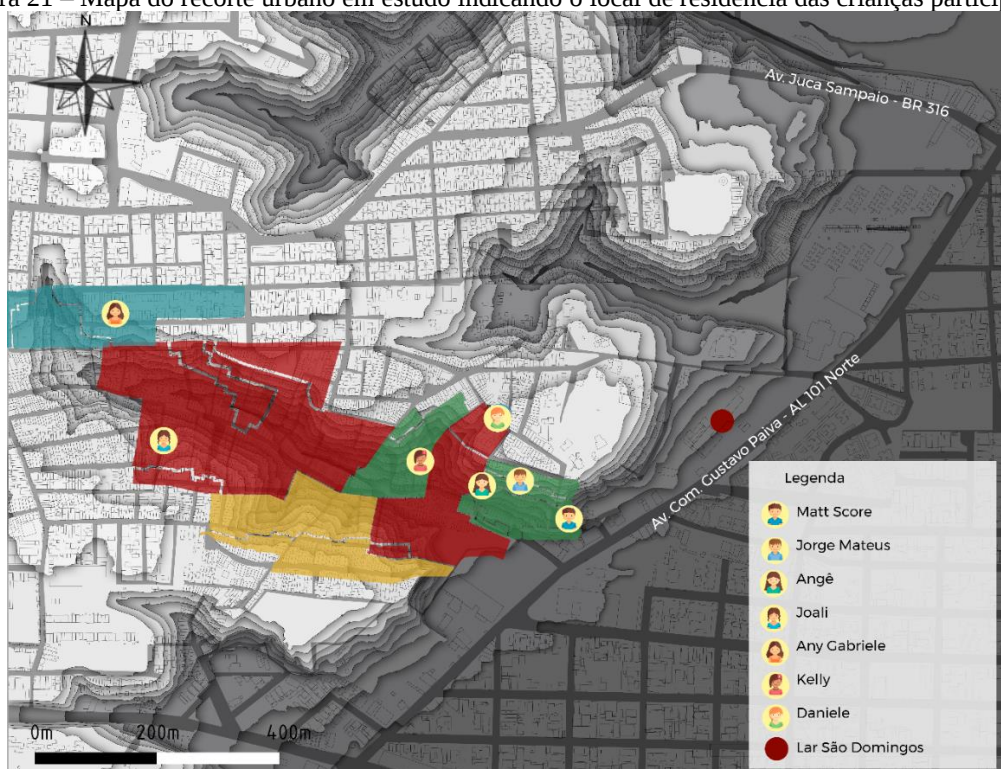
3.4 DO ESPAÇO AO LUGAR

Assim como acontece com qualquer favela presente nas grandes e médias cidades brasileiras, as grotas são marcadas pela carência em infraestrutura básica, como saneamento e iluminação pública, e vivenciam o problema sociais, como a mobilidade urbana deficitária, a

violência e a precariedade das moradias. No entanto, ao analisar a territorialidade das grotas de Maceió nós nos deparamos com a necessidade de encarar as áreas de risco com suas especificidades e particularidades, visto que, o caminho contrário nos leva a uma generalização do problema, assim como de possíveis soluções.

No capítulo seguinte “A voz das crianças” será apresentada a metodologia utilizada para coleta de dados nesta pesquisa. Tendo em vista identificar como a percepção do território pelas crianças impacta na constituição de lugares em áreas de grotas, realizamos entrevistas com nove crianças residentes de grotas do bairro do Jacintinho. Cabe ressaltar, portanto, que, para além do cenário apresentado aqui, os relatos das crianças nos permitirão adentrar e aprofundar o território das grotas. Antes de adentrarmos nesse processo, julgamos válido indicar o local de residência das crianças de modo a melhor espacializar suas contribuições (figura 21). Destacamos que duas dentre as nove crianças entrevistadas não residem no recorte urbano em estudo (figura 22), informação que será esclarecida no capítulo seguinte. Destacamos ainda que foram preservadas suas identidades, sendo utilizados nomes e avatares escolhidos pelas próprias crianças para identificação neste trabalho. As falas e as contribuições das crianças serão identificadas pelos codinomes adotados por elas, são eles: Matt Score, Jorge Mateus, Angê, Joali, Any Gabriele, Kelly, Daniele, Tiago e Naldo.¹¹

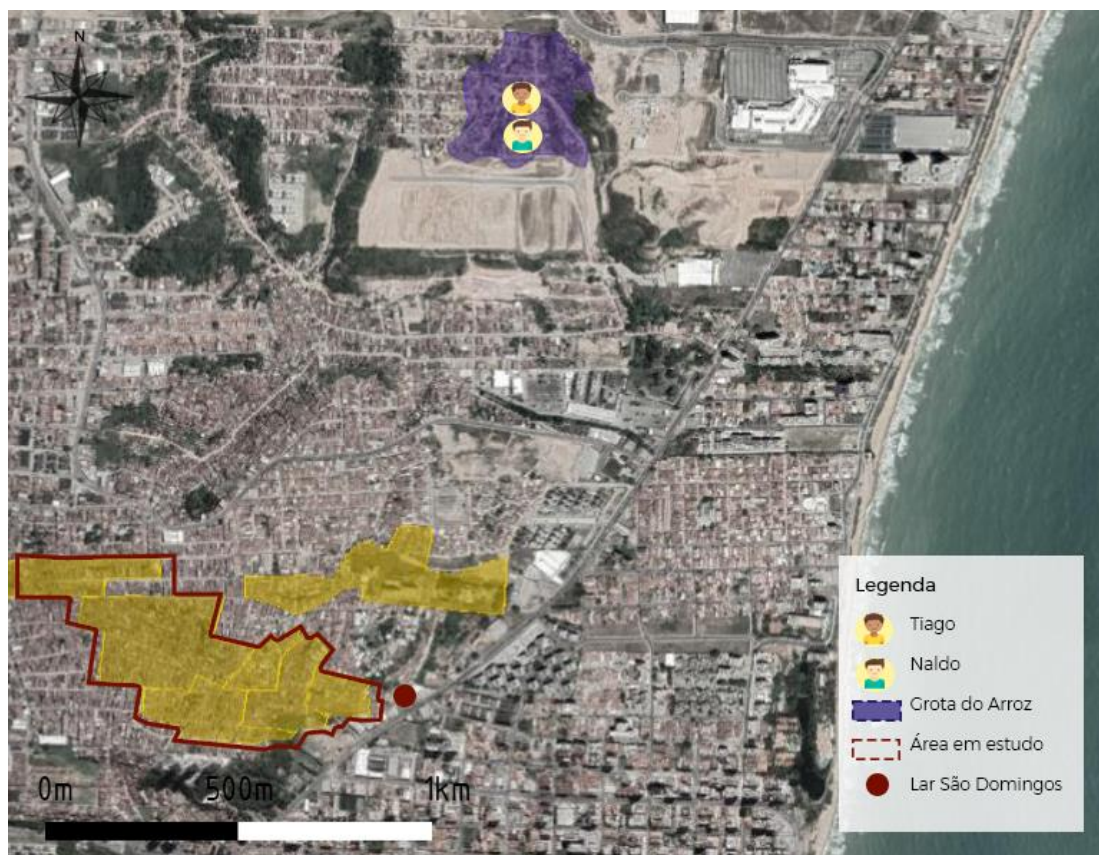
Figura 21 – Mapa do recorte urbano em estudo indicando o local de residência das crianças participantes.



Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2022).

¹¹ Destacamos que os avatares utilizados foram escolhidos pelas crianças participantes, conforme indicado no Quadro 08, não representando com fidelidade a aparência e a etnia das crianças.

Figura 22 – Mapa indicando o local de residência das crianças participantes fora do recorte em estudo.



Fonte: Google Earth, adaptado pela autora (2022).

O processo de conformação do tecido urbano da cidade de Maceió reflete o caráter residual com que se deu a ocupação das grotas, tanto quanto a sua invisibilidade na dinâmica urbana. Apesar disso, admitimos que a prática do espaço acontece de formas distintas em diferentes grotas, dadas as condicionantes socioespaciais de cada uma delas. Enquanto há umas que conformam um complexo se estendendo por diversos bairros, a exemplo do Vale do Reginaldo (figura 23) que se estende – de forma descontínua – desde o bairro do Poço, na planície litorânea, até o Jardim Petrópolis, no tabuleiro, passando pelos bairros do Jacintinho, Feitosa, Farol, Gruta e Ouro Preto; há outras que não tomam mais que uma rua, como a grota Belo Monte Jacintinho. Algumas grotas são acessadas com facilidade, próximas do transporte público e de opções de emprego, escolas e hospitais, como a grota da Freira, no Jacintinho (figura 24), enquanto outras estão situadas praticamente na zona rural da cidade, distantes de qualquer equipamento urbano, como a grota das Princesas, no Benedito Bentes (figura 25).

A análise de indicadores acerca da qualidade de vida nas grotas pode nos demonstrar aspectos problemáticos e potencialidades em cada microárea, ou seja, subdivisões adotadas dentro de um mesmo território. Mas para que possamos compreender como se dá a prática do espaço e a relação com o lugar é necessário dar voz ao território, sobretudo quando abordamos

sobre a infância, visto que as crianças não são consideradas na amostragem de pesquisas quantitativas de um modo geral. Portanto, para encarar as grotas como espaços dotados de lugares para as crianças, construiremos dados sobre elas, e com elas.

Figura 23 – Vale do Reginaldo, trecho cortado pela Av. Gov. Afrânio Lages – Leste Oeste.



Fonte: Portal G1 (2013). Disponível em: < <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/prefeito-de-maceio-anuncia-retomada-de-obras-no-vale-do-reginaldo.html> > Acesso em: 25 mai. 2022.

Figura 24 – Grotta da Freira no bairro do Jacintinho (parte baixa da cidade ao fundo).



Fonte: Acervo pessoal (2020).

Figura 25 – Grota das Princesas no bairro do Benedito Bentes (zona rural ao fundo).



Fonte: Portal Cada Minuto (2021). Disponível em: < <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2021/07/31/vida-nova-nas-grotas-muda-a-vida-dos-moradores-da-comunidade-princesa> > Acesso em: 21 ago. 2021.

4 A VOZ DAS CRIANÇAS

Diante da importância que o sujeito tem perante a análise do objeto na presente pesquisa, bem como ante as complexidades em se realizar pesquisas com crianças, a abordagem metodológica adotada assume não só o papel de atrelar a pesquisa a uma corrente metodológica, mas um esforço em apreender as percepções do sujeito em sua relação com o objeto. Logo, o desafio de olhar a cidade e a grota sob a lente do sujeito, a criança.

Neste capítulo, portanto, iremos justificar e debater acerca dos procedimentos metodológicos que norteiam a condução do trabalho. Utilizamos as contribuições da pedagoga Fernanda Müller (2005, 2007, 2014), por sua valiosa atuação no âmbito de metodologias investigativas com as crianças; da pedagoga Adriana Friedmann (2020), cuja trajetória como pesquisadora, formadora e consultora no campo do brincar e das infâncias já soma quase quatro décadas; e da arquiteta Cristiane Rose Duarte (2013), com sua experiência acerca das dimensões culturais e subjetivas do espaço. Em vistas de apresentar a abordagem metodológica adotada nesta pesquisa, explorando os elementos e etapas necessários ao seu desenvolvimento, o presente capítulo foi estruturado da seguinte forma:

- Abordagem
- Procedimentos metodológicos
- O local
- As crianças
- Passo a passo

4.1 ABORDAGEM

Segundo Delgado e Müller (2005) apesar de existirem estudos brasileiros voltados às crianças e suas culturas, ainda necessitamos avançar em um debate cujo foco das metodologias sejam de fato as vozes das crianças. Segundo a autora, isso se dá devido a uma ciência androcêntrica, legada pela modernidade, a carência de etnografias acerca das infâncias e a consideração dos traços característicos das infâncias como base teórica para a abordagem metodológica.

Portanto, há dois aspectos importantes a se destacar em fazer pesquisas com crianças, considerando as problemáticas levantadas por Delgado e Müller (2005). O primeiro deles é a construção de uma relação de confiança com as crianças, de modo que elas se sintam à vontade para falar o que desejam, e não apenas o que se espera delas. O segundo é “adotar uma ética da estética” (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 175), desconstruir-se, tentando enxergar os objetos

por outros ângulos, insistindo nos processos, se permitindo aprender com o que não está posto, o que há por trás de falas, às vezes, nada óbvias.

A escolha por esses processos demanda uma compreensão da dinamicidade e da instabilidade das categorias de análise. O que, por sua vez, demanda maior flexibilidade de estratégias e de posicionamentos diante do objeto, como também dos sujeitos. Para Delgado e Müller (2005, p. 165), o maior desafio nesse sentido é promover abordagens de “estranhamento e proximidade” com as crianças, visto que “os modos de existência ou os sentidos de ser e estar no mundo dos sujeitos que pesquisamos nem sempre correspondem às nossas interpretações, desejos e anseios.”

Diante da complexidade e dos desafios em se realizar uma pesquisa *com* crianças, e não apenas *sobre* elas, adotamos por não seguir um aporte metodológico clássico, rompendo com uma produção científica androcêntrica, pautada unicamente na racionalidade. Corsaro (2011), assim como outros sociólogos da infância, vão indicar a etnografia como o método mais adequado para esse tipo de pesquisas, por permitir maior flexibilidade e participação das crianças na produção de dados.

Acerca da apreensão da experiência do indivíduo com o ambiente urbano, Duarte (2013) defende também o método etnográfico. Por sua vez, Friedmann (2020) indica diversas possibilidades na abordagem fenomenológica para o levantamento de dados em pesquisas com crianças. Para a autora, técnicas como a escuta sensível e os olhares antropológicos, ao que Duarte (2013) denominaria “remoldagem do olhar”, aparecem como caminhos possíveis para processos éticos e respeitosos junto à infância.

Nesse sentido, podemos afirmar que este estudo, em linhas gerais, se aproxima da abordagem etnográfica. Entretanto, para além da adoção de um embasamento metodológico tradicional, utilizamos procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa que nos permitam atender às especificidades do objeto e do sujeito, pautados no esforço permanente de responder a pressupostos teóricos, expostos anteriormente. Quais sejam:

- A infância consiste em uma categoria social presente em qualquer estrutura geracional. (QVORTRUP, 2010)
- A infância está sujeita a transformações decorrentes tanto das modificações em outras categorias, como classe, raça e gênero, quanto da influência dos próprios indivíduos que a vivenciam, as crianças. (CORSARO, 2011)
- O espaço é a dimensão que permite a materialidade das práticas sociais. (TUAN, 1983)
- Quando qualificado, o espaço pode converter-se em lugar. É, pois, por meio da prática do espaço que essa qualificação acontece. (TUAN, 1983)

- A condição de aprendizado efervescente presente na infância permite que a qualificação do espaço aconteça com maior frequência para as crianças. Desse modo, aqui, a noção de lugar assume maior importância que a de espaço. (LIMA, 1989)
- O território é o “chão mais a identidade”, logo, a percepção do território das grotas pelas crianças pode nos auxiliar a compreender a constituição de lugares neste. (SANTOS, 2002)

Diante do exposto, é possível admitir que a compreensão da prática do espaço e a percepção do território pelas crianças, em determinado contexto, em um dado momento, pode nos revelar a materialidade de traços sociais refletidos no espaço, e delinear possíveis cenários para outros momentos, em outros contextos. Aqui, nos debruçamos sobre a prática do espaço e a constituição de lugares para crianças em grotas no bairro do Jacintinho, na cidade de Maceió – Alagoas, na segunda década do século XXI.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Já a coleta de dados se deu de duas formas. A primeira delas por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com um grupo de nove crianças da área de estudo, realizada em uma instituição de educação complementar, no contraturno escolar. A partir desta etapa objetivou-se identificar por meio do diálogo e de representações gráficas, a prática do espaço pelas crianças nas grotas, e suas percepções sobre estas. A segunda ferramenta, paralela à primeira, consistiu no uso de cadernos de desenho, preenchidos pelas próprias crianças a partir de desafios e questionamentos lançados pela pesquisadora, como, por exemplo, representar o caminho casa-escola com uma linha, relatar ou desenhar um aspecto positivo e um negativo no local onde moram, em vistas de estimular o olhar das crianças para o espaço, após o momento das entrevistas. Além dos cadernos de desenho, como recurso complementar, após a entrevista 05 foi solicitado que as crianças (caso pudessem e se sentissem à vontade) fotografassem as ruas, becos ou escadarias, onde está localizada a sua casa, em vistas de permitir um enriquecimento da compreensão do olhar infantil sobre o território.

A ideia inicialmente era que as crianças levassem os cadernos para realização dos desafios em casa, sendo recolhidos ao final das entrevistas. Entretanto, seguindo orientações da direção pedagógica da instituição, que nos informou que a instituição fornecia todos os materiais escolares e, consequentemente, as crianças não levavam material para casa, adaptamos a proposta para realizar os desafios juntos, após as entrevistas. Aqui o objetivo foi coletar informações complementares àquelas expressas durante o momento presencial, por meio da expressão gráfica. A adaptação para o uso dos cadernos após as entrevistas, acabou tornando-

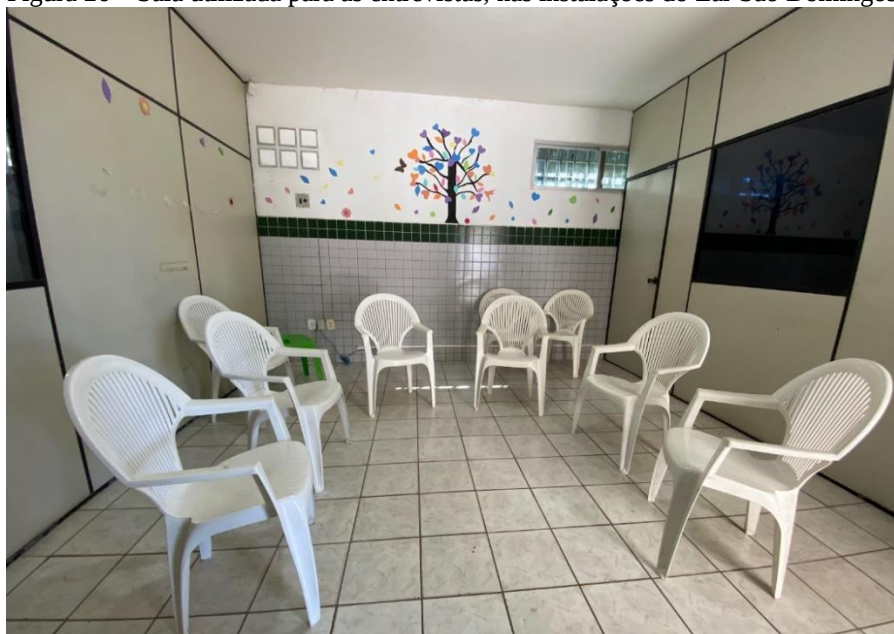
se um aspecto favorável à coleta de dados, visto que, enquanto desenhavam ou escreviam, as crianças acabavam trazendo ainda mais informações para o grupo.

Vale ressaltar que o contexto da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) provocou diversas modificações ao longo da pesquisa, desde a temática central – que inicialmente seria investigar o caminho casa-escola, escola-casa das crianças –, até a metodologia, que incluía a técnica de observação participante e uma amostra maior de participantes. Portanto, tendo em vista as incertezas, os constantes decretos restringindo e flexibilizando as medidas sanitárias, e o cuidado de realizar a pesquisa sem comprometer a saúde de nenhum dos envolvidos, os procedimentos metodológicos assumiram um caráter mais reduzida, em termos de participantes, porém com maior aproximação entre a pesquisadora e as crianças. Apesar de ser moldado pelas circunstâncias, as modificações sofridas pelos procedimentos metodológicos acabaram favorecendo a pesquisa, e garantindo maior fidelidade às premissas teóricas abordadas no capítulo anterior, sobretudo no que se refere à participação das crianças. Cabe destacar que o projeto de pesquisa foi submetido, e aprovado, pelo comitê de ética antes da realização da coleta de dados.

4.3 O LOCAL

Os dados foram coletados com o suporte e a mediação do Lar São Domingos – instituição filantrópica que atende a quinhentas crianças e jovens, entre 6 e 17 anos, que residem nas grotas do bairro do Jacintinho, oferecendo-lhes, no contraturno da escola, atividades de complementação curricular, culturais, esportivas e de inclusão sociocultural, desde que eles estejam adequadamente matriculados no ensino público formal. Na instituição foram utilizadas duas salas – uma para as entrevistas, com cadeiras dispostas em círculos, e outra para a realização dos desafios nos cadernos de desenho –, conforme apresentado abaixo.

Figura 26 – Sala utilizada para as entrevistas, nas instalações do Lar São Domingos.



Fonte: acervo pessoal (2021).

Figura 27 – Sala utilizada para as entrevistas, nas instalações do Lar São Domingos.



Fonte: acervo pessoal (2021).

A instituição foi escolhida por ser um ambiente familiar à pesquisadora, tanto as instalações quanto a equipe, por ter uma parente que já trabalhou no local. A instituição selecionada está situada nas imediações de quatro grotas: Aldeia do Índio II, Grota do Cigano, Rua Santo Antônio e Rua Belo Monte (ver figura 08). Além disso, atende apenas crianças e jovens que nelas residem. Tais elementos tornaram o ambiente favorável e acolhedor à realização da pesquisa.

4.4 AS CRIANÇAS

Inicialmente a proposta era de realizar a coleta de dados com 50 crianças, o que correspondia a 10% do público atendido pela instituição escolhida – Lar São Domingo –, entretanto, diante da instabilidade do cenário pandêmico e das diversas modificações que precisamos realizar, optamos por reduzir o grupo e aprofundar o diálogo e o contato com as crianças, o que só seria possível com grupos menores. Portanto, o dimensionamento dos participantes da pesquisa foi mais orgânico, moldado pelas circunstâncias e o direcionamento da pesquisa.

Logo, tendo em vista o caráter reduzido, para garantir as medidas sanitárias e o aprofundamento do diálogo a ser desenvolvido com as crianças e a produção de dados, o dimensionamento de participantes foi de nove crianças com idade entre dez e onze anos. Tal faixa etária foi escolhida por abranger os últimos anos do período operatório concreto, no qual as crianças dispõem de maior autonomia, possuem linguagem verbal mais clara e estão inclinadas a solucionar problemas concretos, segundo Piaget (1968).

Para melhor aproveitamento dos momentos de diálogo, e a possibilidade de exercitar a escuta atenta e os olhares antropológicos, as crianças foram subdivididas em dois grupos, cada um com cinco participantes. Foi solicitado à direção a indicação de dez crianças que residissem nas imediações da instituição. Recebemos a indicação de seis meninas e quatro meninos de duas turmas da instituição. Contudo, uma das meninas não recebeu autorização dos responsáveis para participar da pesquisa, por motivos pessoais – informação que só foi fornecida após a primeira entrevista. Assim sendo, a entrevista foi realizada apenas com nove crianças, sendo cinco meninas e quatro meninos. Dentre esses, quatro residem na Aldeia do Índio II, duas na Grota do Cigano, uma na Rua Belo Monte e dois na Grota do Arroz, no bairro de Cruz das Almas. Esses dois últimos residem fora da área de estudo (ver figuras 21 e 22), informação que só foi fornecida após a participação das crianças em duas entrevistas, portanto, optamos por manter sua participação ainda assim, visto que a grota onde residem apresenta similaridades com as grotas em estudo. Contudo, cabe destacar que os dados retratados no capítulo anterior não refletem sua realidade socioeconômica, e suas contribuições acerca da prática do espaço não serão especializadas, como dos demais. Por outro lado, observou-se que informações como a sua experiência temporal residindo em grotas e sua apropriação do espaço urbano contribuem com a identificação do processo de constituição de lugares na grota, apesar disso.

De modo a facilitar a compreensão do leitor e permitir um cruzamento entre as opiniões e os registros das crianças com a sua identificação, elaboramos um quadro síntese apresentando o perfil das crianças participantes

Quadro 2 – Perfil das crianças participantes.

	Nome	Idade	Grota	Contexto Familiar
	Angê	10 anos	Aldeia do Índio II	Mora com a mãe (48 anos), que é empregada doméstica, casada e se autodeclara como branca; o pai (55 anos), que é armador, analfabeto; e um irmão (13 anos).
	Any Gabriele	9 anos	Rua Belo Monte	Mora com a mãe (33 anos), que é empregada doméstica, casada e se autodeclara como parda; o pai (37 anos), que é autônomo; e a irmã (12 anos).
	Daniele	9 anos	Grota do Cigano	Mora com a mãe (29 anos), que é manicure, solteira e se autodeclara como parda; três irmãos (12 anos, 02 anos e 01 ano); e o namorado da mãe. Recebem bolsa família.
	Joali	9 anos	Grota do Cigano	Mora com a avó, mas todos os dados registrados são da mãe (40 anos), que é empregada doméstica, solteira e se autodeclara como parda. Recebem bolsa família.
	Kelly	9 anos	Aldeia do Índio II	Mora com a mãe (25 anos), que é dona de casa e se autodeclara como parda; o padrasto (24 anos), que é entregador; e um irmão (11 anos). Recebem bolsa família.
	Jorge Mateus	9 anos	Aldeia do Índio II	Mora metade da semana com a avó e metade com a mãe (26 anos), que é atendente, mas está desempregada, solteira e se autodeclara como parda; e duas irmãs (7 anos e 6 meses).
	Matt Score	9 anos	Aldeia do Índio II	Mora com a mãe (48 anos), que é autônoma, solteira e se autodeclara como parda; duas irmãs e o namorado da mãe. Recebem bolsa família.
	Tiago	10 anos	Grota do Arroz	Mora com a mãe (33 anos), que é dona de casa, recebe pensão do ex-marido e se autodeclara como negra; duas irmãs mais velhas (16 e 15 anos); três irmãos mais novos (06, 03, 02 anos e 01 ano); e o namorado da mãe.
	Naldo	10 anos	Grota do Arroz	Mora com a mãe (48 anos), que é agricultora, solteira, analfabeta e se autodeclara como parda; a irmã (13 anos) e mais três parentes não identificados. Recebem bolsa família.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.5 PASSO A PASSO

No primeiro momento aplicamos a técnica da entrevista semiestruturada que, segundo Gil (2011), permite maior liberdade de expressão dos participantes, sem tolher o foco da pesquisadora ante o objeto, combinada com a técnica de escuta antropológica das crianças (FRIEDMANN, 2020), por meio da interlocução horizontal. A elaboração de desenhos e desafios pelas crianças são outras ferramentas propostas por Friedmann em processos de escuta. Além disso, foi utilizada ainda a ferramenta de *mapeamento de manifestações*, proposta por Duarte (2013) para espacializar relações interpessoais sobre o território, para a elaboração de um mapa de lugares na grotta (ver figura 51).

A diversidade de ferramentas, bem como o uso de mapas e imagens, se deu em vistas de ampliar as possibilidades de expressão e escuta dos sujeitos da pesquisa. Duarte (2013) afirma que o aprendizado de olhar, escutar e ler o espaço em conjunto com os sujeitos que o utilizam permite um diálogo cultural mais rico, abrangendo muito além da relação entre esses com o seu território, revelando traços invisíveis. Tais ferramentas foram estruturadas, inicialmente, em quatro encontros com periodicidade quinzenal, durante os meses de setembro e dezembro de 2021. Contudo, o olhar atento às informações compartilhadas pelas crianças, nos levaram a adaptações de perguntas das entrevistas posteriores. Sendo assim, acabamos acrescentando três encontros à proposta inicial.

No total, foram realizadas sete entrevistas. Logo, de modo a estruturar o número de entrevistas necessárias, além de atrelá-las aos pressupostos teórico-metodológicos adotados, foram selecionadas temáticas norteadoras para cada entrevista, elencadas na seguinte ordem:

- Percepções sobre o território das grotas
- Deslocamentos na grotta
- Os usos do território da grotta
- Os vínculos com o território da grotta
- A casa *versus* a rua
- Validação das informações
- Construindo o perfil dos participantes

Partir do território justifica-se no entendimento de que o endereço da nossa residência vai além de um posicionamento no espaço físico, mas também nos posiciona no *espaço social* (SIMÕES; MELO, 2013) e afetivo, de proximidade e familiaridade. Contudo, a diversidade de grotas e a singularidade de organizações entre si, acaba por criar diversas características dentro de um mesmo bairro, neste caso o Jacintinho. A partir das definições de Santos (2002) e

Haesbaert (2004), compreendemos que as grotas de Maceió conformam territórios distintos dentro do território maceioense. Nesta pesquisa, adotamos o termo território para designar o espaço, físico e simbólico, das grotas, que contêm características capazes de conformar uma área urbana penetrável mentalmente e distinguível de outros territórios. Sobre estas, Simões e Melo (2013) afirmam conferir às crianças a primeira sensação de pertencimento a uma posição na cidade (SIMÕES; MELO, 2013).

Segundo Augé (1994) e Tuan (1989), o caminhar está na base de toda a experiência da prática do espaço. Um espaço, portanto, só pode ser praticado e qualificado quando nos movemos sobre ele. Nesse sentido, adotar os deslocamentos (entrevista 2) como o segundo item promove uma aproximação da percepção do indivíduo de uma estrutura “abstrata” que é a delimitação territorial para uma experiência concreta, que é a prática cotidiana do espaço.

Em seguida, adentramos no processo de prática do espaço, ou na materialidade das práticas sociais, buscando entender quais são e como se dão os usos (entrevista 3) do território pelas crianças. Em territorialidades tão distintas, em que as estruturas da cidade formal não se aplicam, as ruas, as praças e os largos possuem configurações diferentes. Para tanto, com essa temática, intencionamos saber quais são os espaços disponíveis, como se estruturam, estão inseridos no território, e como as crianças se apropriam deles em seu cotidiano, bem como identificar espaços onde não é possível a apropriação.

Com vistas de compreender como se dá a qualificação do espaço, a constituição de lugares dentro dos territórios das grotas, adentramos nos vínculos (entrevista 4). Segundo uma perspectiva das emoções, para Tuan (1989), considerar a prática do espaço pode nos dar indícios sobre o ambiente urbano permitindo interpretá-lo enquanto participante das memórias, dos afetos, de processos de identificações e da noção de pertencimento. Logo, compreender os vínculos da criança com o espaço perpassa também pelas práticas, mas especialmente por uma compreensão de quais as sensações vivenciadas nos espaços públicos e privados do território.

A temática da dicotomia entre a casa e a rua (entrevista 05), por sua vez, não estava prevista inicialmente, mas por volta da terceira entrevista ficou muito evidente a necessidade de adentrá-la. Ainda que a rua seja o espaço mais utilizado pela maioria das crianças para brincar, as restrições ao uso por algumas delas, ou o cuidado com relação a elas, nos apontou um aspecto de análise muito interessante. Sobre esse conflito, Leitão (2009) afirma estar no cerne da sociedade brasileira, o que pôde ser observado espontaneamente na prática, visto que a temática foi introduzida pelas próprias crianças participantes.

As duas últimas entrevistas tiveram um caráter mais de culminância, nos quais foi possível averiguar, confirmar ou ajustar informações compartilhadas pelos participantes ao

longo do processo, bem como dar a possibilidade de que eles escolhessem o perfil, nome e avatar, com os quais gostariam de ser apresentados na pesquisa, visto que suas personalidades precisam ser resguardadas. A seguir, detalhamos o roteiro de cada um dos sete encontros.

Quadro 3 – Roteiro da Entrevista 01 – Percepções sobre o território das grotas.

Entrevista 01 Percepções sobre o território das grotas	
Objetivos	Introduzir a investigação junto ao grupo de crianças participantes para identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Papel sulfite, lápis e lápis de cor.
Roteiro	Explicar a pesquisa e propor que cada participante se apresente. Pergunta 01: Qual é o seu local favorito na cidade de Maceió? Pergunta 02: Além de Maceió, você conhece outras cidades? Pergunta 03: Qual é o bairro onde você mora? Pergunta 04: Como é o bairro onde você mora? Desafio: Desenhe/escreva sobre algo que represente o local onde mora. Entregar os cadernos de desenho para as crianças, inicialmente, personalizarem a capa.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 4 – Roteiro da Entrevista 02 – Deslocamentos na grotá.

Entrevista 02 Deslocamentos na grotá	
Objetivos	Introduzir a investigação junto ao grupo de crianças participantes para identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando os seus deslocamentos cotidianos.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Mapa do bairro (Jacintinho) impresso em A2, fotos das grotas, lápis, canetas e hidrocor.

Roteiro	Propor que cada participante identifique (no mapa e nas fotos) a sua casa. Fazer a seguinte provocação: “Me explique como chegar lá a partir daqui do Lar São Domingos.” Pergunta 01: Quais são os espaços que você mais frequenta? Com quem você vai? Como costuma ir? Pergunta 02: Você se sentiria seguro para ir a algum desses lugares só? Pergunta 03: Alguma situação no local onde você mora já impediu que você saísse de casa? Desafio: Desenhe/escreva sobre o que mais lhe chama atenção na sua rua.
---------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 5 – Roteiro da Entrevista 03 – Os usos do território da grotá.

Entrevista 03 Os usos do território da grotá	
Objetivos	Introduzir a investigação junto ao grupo de crianças participantes para identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando os usos do território.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Mapa do bairro (Jacintinho) impresso em A2, fotos das grotas, lápis, canetas e hidrocor.
Roteiro	Pergunta 01: No seu bairro, onde você costuma ir para se divertir? O que você faz lá? O que tem lá? Pergunta 02: Há lugares no seu bairro que você evita passar? Por quê? Pergunta 03: Conte uma experiência que você vivenciou em algum dos espaços que você citou. (utilizando mapas com os espaços indicados pelas crianças na semana anterior). Desafio: Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se você se sente bem) e com a cor que você menos gosta (se você se sente mal). Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se é um caminho tranquilo) e com a cor que você menos gosta (se é um caminho com dificuldades).

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 6 – Roteiro da Entrevista 04 – Os vínculos com o território da grotá.

Entrevista 04 Os vínculos com o território da grotá	
Objetivos	Introduzir a investigação junto ao grupo de crianças participantes para identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando os vínculos estabelecidos com o território.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Cadernos de desenho, lápis e lápis de cor.
Roteiro	Pergunta 01: Quem mora na Grotá? Pergunta 02: Você se sente seguro na grotá? Pergunta 03: Você se sente seguro em casa? Pergunta 04: Tem algum outro local onde você se sente seguro? Desafio: Desenhe/escreva sobre uma coisa boa e uma coisa ruim de onde você mora.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 7 – Roteiro da Entrevista 05 – A casa *versus* a rua.

Entrevista 05 A casa <i>versus</i> a rua	
Objetivos	Introduzir a investigação junto ao grupo de crianças participantes para identificar como é percebido o território das grotas pelas crianças que nele habitam, considerando as relações entre a casa e a rua.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Cadernos de desenho, lápis e lápis de cor.
Roteiro	Pergunta 01: Dentro da sua casa você se sente bem? Por quê? Pergunta 02: Na sua rua você se sente bem? Por quê? Pergunta 03: Perto da sua casa tem algum local onde muitas crianças se reúnem para brincar? Onde fica? Como é? Desafio: Desenhe a sua casa vista de frente. Desenhe/ escreva sobre a sua rua. Após a entrevista, as crianças (que desejassem e tivessem acesso a <i>smartphone</i>) foram desafiadas ainda a fotografarem a rua, beco, escadaria ou rampa onde está localizada a sua casa).

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 8 – Roteiro da Entrevista 06 – Validação das informações.

Entrevista 06 Validação das informações	
Objetivos	Averiguar, confirmar ou ajustar informações compartilhadas pelos participantes ao longo do processo.
Técnicas	Entrevista semiestruturada em formato ilustrado.
Materiais necessários	Papel impresso com perguntas ilustradas, lápis e lápis de cor.
Roteiro	Entregar papel com ilustrações (ver Apêndice B) compondo as seguintes perguntas, para que as crianças pintem, em caso afirmativo. Pergunta 01: Você mora na mesma casa há muito tempo? Pergunta 02: Você gosta do local onde mora? Pergunta 03: Você conhece o local onde mora? Pergunta 04: Tem locais para brincar perto da sua casa? Pergunta 05: Tem amigos que moram perto da sua casa? Pergunta 06: Tem parentes que moram perto da sua casa? Pergunta 07: O local onde você mora poderia ser melhor?

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 9 – Roteiro da Entrevista 07 – Construindo o perfil dos participantes.

Entrevista 07 Construindo o perfil dos participantes	
Objetivos	Averiguar, confirmar ou ajustar informações compartilhadas pelos participantes ao longo do processo.
Técnicas	Entrevista semiestruturada.
Materiais necessários	Papel impresso, lápis e lápis de cor.
Roteiro	Além das entrevistas, foi previsto um último momento para compartilhar com as crianças os dados produzidos, em vistas de validar as respostas às perguntas e compartilhar as informações coletadas durante as entrevistas. Uma síntese das análises foi apresentada em forma de afirmativas, para que as crianças opinem se concordam ou discordam, e comentem sobre as afirmações. Foram as afirmativas: Afirmativa 01: É fácil andar na gruta.

	Afirmativa 02: Eu ando sozinha/o na grotá. Afirmativa 03: Eu me divirto brincando na rua. Afirmativa 04: Complete a frase: Eu tenho medo quando passa _____ na minha rua. Afirmativa 05: Está sendo feita alguma obra onde eu moro. Afirmativa 06: A minha grotá é um local bom para morar. Afirmativa 07: Complete a frase: Meu lugar favorito na grotá é _____. Afirmativa 08: Eu tenho carinho pelo local onde eu moro. Afirmativa 09: Eu me sinto responsável pelo local onde eu moro. Ao final da rodada de afirmações, foi solicitado às crianças que escolhessem um avatar (ver Apêndice C) e um nome para serem identificadas na pesquisa.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A metodologia adotada se deu em função da identificação da percepção das crianças sobre o território das grotas, no que tange aos deslocamentos cotidianos, seus usos e os vínculos ali existentes, tendo em vista a influência destes na prática do espaço, a partir da qual se dá a qualificação dos espaços e, conseqüentemente a constituição de lugares. Além dessas, observou-se ainda a demanda de investigar acerca da relação entre a casa e a rua, como problemática real e pertinente ao escopo da pesquisa.

A partir da coleta de dados, junto às crianças, acreditamos ser possível identificar aspectos ou pontos-chave que atuam no processo de constituição de lugares no território das grotas pelas crianças. Os aspectos encontrados, bem como os resultados desta pesquisa, serão apresentados no capítulo seguinte, por meio do registro das respostas das crianças, desenhos produzidos e fotografias retiradas por elas e mapeamentos elaborados a partir dos dados coletados.

5 CONSTITUINDO LUGARES NA GROTA

Neste capítulo nos propomos a apresentar e discutir os resultados obtidos a partir da construção de uma narrativa compartilhada para a prática do espaço e a constituição de lugares para as crianças nas grotas do bairro do Jacintinho. Aqui serão demonstradas e analisadas as falas e as expressões compartilhadas, além dos materiais produzidos pelas crianças durante a realização das entrevistas semiestruturadas.

O processo de escuta das crianças, por meio das entrevistas, bem como pelos desenhos, enriquecidos com o compartilhamento de informações de natureza pessoal por parte das crianças, nos levou à identificação de quatro pontos-chave que atuam no processo de constituição de lugares nas grotas, quais sejam: a **permanência**, a **familiaridade**, a **apropriação** e a **localização**. Cada um desses pontos será aprofundado no primeiro item deste capítulo, que está estruturado da seguinte forma:

- Constituindo lugares
- Percepções sobre o território das grotas
- Deslocamentos na grotas
- Os usos do território da grotas
- Os vínculos com o território da grotas
- A casa *versus* a rua
- Do espaço ao lugar no bairro do Jacintinho

5.1 CONSTITUINDO LUGARES

O processo de dar voz ao território a partir das falas das crianças, muito além de revelar suas percepções e opiniões sobre o espaço, demonstrou uma enorme necessidade que as crianças têm de falar e ter suas vozes ouvidas. Diferente daquilo que imaginei que poderia encontrar [desinteresse e tédio por longos minutos sendo entrevistados e pelas atividades de desenho], a cada semana a maior parte das crianças trazia mais informações sobre o espaço urbano, como novidades de obras ou lixo acumulado nas ruas da grotas, detalhes sobre as brincadeiras e os percursos realizados, mas também sobre as suas famílias e o seu dia a dia – atitudes pessoalmente interpretadas como conquista da confiança delas, acompanhada de interesse pela temática. Este foi um dos fatores que permitiu o enriquecimento dos dados coletados e a constatação de que a criança tem muito a contribuir quando incluída no processo.

Cabe destacar que, apesar da relação conquistada e de algumas crianças trazerem quase de forma jornalística fatos sobre o cotidiano e os problemas nas grotas, por vezes, percebi falas autocensuradas (quando as crianças titubeavam ao falar ou eram censuradas por algum colega)

em temáticas como violência urbana. Todas as vezes em que percebi esse comportamento, tentei incentivar e deixar as crianças à vontade para falar. Ainda assim, na maioria delas, as crianças escolheram o silêncio. Acerca desses “pontos cegos” caberia, talvez em uma pesquisa de cunho psicossocial, a busca por uma compreensão mais extensa e aprofundada da presença da violência e a sua influência nas relações sociais dentro das grotas.

No decorrer do processo, identificamos quatro pontos-chave que impactam no processo de constituição de lugares, dentre eles abordaremos primeiramente o da permanência. Conceito este que se refere à qualidade temporal da prática do espaço pelo indivíduo. Para embasar a nossa concepção de permanência, recordamos que “o lugar é pausa”, tal como discutido no primeiro capítulo a partir das contribuições de Tuan (1983). Destacamos que, apesar de compreendermos que a extensão temporal por si só não é mais importante do que a sua intensidade – afinal, há práticas espaciais extensas, mas sem qualificação significativa, enquanto há outras de curta duração, mas de muita intensidade –, Tuan (1983) assevera que a experiência espaço-temporal de uma criança contrasta com a do adulto. Visto que as sensações são bem mais intensas na experiência da criança, ela permanece no tempo, dando a impressão de que um dado instante pode perdurar para sempre. Para o autor, “o espaço da criança se amplia e se torna mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). Logo, a pausa e a permanência permitem que uma localidade adquira a concepção de centro dotado de valor, na prática espacial e temporal do indivíduo na infância.

‘Sentir’ um lugar leva mais tempo; se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (TUAN, 1983, p. 203)

Observamos a importância da permanência na qualificação espacial e na constituição de lugares diante da influência que esta exerce sobre a familiaridade e a apropriação, articulando-os. Logo, identificamos que a extensão temporal da vivência de uma criança em determinado território, ou localidade, bem como a intensidade dessa vivência definem e são definidos pela familiaridade e pela apropriação por parte das crianças. Em termos práticos, as crianças que residem há mais tempo na mesma casa ou no mesmo território, ao que tudo indica, são aquelas que possuem maior grau de familiaridade com o espaço, e conseqüentemente, se apropriam mais do espaço.

Cabe destacar que identificamos dentre as crianças com curta permanência no território menor grau de familiaridade e apropriação. Ou seja, aquelas que apesar da pouca idade

relatarem já haver residido em muitas localidades diferentes, aparentam não ter uma rede de relações sociais na grota ou não se apropriarem muito do território; em alguns casos, as duas situações foram identificadas. As motivações, ou as causas, para a mudança de residências, contudo, são desconhecidas pelas crianças, ou não foi da vontade delas compartilhar quando questionadas.

Inteiramente relacionado à permanência, outro aspecto identificado foi a familiaridade – que se refere ao núcleo afetivo e familiar das crianças, o lar. Um aspecto importante que nos revela o senso de proteção, de abrigo. Para Tuan (1983), as crianças têm mais relações de intimidade com pessoas e objetos, porque se reconhecem frágeis, o que as faz buscar por segurança, por cuidado, sem, com isso, deixarem de estar abertas para o mundo quando encontram aquilo de que necessitam. A familiaridade, no sentido do ambiente doméstico, em uma dimensão temporal, nos remete ao passado, segundo Tuan (1983, p. 142): “em um sentido ideal, o lar fica no centro de nossa vida, e o centro [...] conota origem e começo.”

Para Bachelard a casa nos remete à infância, ao começo da vida, que “começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa”, configurando-se, pois, a casa como “o nosso canto do mundo” (1993, p. 200, 201). Em sua toponálise acerca da casa, Bachelard (1993) afirma ser esse o espaço responsável por mantermos grande parte de nossas memórias. Durante toda a existência, voltaríamos aos refúgios da casa de nossas infâncias, segundo o autor. Em refletindo sobre esse aspecto, questionamo-nos quais os efeitos controversos quando o lar, aparentemente, não representa um ambiente de proteção, ou, ainda que problemáticas, decorrem da mudança constante de lares. Ambas as situações são muito comuns dentre as crianças entrevistadas. Para além dos efeitos psicológicos e emocionais, percebemos que tais “ausências” dificultam a constituição de lugares na escala do território.

Uma pessoa doente, protegida pela familiaridade de sua casa e confortada pela presença daqueles que ama, sabe bem o que significa o cuidado carinhoso. Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinhos, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. (TUAN, 1983, p. 152)

O autor reflete ainda sobre como as pessoas que nos dão proteção são também lugares, como é o caso dos pais ou cuidadores para com as crianças. Na pesquisa de campo, observou-se um grau mais elevado do aspecto da familiaridade entre as crianças que têm parentes ou pessoas muito próximas que residem perto de suas casas, como madrinhas, avós e tias [figuras citadas por elas]. Como já dissemos, aqui relacionamos o sentido de familiaridade ao sentido do lar. Entretanto, estendemos o sentido de lar a todos os ambientes domésticos dentro da grota onde as crianças se sentem protegidas, e não apenas ao lar onde, de fato, habitam.

Para Tuan (1983), “os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contatos” (p. 156). Portanto, nesta pesquisa ampliamos o sentido de lar, visto que, diante do senso de comunidade e da multiplicidade de pessoas necessárias para cuidar de uma criança em um contexto de privações, expresso entre algumas das crianças, as casas de pessoas próximas são também suas, como é o caso de Jorge Mateus, que mora com os pais e com a avó, e de Kelly, que cita com frequência a casa de sua madrinha. Este é um exemplo que se repete.

Outro aspecto identificado em nossas análises foi a apropriação, que se refere à relação das crianças com os espaços públicos da grota e à forma como utilizam-nos. Abrimos aqui um parêntesis para esclarecer que, compreendemos espaços públicos enquanto a estrutura urbana que define a vida coletiva e representa a coletividade, na perspectiva de Carrión (2016), que, em nosso recorte urbano de estudo, e de acordo com os relatos das crianças, são: ruas, escadarias, calçadas, barrancos e terrenos baldios. Quanto à apropriação, aqui será investigada no que se refere à prática do espaço. Ou seja, se a criança pratica os espaços públicos da grota, compreende-se que ela se apropria deles.

Segundo Oliveira (2004), é a partir da apropriação dos espaços públicos que a cidade é compreendida e vivenciada; e a não utilização desses espaços pelas crianças limita suas possibilidades de interação e sua percepção sobre as mudanças socioespaciais que impactam nas dinâmicas urbanas. De acordo com Tuan (1983, p. 204), “a criança, mais do que o adulto, conhece o mundo através dos sentidos”. Logo, a apropriação se torna importante não apenas para uma assimilação do espaço, mas senão, e sobretudo, por permitir a vivência do corpo no espaço.

Questões relativas à familiaridade e à permanência interferem completamente no uso e na apropriação do espaço coletivo pelas crianças, em uma relação diretamente proporcional. Contudo, identificamos uma série de outros fatores socioespaciais que também interferem nesse aspecto, mas cujo aprofundamento foge ao objetivo deste trabalho. Problemáticas como gênero, condições socioeconômicas, relação da família com históricos de violência, são alguns deles. Tais questões serão aqui abordadas e observadas, mas devido à dimensão e aos objetivos do trabalho, não nos aprofundaremos nelas.

A apropriação derivou em um quarto aspecto que foi a localização, cujo significado é bastante literal, referindo-se ao local onde está situada a residência das crianças no território estudado. Segundo Mello e Simões (2013, p. 67), “um endereço na cidade, fala não só de uma localização no espaço físico, mas também de uma designação no espaço social”. Assim sendo, não são apenas os fatores geográficos que simbolizam determinada localidade, seja ela uma

casa diante da grotas ou uma grotas diante do bairro, ou um bairro diante da cidade, mas também a representação que o morador, ou pessoas de fora, têm dessa localidade.

A orientação das crianças a partir dessa delimitação do território “antes” e “depois” da grotas denota uma percepção que elas têm das características que identificam o território das grotas, possivelmente o relevo mais acentuado, a presença de escadarias, rampas e becos, as ruas mais estreitas, as casas geminadas, aspectos esses identificados nos desenhos elaborados por elas. Ressaltamos que, apesar de contrastar com a delimitação de grotas indicada pelos dados oficiais, que consideram fatores socioeconômicos (IBGE, 2010; ONU-Habitat, 2019), a orientação das crianças, que também deve ser identificada entre os adultos, também revela informações e características do território.

Outro ponto importante a se destacar no aspecto da localização foi um desafio encontrado durante o processo da pesquisa, que é a dificuldade de localizar espaços nas grotas. O próprio endereço de residência das crianças – consultado no cadastro da instituição para fins de mapeamento e enriquecimento da análise de dados –, só foi possível especificar devido à diversidade de recursos utilizados na coleta de dados: identificação no mapa pelas crianças e o relato do caminho percorrido até o Lar São Domingo (entrevista 2), bem como o envio de fotos da rua onde residem e o desenho dessa rua e da casa onde moram vista de frente (entrevista 5).

Com este aspecto, portanto, buscamos compreender de que forma o local onde cada crianças reside dentro da grotas impacta na sua constituição de lugar. Não identificamos uma relação direta entre o aspecto da localização e os dois primeiros (permanência e familiaridade), mas observamos que ele possui relação direta com a questão da apropriação. Ao final deste capítulo, tais aspectos serão retomados para analisarmos de que forma atuam um sobre o outro e como interferem na constituição de lugares para as crianças.

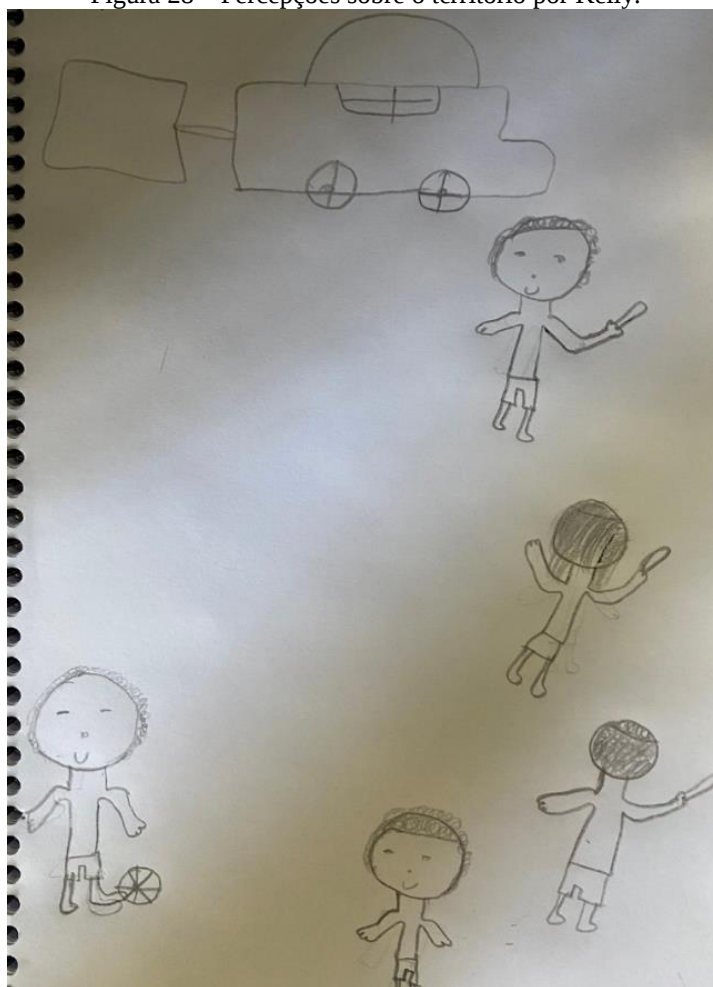
5.2 PERCEPÇÕES SOBRE O TERRITÓRIO DAS GROTAS

Na primeira pergunta “qual é o bairro onde você mora?” (primeira entrevista) já foi possível observar que, apesar de boa parte identificar o Jacintinho como bairro, as crianças identificam a localidade pelo nome da grotas. “Jacintinho, mas o nome lá é Grotas do Cigano”, afirmou Kelly. Acerca do território em estudo, observou-se que, apesar de conformar um complexo de grotas – formado pela Grotas do Cigano, rua Santo Antônio, Aldeia do Índio II e rua Belo Monte –, no qual todas as crianças entrevistadas residem, ao utilizarem o termo ‘grotas’ as crianças se referem à Grotas do Cigano, com exceção de Angê, que reconheceu morar na Aldeia do Índio.

Quando questionadas “como é o bairro onde você mora?”, Matt Score respondeu prontamente que “Eu gosto porque tem muitos amigos”. Joali, por sua vez, respondeu: - “Eu gosto muito da minha [grot] porque lá tem muita gente. E é muito perto [da escola e do Lar São Domingos]”. Já Angê afirmou ser legal porque dá para brincar quase todo dia.

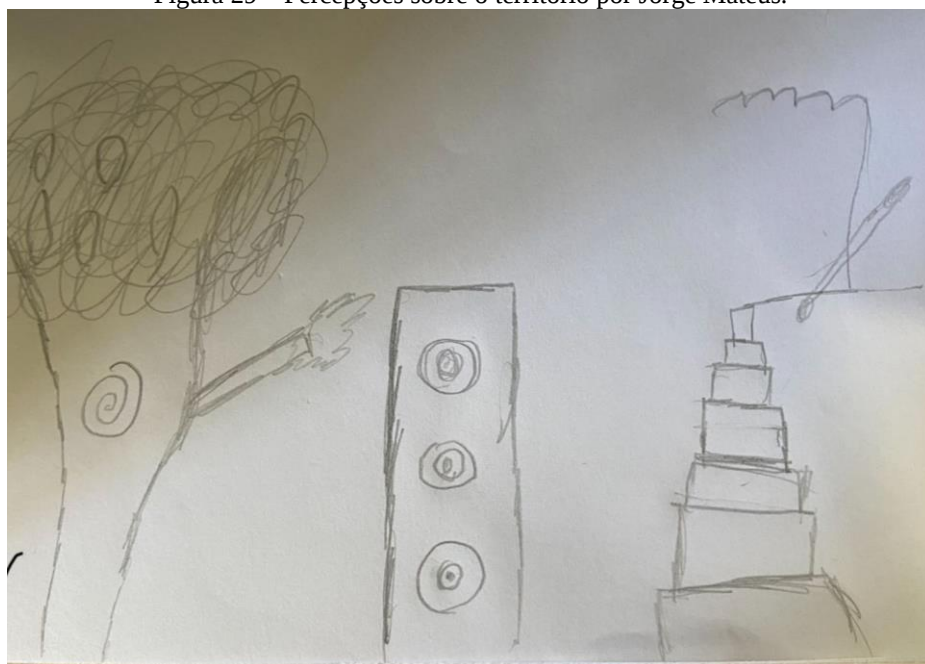
Enquanto Kelly desenhava como era o local em que ela morava, comentou: - “Na minha rua tem um monte de criança.” E, juntamente com as crianças, desenhou também o vizinho que vende churros na praia. Segundo a menina, quando ele chega no final da tarde, distribui os churros que sobraram entre as crianças da sua rua, conforme representado na figura 28. Outras memórias sensoriais foram trazidas por Jorge Mateus (também representada na figura 29), quando falou sobre as mangas que caem no quintal da sua casa e os “paredões” disputados pelos vizinhos no final de semana: - “O som que o povo bota, a pessoa endoida de tanta música”. E acrescentou logo em seguida, mudando de assunto, mas ainda falando das suas sensações enquanto desenhava: - “As escadas eu acho legal porque dá pra subir correndo”.

Figura 28 – Percepções sobre o território por Kelly.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

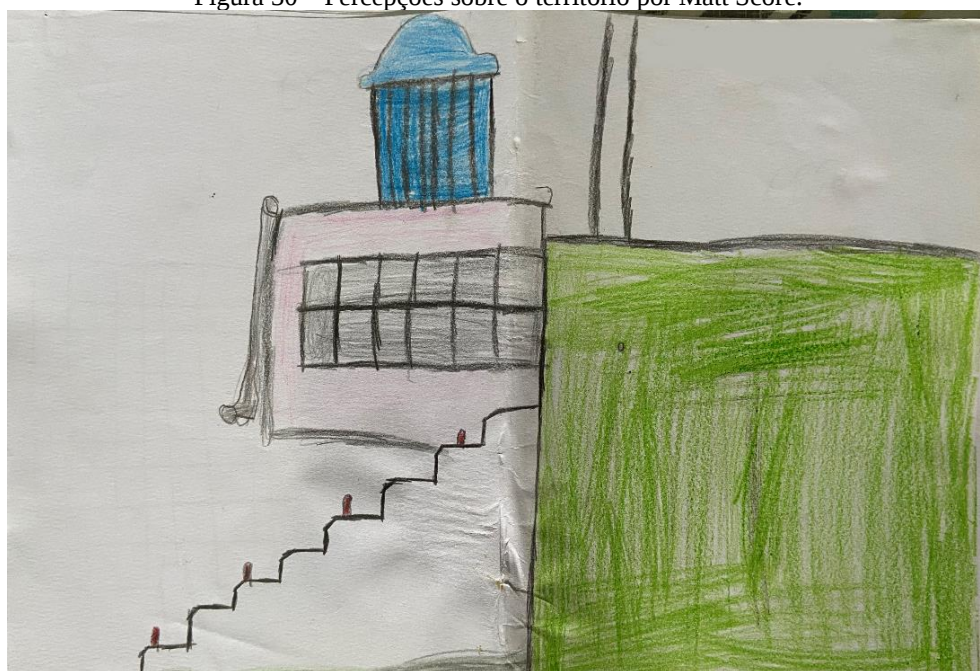
Figura 29 – Percepções sobre o território por Jorge Mateus.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

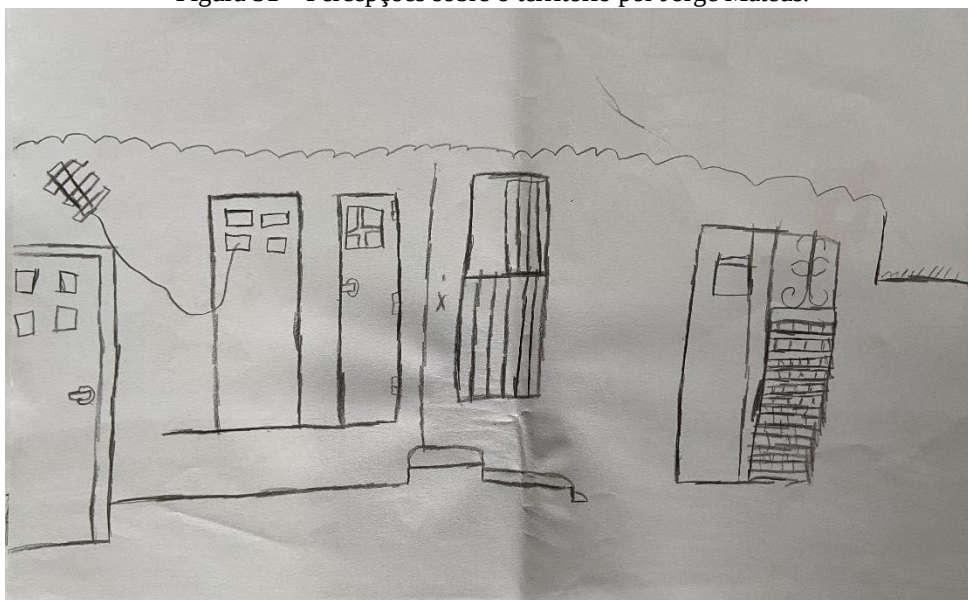
As escadarias aparecem como elementos marcantes na paisagem das grotas, como é possível observar em alguns dos desenhos e nas fotografias das crianças (ver figuras 29, 30, 45, 46 e 47). Juntamente com as escadarias, as características das casas também aparecem com destaque nos desenhos, como corrimões, caixas d'água sobre as casas, tubos de queda na fachada, antenas e esquadrias, como pode ser observado nas figuras (30 e 31).

Figura 30 – Percepções sobre o território por Matt Score.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 31 – Percepções sobre o território por Jorge Mateus.

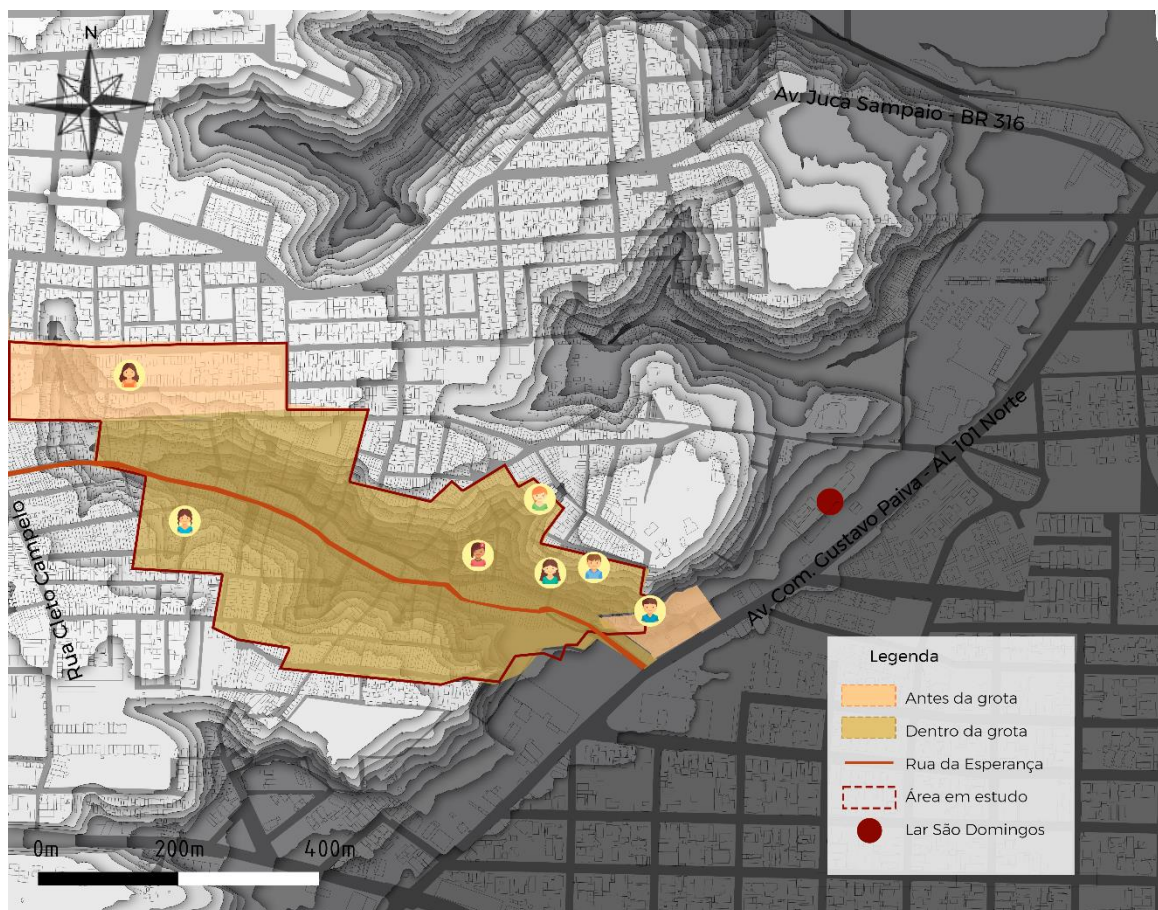


Fonte: Acervo pessoal (2021).

Além das casas e das escadarias, que marcam a paisagem e representam o elemento principal para acessar alguns trechos do território, citadas desde o início por algumas das crianças, as subdivisões dentro da grotá aparecem com certa frequência, em falas como “eu moro antes da grotá” ou “minha mãe não deixa eu ficar na grotá”. Jorge Mateus entregou o colega dizendo que “a família dele [Matt Score] tem medo de entrar na grotá, tia.” Além disso, já foi possível observar que, dentro da própria grotá, há uma distinção e certa rejeição com relação ao “morar na grotá”. Aqueles que residem nos trechos mais planos, seja no alto ou embaixo, com frequência faziam tal distinção (ver figura 32). Já aqueles que residem “dentro da grotá” por vezes se mostraram um tanto envergonhados em suas falas sobre o local onde moram.

Dois aspectos já começaram a aparecer desde a segunda entrevista. O primeiro deles foi a questão da apropriação, sendo possível observar que algumas das crianças brincam e circulam nos espaços públicos das grotas, ainda que com certas restrições em alguns casos. Enquanto outras, não mencionaram nem representaram graficamente elementos e espaços coletivos, aparentando não haver vivência ou interesse por parte delas. Outro aspecto relevante foi o da localização, que já ficou evidente desde o momento em que as crianças começaram a tentar explicar e representar como era o local onde moravam.

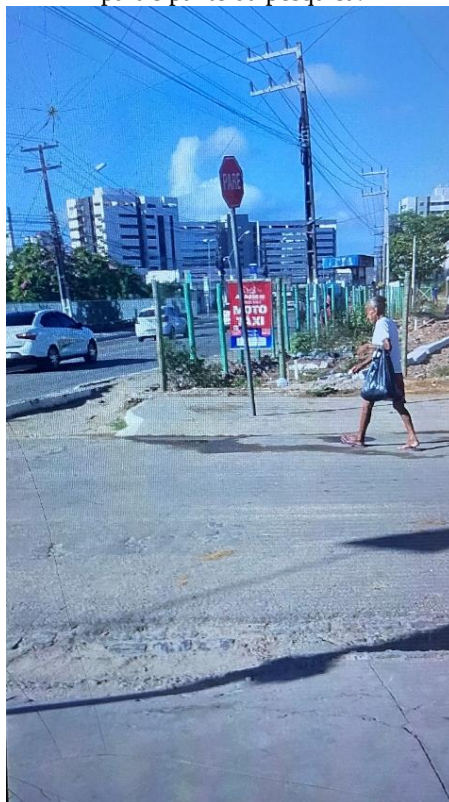
Figura 32 – Mapeamento de localização na grotá.



Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2021).

Diante da relevância da localização para a apropriação do território pelas crianças, aspecto este cuja identificação e orientação representam percepções do território, julgamos necessário caracterizar em mapa os trechos do território indicados pelas crianças como “antes” ou “dentro” da grotá. Além deste, destacamos o principal acesso do complexo da Grotá do Cigano, que se dá pela Rua da Esperança (figura 14). Por meio desta se dá o acesso da grotá à cidade formal, pela Av. Comendador Gustavo Paiva, no bairro de Mangabeiras (figura 33). Também por meio desta se dá o acesso ao eixo principal do bairro do Jacintinho, a Rua Cleto Campelo. Ou seja, “dentro” da grotá, todos os becos, rampas, ruas e escadarias, levam até a Rua da Esperança.

Figura 33 – Ligação da R. da Esperança com a Av. Com. Gustavo Paiva. Fotografia tirada por Kelly, criança participante da pesquisa.



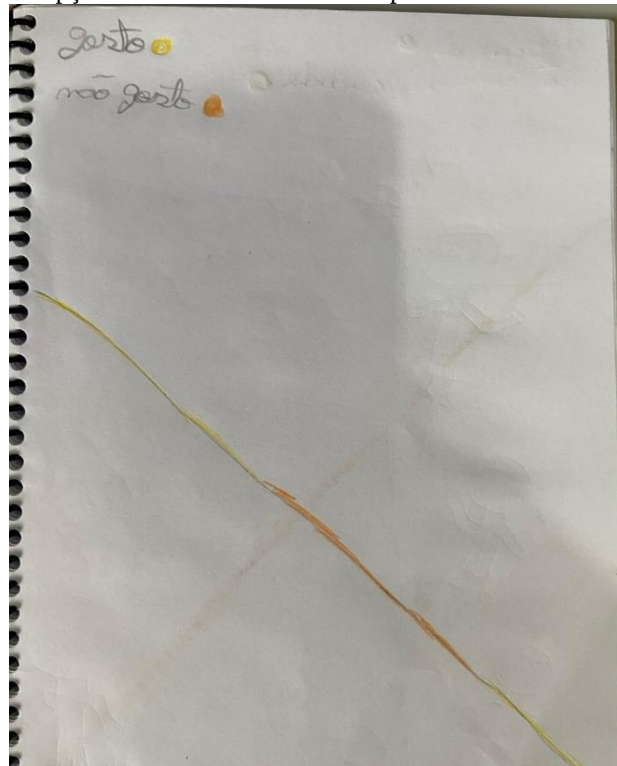
Fonte: Acervo pessoal (2021).

5.3 DESLOCAMENTOS NA GROTA

Com relação à questão geográfica, foi possível observar como o relevo das grotas está presente na percepção sensorial das crianças acerca do território. Ao final da terceira entrevista as crianças foram provocadas a realizar o seguinte exercício: “Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se você se sente bem) e com a cor que você menos gosta (se você se sente mal). Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se é um caminho tranquilo) e com a cor que você menos gosta (se é um caminho com dificuldades).” As crianças que residem no “meio” ou na parte mais alta da grota representaram o caminho em linha inclinada (ver figuras 34, 35 e 36, respectivamente). Enquanto os outros colegas que moram em uma parte mais plana, desenharam uma linha reta (ver figura 37).

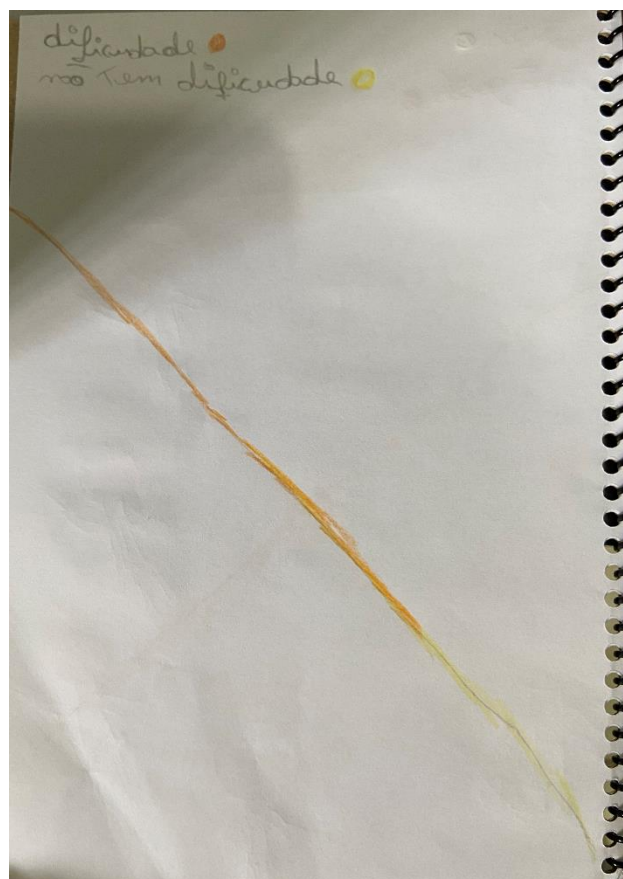
Outro destaque interessante a respeito desse desafio é que, para algumas crianças, o mesmo trecho onde o caminho impõe dificuldades ao caminhar é o trecho em que as crianças mais gostam, a exemplo de Kelly (ver figuras 34 e 35). Segundo a menina, ao explicar o desenho, o início do caminho (que apresenta dificuldades e que ela gosta) é em sua rua, descendo. Já o trecho que apresenta dificuldades e ela não gosta é a rua principal da Grota do Cigano, a Rua da Esperança, por onde passam carros e motos.

Figura 34 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Kelly.



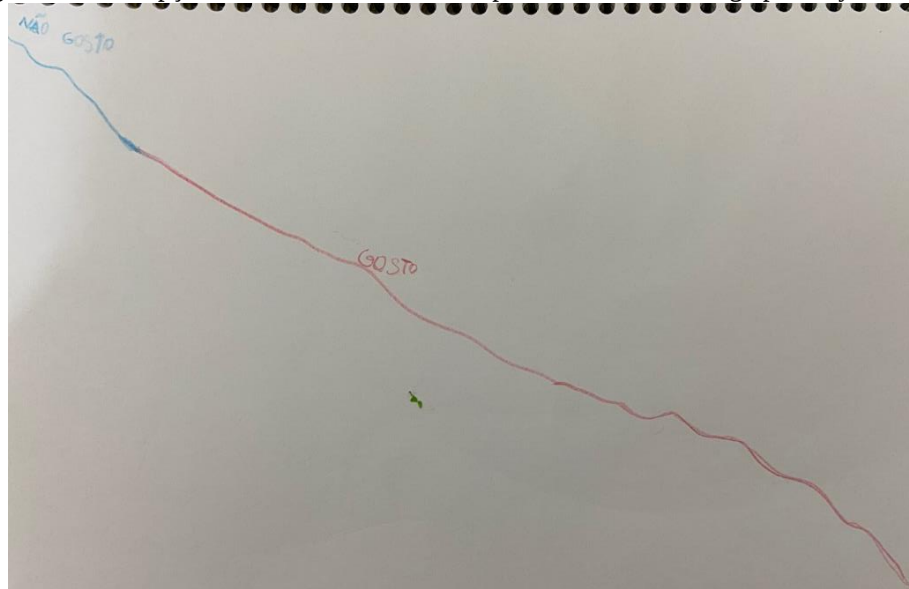
Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 35 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Kelly.



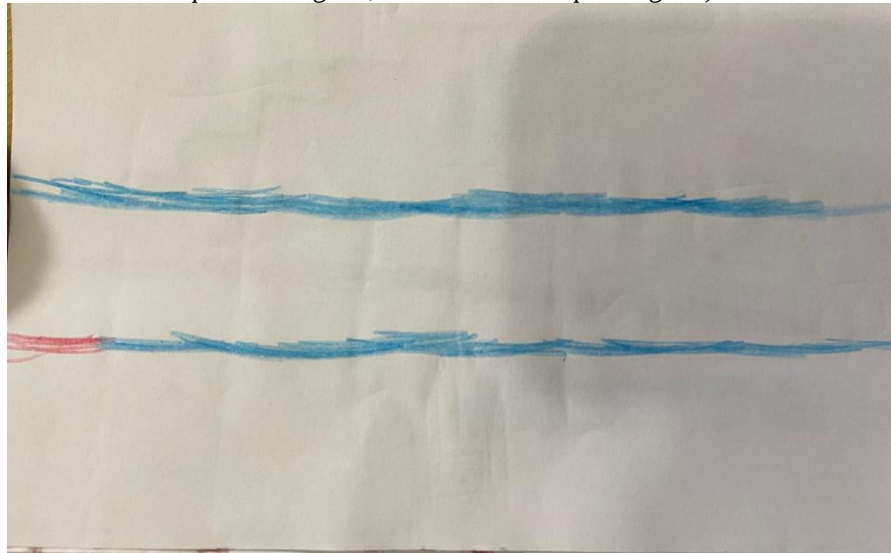
Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 36 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por Any Gabriele.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 37 – Percepções sobre o caminho de casa para o Lar São Domingo por *Matt Score* (em vermelho o trecho que ele não gosta, em azul o trecho que ele gosta).

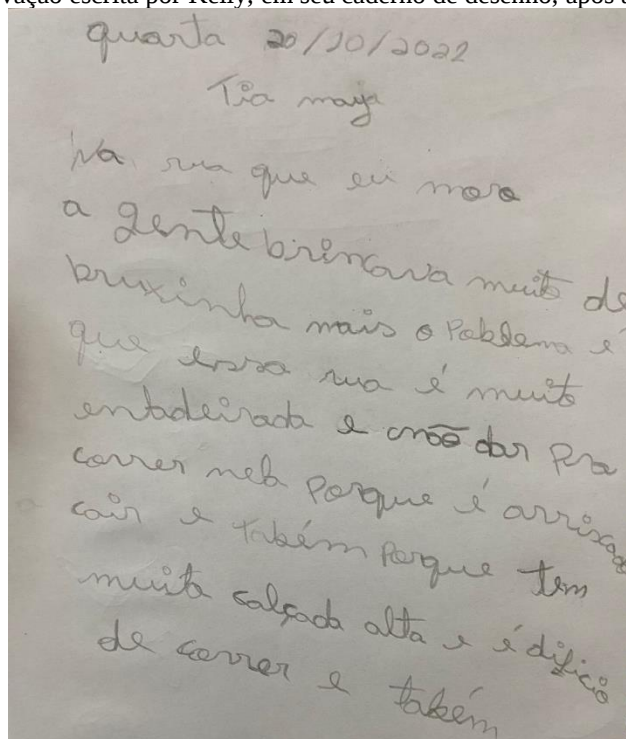


Fonte: Acervo pessoal (2021).

A partir de informações da primeira e da terceira entrevista, com relação à prática do espaço, observa-se que praticamente todos os deslocamentos diários das crianças são realizados a pé, com exceção de duas delas que estudam mais distante e vão de ônibus. Também os passeios para a praia, o shopping e as praças – locais citados como opções de lazer, na parte baixa – são realizados a pé. Nesse aspecto, a posição das grotas em estudo dentro da cidade (ver figuras 06 e 07) favorece os deslocamentos, por ser bastante central e próximo a opções de lazer, educação e saúde. Aqui, a ausência do carro aparece como algo positivo, dada a largura e a configuração das ruas. “Dá pra brincar, que não passa muito carro não; [à noite] eu brinco, e muito!”, ressaltou Any Gabriele.

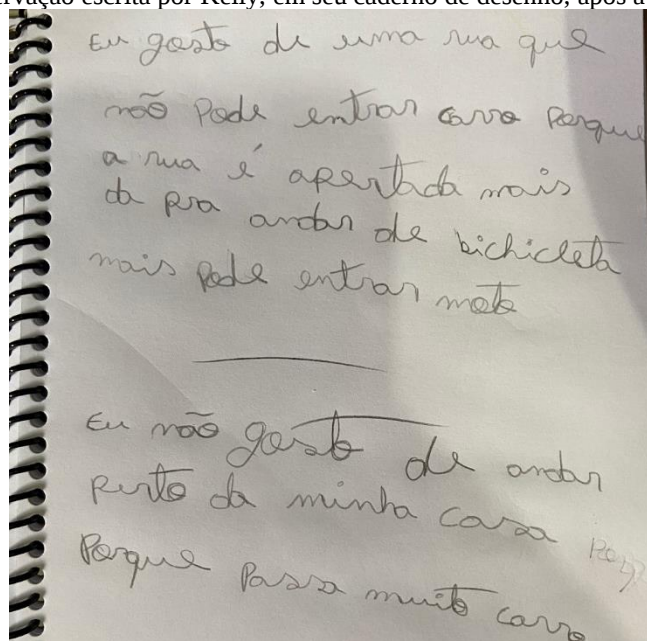
O receio dos veículos apareceu em algumas respostas. Ou seja, esse é um problema que parece ameaçar o uso da cidade pelas crianças, tanto na “cidade formal” quanto nas grotas, como podemos observar no registro de Kelly (ver figuras 38 e 39). Contudo, esse não aparece senão como um problema secundário, visto que na maior parte das ruas não é possível a passagem de veículos motorizados.

Figura 38 – Observação escrita por Kelly, em seu caderno de desenho, após a terceira entrevista.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 39 – Observação escrita por Kelly, em seu caderno de desenho, após a terceira entrevista.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Já a partir da segunda entrevista, com o uso do mapa e de imagens (registrado nas figuras 40 e 41), foi possível observar que os pontos a partir dos quais as crianças se orientam são bastante particulares, como por exemplo: “na frente da casa da minha avó”, “perto da casa do meu amigo”. Enquanto procuravam suas casas no mapa, alguns pontos de referência ajudaram as crianças a se localizar, como: “o João Lyra” – um largo terreno baldio no qual as crianças costumavam brincar e posteriormente foi construído um parque, inaugurado em março de 2022 (ver figuras 42 e 43) – e a escola onde estudam. Além desses, elas procuravam outros, como igrejas, escolas e comércios. Contudo, acreditamos que a ausência de pontos de referência mais marcados na geomorfologia, como espaços e equipamentos públicos, e a dificuldade em especializar a lógica de orientação utilizada pelas crianças, impossibilitou essa transposição para os meios oficiais, como o mapa.

Figura 40 – Mapa do recorte urbano em estudo, impresso do Google Earth sem escala, em quatro folhas tamanho A3, utilizado na segunda e terceira entrevista.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 41 – Mapa do recorte urbano em estudo, impresso do Google Earth sem escala, em quatro folhas tamanho A3, utilizado na segunda e terceira entrevista.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 42 – Parque do Cigano em obra.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 43 – Parque do Cigano construído.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

Dois aspectos apresentam maior relevância na questão dos deslocamentos, a familiaridade e a permanência. Crianças que possuem maior rede de relacionamentos interpessoais na grotá, e/ou aquelas que residem há mais tempo na mesma casa, ou no mesmo território, relataram maior número de referências espaciais ao tentar descrever seus trajetos, como Kelly e Jorge Mateus. Entretanto, foi observado um recorte de gênero, que apenas ficou mais evidente a partir da terceira entrevista, visto que o grupo de meninos aparentou receber maior autonomia em seus deslocamentos. Quando questionados se se sentiam à vontade para ir sozinhos aos locais que mais frequentam, Kelly, apesar de identificar prontamente vários locais no mapa, afirmou: “Eu não vou sozinha porque com a minha mãe, ela sabe pra onde eu tenho que ir, porque eu não sei ir sozinha.” Enquanto Matt Score e Jorge Mateus, os únicos meninos nesse grupo responderam, respectivamente: “Eu me sinto muito seguro! É como se eu tivesse em casa” e “Eu ando sozinho”. Esse ponto será retomado mais adiante, no item “Os vínculos com o território da grotá”.

5.4 OS USOS DO TERRITÓRIO DA GROTA

Acerca da utilização dos espaços, aparecem dois recortes que diferenciam as experiências das crianças nas grotas. O primeiro deles é relativo ao gênero e o segundo à posição socioeconômica. Quando questionadas sobre “Quais são os espaços que você mais frequenta? Com quem você vai? Você iria sozinha(o)?”, apenas duas dentre as cinco meninas entrevistadas citaram a rua como um dos espaços que mais frequenta, e falaram das brincadeiras na rua. Na fala das outras meninas apareceram informações como “eu tenho mais medo porque tem sequestro”, “minha vó não deixa muito eu sair”, “na rua eu não brinco, porque é perigoso.”, e “mataram um homem lá embaixo e outro dia um lá em cima”. Já na fala dos meninos entrevistados, o discurso mudava para “Eu me sinto seguro! É como se eu tivesse em casa”; “Eu ando sozinho”; “Eu não tenho medo, não, que eu sou homem”.

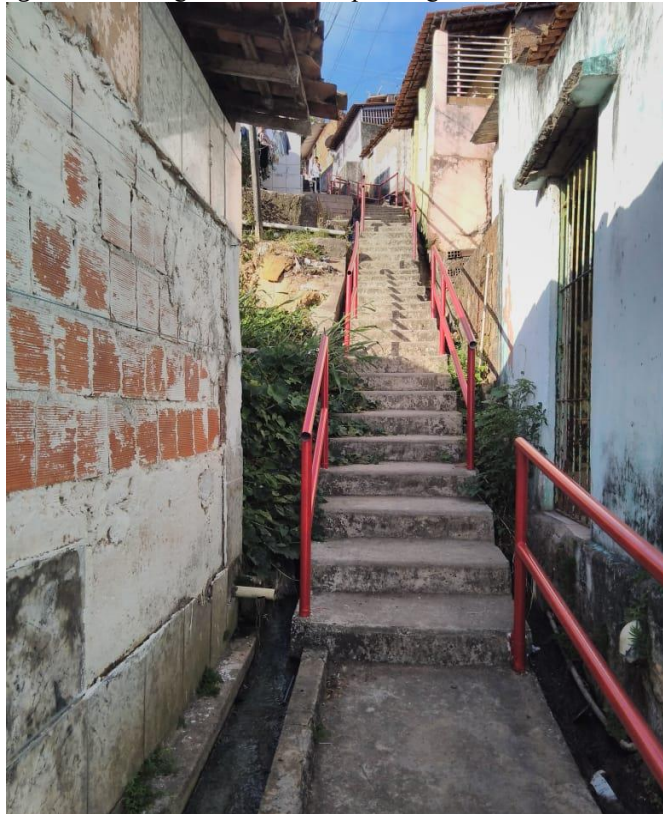
As respostas das crianças dão a entender que os meninos recebem mais autonomia por parte dos responsáveis e, conseqüentemente, parecem se sentir mais à vontade na rua. Observa-se que a conotação do espaço público muda de acordo com o gênero, parecendo mais positiva para os meninos e mais negativa na visão das meninas. Cabe destacar aqui que, certamente a raça também deve constituir um recorte que diferencia a apropriação do espaço pelas crianças, visto que o Jacintinho é um dos cinco bairros com maior população negra de Maceió (IBGE, 2010). Contudo, em nossa análise, não foi possível identificar essa distinção.

A outra questão, aparentemente relacionada à posição socioeconômica e espacial demonstra que quem mora no miolo das grotas – nas casas “dentro da grotá”, “subindo” na

linguagem das crianças, nos becos e nas escadarias (ver figura 32) – usufrui menos do espaço público. A dificuldade de acesso, dado o relevo, a falta de iluminação pública e a presença mais marcada do uso de drogas e da violência policial nesses trechos, tornam menos frequente as brincadeiras no espaço público, seja por receio da parte das crianças, seja pela proibição dos pais. Matt Score, que mora nas bordas da grota, afirma brincar na rua com tranquilidade durante a noite. Angê também brinca na rua com tranquilidade, sendo proibida apenas quando está presente uma menina que bate nas outras crianças, segundo relato de Jorge Mateus. Kelly, apesar de morar no miolo, apenas é proibida de brincar na rua quando chegam para fumar, ou quando passa a polícia. Já Jorge Mateus, apesar de receber bastante autonomia, afirmar conhecer bem a grota e relatar que tem muitos amigos e espaços onde brinca, reclamou: - "Eu sou o único que não pode sair de lá [casa] porque eu moro longe. Eu não posso brincar em nenhum canto de noite”.

As crianças que moram nas bordas ou “fora” das grotas (como Matt Score e Any Gabriele) parecem brincar com menos restrições, como o horário de voltar para casa. A presença da polícia, de pessoas fumando e a ausência de iluminação foram citadas como motivos para os responsáveis darem comandos como “voltar para casa” ou “não sair de casa”. Já os riscos naturais, como deslizamentos, inundações e quedas, devido às barreiras, buracos e as escadarias, mesmo quando não há corrimão, foram citadas como locais atrativos para as brincadeiras, contrariando a visão negativa sobre esses espaços que tinha, enquanto pesquisadora, antes de iniciar a coleta de dados. Apenas com relação às quedas em escadaria ou barrancos foram citadas como riscos pelas crianças (ver figuras 46 e 47).

Figura 44 – Fotografias retiradas por Jorge Mateus da sua “rua”.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 45 – Fotografias retiradas por Jorge Mateus da sua “rua”.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Aqui, poderíamos destacar a questão da apropriação. Em um recorte de gênero, é possível identificar relativa vantagem para os meninos, que recebem maior autonomia com relação aos usos do espaço público. Já fazendo um recorte socioeconômico e espacial, observa-se que aqueles que residem nas áreas mais críticas, ou no miolo das grotas, têm menor autonomia para brincar na rua. Ambos os recortes criam uma escala qualificando maior ou menor apropriação do território. Se analisarmos o aspecto da apropriação, em conjunto com os outros, essa escala de autonomia fica mais evidente.

5.5 OS VÍNCULOS COM O TERRITÓRIO DA GROTA

Acerca da apropriação dos espaços pelas crianças quando questionadas, na terceira entrevista, “No seu bairro onde você costuma ir para se divertir? O que você faz lá? O que tem lá?”, os recortes identificados na semana anterior ficaram evidentes, pois as mesmas crianças que costumam brincar na rua (duas meninas e todos os meninos) falaram sobre as brincadeiras e citaram os espaços coletivos das grotas onde elas acontecem: “Eu brinco na minha porta, na rua, com as vizinhas”; “Eu brinco de pega-pega”; “Eu brinco na barreira”; “Eu vou mais pra rua, porque lá embaixo tem um monte de gente. Aí se reúne tudinho, a gente fica brincando”.

“Tão fazendo um parque lá na boca da grotá”, disseram as meninas. As demais falaram sobre praças aonde iam com os responsáveis aos finais de semana e sobre atividades realizadas em casa, como “assistir tv”. “Eu brinco na rua e na escadaria; o parquinho é distante. Do nosso jeito, mas a gente se diverte”, “Eu brincava na rua, mas agora não posso mais descer porque teve um menino que bateu em mim” e “A gente brinca de bola, pega-pega e até de garrafão, na rua mesmo” foram as falas dos meninos. Comentando sobre as brincadeiras, também foi citada, algumas vezes, a presença de animais como cobras, escorpiões e baratas. Além de obras, buracos e acúmulo de lixo nas ruas por onde passam e onde brincam.

Na quarta entrevista, quando adentramos no sentimento com relação ao território das grotas, apareceram questões como a oposição entre público e privado. Quando questionadas sobre como se sentiam na grotá, uma das crianças afirmou: - “Sim... Mas eu tenho medo de passar lá na rua que eu moro de noite, porque é escuro e tem uma casa abandonada. Eu passo correndo”. Disse envergonhada e entre pausas. Outra respondeu negativamente e completou: - “Porque tem umas polícia (*sic*), tiroteio, maconheiro”. Ao que a colega justificou: - “Mas também ela mora no bequinho mais pior (*sic*) da grotá. É ali mesmo que os maloqueiro fica (*sic*)”, deixando-a ainda mais envergonhada. Aqui a familiaridade e a permanência ficam bem evidentes. Segundo relato de Any Gabriele “Ontem mesmo teve tiro lá. Eu saí correndo com o celular. É porque quando eu era novinha teve um tiroteio lá na grotá. Eu nasci lá! O meu pai

morou lá, o meu avô morou lá. Também, porque a Kelly já é ó... (estalando os dedos) tempão que mora aqui.”

O único menino presente nesta turma negou as colegas, afirmando: “Eu me sinto [seguro]. Mentira! Eu moro lá desde bebezinho. Minha mãe mora lá, minha avó mora lá, meus três tios moram lá, meu pai. Mora um monte de gente. E tem esse tanto de coisa porque ela [Any Gabriele] mora perto da feirinha, aí tem esse tanto de coisa”.

Na outra turma, apenas composta por meninos, além da questão da permanência, a localização também pareceu influenciar na percepção afetiva das crianças. Matt Score, que mora “antes da grota”, assim como Jorge Mateus, afirmou sentir-se bem, complementando: “Oxe, é tranquilo. Sabe por que, tia? Porque o caminho quando eu vou é tranquilo, não tem maloqueiro”. Naldo, por sua vez, afirmou: “Não [sobre sentir-se seguro]. Porque tem muito maloqueiro, roubo, crack, essas coisas. O lugar em que eu me sentia mais seguro era onde eu morava. Lá não existia esse negócio de tráfico, armas, essas coisas... é lá no Sertão, em Cacimbinhas. Só lá! Andava de noite... não acontecia nada.”

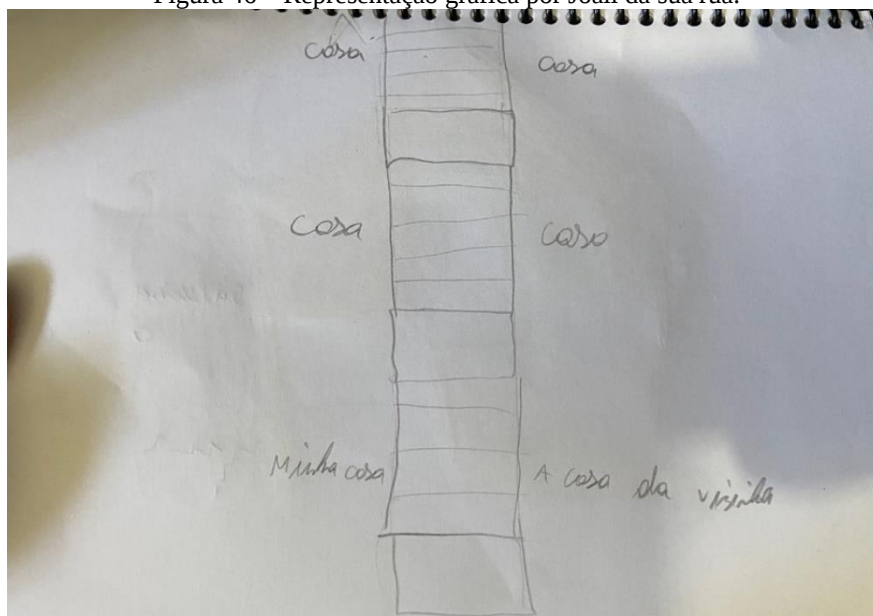
Quando questionadas sobre outros locais em que sentiam segurança, duas das crianças responderam que se sentiam seguras no Lar São Domingos, três citaram casas de familiares em outras cidades e três citaram casas de familiares na própria grota. Foi possível observar que as duas únicas crianças que afirmaram se sentir bem na grota apresentaram similaridades com relação ao tempo que vivem lá e à quantidade de familiares residindo próximo, sendo interpretados como pontos positivos. Duas crianças afirmaram ter se mudado recentemente, vindas do interior de Alagoas e de Pernambuco. Outras se mudaram há algum tempo para dentro do mesmo bairro. Na fala das duas crianças que residem há mais tempo na mesma casa dentro da grota e que têm familiares nas proximidades, pode-se perceber a permanência e a familiaridade como dois aspectos positivos e relevantes na prática do espaço, visto que em suas falas há demonstração de propriedade e de afeto pelo território, apesar dos episódios de violência anteriormente citados. As demais relataram tanto aspectos positivos quanto negativos, ainda que estes últimos apareçam com maior frequência. Apenas uma delas citou unicamente as experiências negativas.

5.6 A CASA VERSUS A RUA

Cabe destacar que a dicotomia entre a casa e a rua não estava em nosso campo de análise inicialmente, mas no decurso das entrevistas foi observado percepções interessantes das crianças a partir dos questionamentos sobre a apropriação e os vínculos com o espaço. Logo, fazemos, aqui, um destaque com relação à nossa compreensão acerca da rua. Na grota, a rua é

também beco e escadaria. E ainda que para muitos grupos da grota possa representar apenas função residual, conforme Leitão (2009), como o espaço de circulação para passagem ou para fumar, para as crianças essa rua também é espaço de brincadeira. Ainda que a casa da maior parte das crianças não esteja em ruas-escadarias, elas foram representadas em muitos dos desenhos elaborados. Segundo Joali, quando questionada se se sentia bem em sua rua respondeu: - “Mais ou menos. Só na parte da minha rua mesmo, porque a parte lá da outra rua não. Porque tem muitos carros passando, aí eu fico com muito medo. A minha rua é um pouquinho larga, é tudo escada (ver figura 46). Aí passa por uma rua ‘normal’ e vai.”

Figura 46 – Representação gráfica por Joali da sua rua.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Figura 47 – Locais onde Angê costuma brincar, escadaria e barreira.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Enquanto Angê gosta de brincar na rua, na escada e na barreira (ver figura 47), Matt Score, que mora “fora da grota”, quando desafiado a desenhar uma coisa boa e uma ruim de onde mora (ver figura 48), comentou: - “Eu gosto de sofá e cama. Agora o que eu não gosto é da escada. Eu só uso a escada pra brincar mesmo. Mas ela atrapalha quando nós brinca (*sic*) de pega-pega. Pra descer todo santo ajuda!”. Por outro lado, quando questionado como se sentia em sua rua, o menino afirmou empolgado: - “Eu me sinto brincalhão. Eu posso brincar à vontade de noite.”

Figura 48 – O que Matt Score menos gosta (escadas) e mais gosta (sofá e cama) no local onde mora.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Já com relação à casa, enquanto representação do espaço privado citado pelas crianças, as respostas foram mais diversas, requerendo talvez um olhar mais apurado. Kelly, apesar de afirmar se sentir segura na grota, disse com relação à casa: “Mais ou menos, tia. Porque às vezes entra polícia na rua; porque tem um negócio que fumam lá. A pessoa tá brincando primeiro, aí chega eles, quer fumar, e minha mãe manda a gente entrar pra dentro (*sic*). Às vezes, tia, a pessoa não tem culpa de nada e a polícia quer entrar na casa da pessoa”.

Em outro momento, a menina afirmou sobre como se sentia em casa: - “Eu só fico mais bem (*sic*) quando eu tou com meu pai ou com a minha mãe. Porque quando a minha mãe não tá [...] aí eu vou pra casa ou da minha madrinha ou das minhas amigas”. Any Gabriele fez uma fala semelhante, comentando: - “Sozinha não [se sente bem em casa], mas quando eu tou com meu pai, com a minha mãe, com a minha irmã. Mas sozinha não tem ninguém pra me defender não. Porque lá no quintal tem um telhado que ele abre pra cima e pra baixo, aí se vim alguma daquelas pessoas correndo da polícia, pode entrar dentro.

A pergunta “Você se sente seguro(a) em casa?” foi realizada em duas entrevistas (ver Apêndice A). Na primeira utilizamos o termo “seguros”, na segunda, ajustamos para “sentir-se

bem” no ambiente doméstico. Algumas crianças responderam afirmativamente da primeira vez, dando mais detalhes na segunda oportunidade. Joali, por exemplo, respondeu justificando sentir-se bem em casa, ao contrário da rua. “Sim [me sinto bem em casa], porque na rua eu tenho medo de um carro me atropelar. Aí quando eu chego em casa, fico mais segura. Sabe por que eu sou mais segura em casa? Porque eu não ando muito pela rua, aí eu não sou acostumada. Por exemplo, eu vejo um carro, eu já vou logo pra a calçada.”

Assim, como acontece a Joali, para Daniele a sensação de segurança se dá pelo fato de a casa protegê-la da rua: - “Eu me sinto segura em casa porque a minha casa tem um portão na frente; um portão pra a pessoa entrar e outro portão na casa. E é tudo fechado, nada aberto.”. Matt Score, por sua vez, disse sentir-se relaxado em casa. E quando questionado sobre o motivo respondeu: - “Porque é familiar”. E quando questionado se andava sozinho na rua comentou, enfático: - “Eu me sinto muito seguro! É como se eu tivesse em casa”.

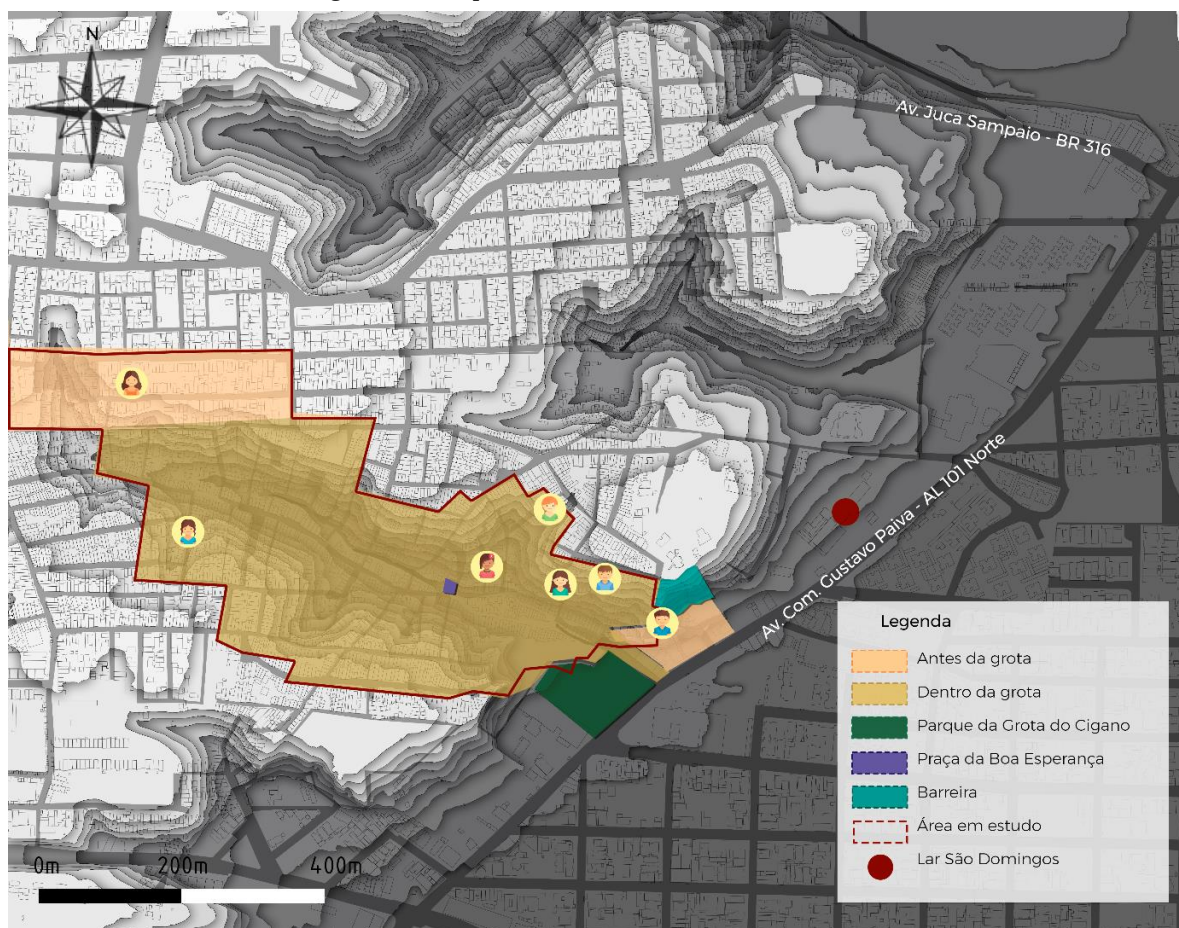
Observamos, pois, que a questão entre a casa e a rua nas grotas aparenta ser afetada por dois aspectos. O primeiro deles é a apropriação, tendo em vista que as crianças que mais utilizam o espaço público nas grotas afirmam sentir-se bem na rua e aquelas cujos pais não permitem que brinquem na rua, andem sozinhas ou “entrem na grotá”, não se ‘sentem bem’ por receio da violência urbana. O segundo é o da localização, visto que a forma arquitetônica (se escada, beco, ladeira, ou via plana) e a situação na grotá (no miolo ou nas bordas) interferem nas possibilidades de apropriação da rua.

5.7 DO ESPAÇO AO LUGAR NAS GROTAS DO JACINTINHO

A partir da análise das informações compartilhadas pelas crianças, por meio das falas e dos desenhos, foi possível identificar espaços na grotá que podem ser caracterizados como lugares pelas crianças, indicados na figura 49. Observamos que áreas verdes ou áreas de lazer, como o Parque Linear da Grotá do Cigano (figuras 16 e 17) e a Praça da Boa Esperança (figuras 18 e 19) permitem a apropriação e a construção de vínculos pela maioria das crianças. Destacamos que, apesar de citar tais espaços neste trabalho, não nos coube uma análise mais aprofundada dos projetos de tais espaços públicos, motivo pelo qual evitamos realizar um juízo de valor a respeito de sua qualidade projetual. Contudo, ainda que este último espaço não tenha sido nomeado por nenhuma das crianças, sabemos que a “comemoração de dia das crianças na grotá”, citada pelas crianças se dá nesse espaço. Logo, optamos por incluí-lo. Além dessas, também identificados a barreira, citada por Angê e Matt Score como espaço para brincadeiras como “descer de garrafa”. Por outro lado, as duas crianças também citaram a mesma barreira como fator de risco, visto que pela queda da barreira há poucos anos, Matt Score precisou mudar

de casa. Ainda assim, a percepção sobre a barreira foi mais positiva do que negativa, pela fala das crianças. No mapa abaixo estão indicados esses espaços formais, como a praça e o parque, ou com possibilidade de formalização, como a barreira, para serem dotados de infraestrutura e constituírem áreas de lazer.

Figura 49 – Mapeamento de áreas de lazer na Grotá.



Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2021).

Apesar de não numeramos e nomearmos as rampas e escadarias não foram numeradas, dada a quantidade e a carência dessa formalização (a exemplo do nome das escadarias, rampas, ruas e becos), julgamos válido mapeá-las (figura 50), visto que são espaços citados pelas crianças onde é possível a apropriação por meio do brincar, ainda que com maior grau de dificuldade, atrapalhando em brincadeiras como pega-pega, na qual a diversão é correr. Já as ruas sem carro, permitem também a brincadeira, mas segundo as crianças, em alguma delas é preciso dividir o espaço com motos e bicicletas. Ainda assim, nessas é de onde as crianças que brincam na rua mais se apropriam.

Esta observação corrobora o entendimento de que os espaços públicos tendem a ser lugares (CARRIÓN, 2016), visto que, as crianças que mais praticam o espaço no território das grotas, cumprindo os aspectos que influenciam na constituição de lugares, relataram

experiências no espaço público. Cabe destacar ainda que espaços privados, a exemplo da casa de algumas das crianças e de familiares, também podem cumprir a função de lugares por representarem a pausa e o conforto (BACHELARD, 1993). Contudo, estes últimos, quando lugares, não estão dissociados dos primeiros. Ou seja, para as crianças em que os lares, seus e de parentes, são lugares, também o são alguns espaços públicos. A “pausa após a tensão” que o lar proporciona, não permite, por si só, a constituição do lugar, porque o receio do espaço externo dificulta o conforto, de fato, no espaço interno. Logo, o lar, nesses casos, se apresenta muito mais como refúgio do que como pausa.

Figura 50 – Mapeamento de espaços públicos na Grotá.



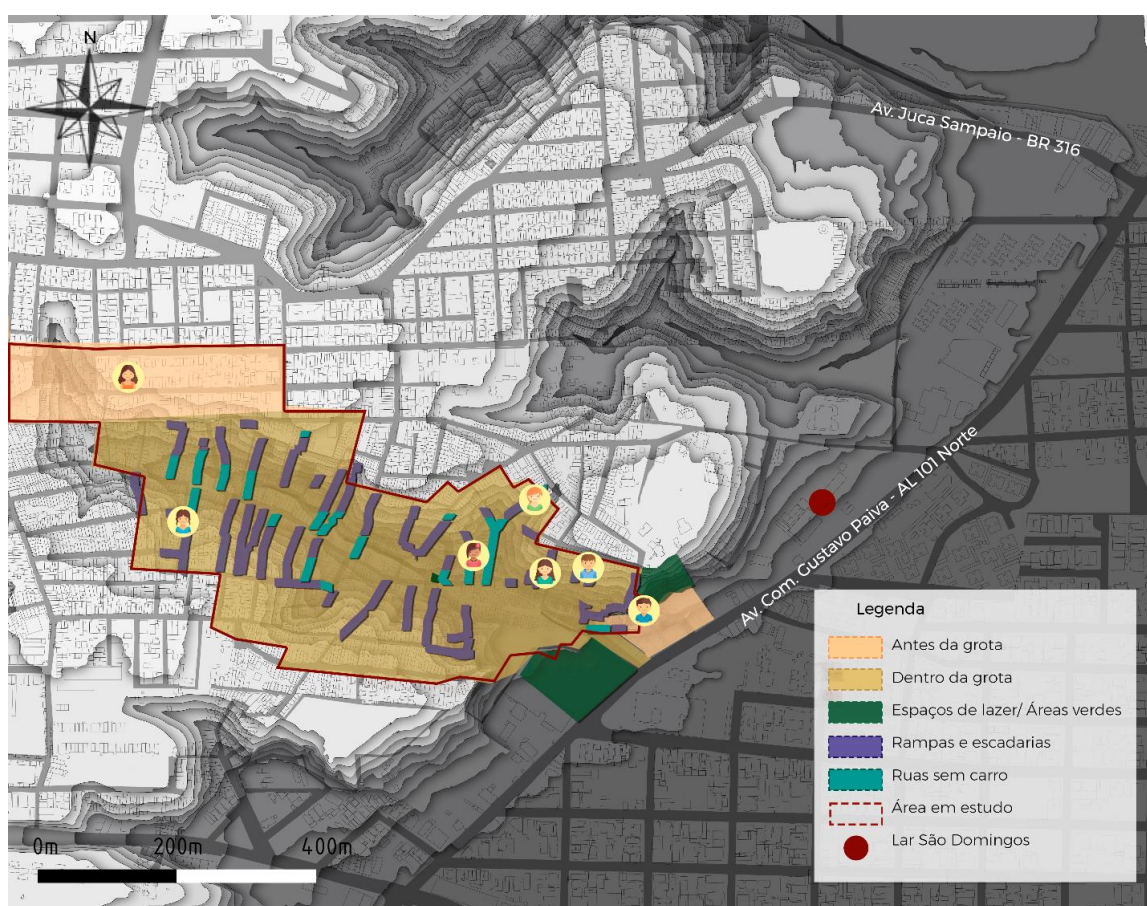
Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2021).

A partir desses mapeamentos, foi possível observar que há sim lugares na grotá para as crianças, de certa forma bem distribuídos no território. Contudo, a infraestrutura urbana instalada pelo poder público apesar de contemplar as demandas de mobilidade reduzida, que inclui as crianças, não contempla os usos que se fazem dela, como as brincadeiras das crianças, entre outros de diferentes grupos sociais, não identificados neste trabalho. Assim, apesar de numerosas as rampas e escadarias, e as ruas sem carro, por não disporem de infraestrutura mais

acolhedora às crianças, acaba configurando-se uma carência de esses espaços que favoreçam a constituição desses lugares.

Destacamos que, devido à dificuldade em transpor os meios de orientação utilizados pelas crianças, bem como à ausência de nomenclatura oficial das ruas na grotá e de cartografias que possibilitem melhor leitura do território, não foi possível identificarmos os caminhos realizados pelas crianças, seus deslocamentos cotidianos, nem as ruas onde, de fato, acontece a apropriação. Logo, identificando algumas delas, replicamos a classificação a outras de mesmas características formais.

Figura 51 – Mapeamento de lugares na Grotá.



Fonte: Base Cartográfica de Maceió, adaptado pela autora (2021).

A partir do cruzamento entre os dados obtidos na pesquisa de campo, realizada com as nove crianças, foi possível identificar nove práticas do espaço completamente distintas umas das outras. Apesar de muitas similaridades entre as experiências de algumas das crianças, observamos que o entrelaçar dos pontos-chave identificados, além de questões socioculturais que ficaram ocultas às nossas análises, esboçam práticas do espaço muito diversas. Portanto, tendo em vista compreender de que forma se dá o processo de constituição de lugares nas grotas, resguardando essa diversidade, abordaremos a perspectiva de cada uma das crianças participantes.

Jorge Mateus mora “dentro” da Grotá do Cigano; sua casa fica em uma das escadarias da grotá e ele possui familiares que residem próximos da sua casa, onde mora há cerca de cinco anos – tempo suficiente para afirmar conhecer bem o território, brincar bastante na rua, andar sozinho sem medo e se sentir responsável pelo local onde mora. Matt Score, assim como Jorge Mateus, mora há certo tempo na mesma casa e possui familiares nas redondezas. Entretanto, Matt Score reside “antes” da grotá, o que o impede de caminhar e conhecer bem seu território, porque sua família tem medo de “entrar” na grotá. Apesar disso, o menino brinca bastante em sua rua, anda sozinho, gosta e se sente responsável pelo local onde mora. Aqui, a principal diferença entre ambos é a localização, que permite a Jorge Mateus mais autonomia, por morar no miolo da grotá. Apenas os dois citaram a “casa e a rua” como lugares favoritos na grotá (ver Apêndice A), as meninas citaram apenas a casa, sua ou de familiares.

Kelly, por sua vez, mora há dois anos na mesma rua, tendo mudado de casa algumas vezes, mas dentro do mesmo território. Tem familiares próximos de sua casa e brinca bastante na rua. A menina afirma conhecer o local onde mora, mas gosta “mais ou menos” por causa da polícia. Episódios de violência policial foram citados por ela como motivos para ter que “entrar em casa” ou parar de brincar, às vezes. Já Angê mora há cerca de seis anos no mesmo local, contudo não possui familiares próximos de casa. Assim como Kelly, a menina brinca bastante na rua e, às vezes, anda sozinha. Contudo, Angê não acha que conhece bem o território e não acha que seja um bom local para morar, porque a barreira pode cair sobre a sua casa. Dentre as participantes, as duas são as que aparentam possuir mais autonomia e liberdade para brincar na rua. No entanto, o aspecto da familiaridade não está presente na experiência de Angê, e a localização da sua moradia está em uma área com risco iminente de desabamento. Supomos que tais fatores levaram as duas a divergirem quanto à opinião sobre conhecer e gostar do território.

Any Gabriele e Joali moram há bastante tempo na mesma localidade, “desde bebezinha¹” segunda Joali, e possuem familiares próximos, entretanto, Any Gabriele se mudou recentemente para “perto” da grotá, ou seja, fora do miolo da Grotá do Cigano (na grotá Rua Belo Monte). A casa de Joali fica em uma escadaria no miolo da grotá. Ambas afirmam brincar na frente de casa, mas possuem medo do local onde moram, relatando o cuidado dos responsáveis e situações de violência. Nenhuma das duas gosta do local onde mora, no entanto, Any Gabriele afirma divertir-se na rua, enquanto Joali não. Apesar de satisfazerem os aspectos da familiaridade e da permanência ambas demonstram pouca apropriação do território, em partes por conta da localização, mas, sobretudo, por questões culturais mais amplas que

conferem à prática do espaço delas excesso de receios e cuidados, especialmente da violência, e de automóveis.

Diferente das experiências anteriores, Naldo, que mora em uma grotta mais afastada dos demais colegas, mora na cidade há pouquíssimo tempo e não possui familiares próximo ao local onde reside. Ele afirma não gostar nem se sentir seguro onde mora. Ainda assim, brinca na rua e anda só. Aqui, o recorte de gênero fica evidente, porque, apesar de não apresentar nenhum dos outros aspectos favoráveis, Naldo dispõe de autonomia para apropriar-se do território. Já Tiago, possui uma experiência parecida com a de Naldo, contudo, o menino faltou muitas das entrevistas e não respondeu a algumas perguntas, o que dificultou uma análise mais legítima sobre ele.

Daniele não mora há muito tempo na grotta, não possui familiares próximos, não brinca muito na rua e afirma sentir-se segura em casa porque tem muitas barreiras de segurança. Segundo os colegas, a menina mora “no bequinho mais pior da grotta”. A menina foi a única a citar apenas experiências negativas, episódios de violência, e em nenhum momento mencionou a rua, apenas o ambiente doméstico. Assim como Tiago, a menina apresentou poucas respostas e representações gráficas, o que dificulta uma análise adequada da sua experiência. Cabe destacar, entretanto, que a menina teve algumas falas autocensuradas e se sentiu, por vezes, desconfortável para falar.

As experiências investigadas possibilitaram a identificação de pontos-chave que impactam na prática do espaço pelas crianças. O seu entrelaçamento configura a constituição de lugares para essas crianças no seu território, mas a ausência desses denota uma relação mais frágil com o espaço. Para além dos pontos-chave, compreendemos que a questão do gênero e condições socioeconômicas específicas também impactam nessa relação. Ficou evidente, por exemplo, como os homens recebem, desde a infância, maior autonomia para apropriar-se da cidade. Assim como também nos foi possível entrever que crianças expostas a situações mais específicas de violência podem dispor de menos autonomia. Bem como ficou evidente o impacto do “receio da violência” passado dos cuidadores às crianças, dificultando a sua relação com o espaço urbano.

Logo, observamos que, em ordem decrescente, da primeira à última criança apresentada, há uma maior constituição de lugares na grotta. Ou seja, identificamos que uma combinação dos aspectos permanência, familiaridade, apropriação e localização permitem maior grau de constituição de lugares na grotta. Tais aspectos são influenciados e influenciam a prática do espaço pelas crianças. Assim, a prática e a consequente qualificação dos espaços na grotta desdobram-se na constituição de lugares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, algumas questões nos levaram a desbravar dois campos desafiadores: assumir a ótica das infâncias e adentrar o território das grotas sob a motivação de compreender de que forma a percepção do território pelas crianças impacta na constituição de lugares em áreas de grotas. Há lugares para as crianças nas grotas? Quais são e como são eles? Tais espaços proporcionam segurança e acolhimento à infância de modo que as crianças possam qualificá-los?

Porque a desigualdade é marca pungente na sociedade brasileira, não podemos falar de uma infância, mas sim de infâncias (SARMENTO, 2005). Também admitimos não ser possível falar da infância em uma cidade, pois há muitas cidades dentro de uma só. É, pois, nesse sentido que investigar a percepção do território pelo sujeito, a partir da prática do espaço vivenciada por ele, pode nos dar indícios de aspectos sutis, por vezes invisíveis, que marcam as nossas infâncias e as nossas cidades.

Adotar a perspectiva da experiência da criança no espaço urbano, como paradigma para se pensar o espaço urbano, perpassa pelo exercício de reconstruir a concepção de infância e sua relação com as demais categorias sociais. É necessário ir além da ideia generalista de produzir espaços adequados à infância. Essa reconstrução demanda que busquemos escutá-las, compreendendo o potencial que o seu ponto de vista e as suas práticas têm de nos fazer enxergar além, com o olhar de aprendizes. Observar as culturas infantis produzidas e reproduzidas pode nos revelar de que forma, gênero, classe e raça – a exemplo das demais categorias estruturantes – estão sendo materializados no espaço. Observação esta que nos oferece possibilidades outras de percepção do território, como as possibilidades de apropriação possíveis e quais sujeitos ou grupos sociais fazem uso delas. (QVORTRUP, 2010; CORSARO, 2011).

O espaço, por sua vez, não precisa ser acolhedor à criança para que ela possa praticá-lo exclusivamente através dos jogos e brincadeiras, com a presença de *playgrounds*, por exemplo. Apesar de ser o brincar uma das principais práticas infantis mais fundamentais, para assumir, de fato, um papel ativo e criativo perante a sociedade a criança precisa de mais. É necessário, essencialmente, que o espaço apresente condições de movimento. Ainda que haja a presença de fatores de risco apenas quando provocam a impossibilidade de mover-se no espaço, estes podem impedir a prática e, conseqüentemente, a constituição de lugares no território. Ou seja, os fatores de risco, assim como a carência de infraestrutura não são, por si só, obstáculos a constituições de lugares.

Com isto, a realização deste trabalho possibilitou o entendimento de que, sim, é possível constituir lugares na grotá, apesar dos riscos, das vulnerabilidades e das carências. Não

querendo assumir uma posição idealista, mas, além de atestar para a possibilidade, observamos ainda que tais riscos e vulnerabilidades podem, algumas vezes, representar desafio e diversão à prática do espaço pelas crianças, o que contribui com o seu desenvolvimento socioemocional e cognitivo. Por outro lado, identificamos que aspectos subjetivos, como a presença de familiares residindo no mesmo território e o tempo de permanência em uma mesma residência, influenciam na constituição de lugares tanto quanto a existência de espaços dotados de infraestrutura acolhedora às crianças (BACHELARD, 1993; TUAN, 1983).

A maior parte destes espaços, dotados ou não de infraestrutura acolhedora, são espaços públicos que, na grota, caracterizam-se como ruas (aquelas onde não passam carros), escadarias e uma barreira. Os becos também foram citados pelas crianças, porém não como espaços de apropriação. Tais características formais, sobrepostas às práticas sociais e aos conflitos (a exemplo da violência policial), expressam traços relevantes do exercício da alteridade e da sociabilidade no contexto das grotas (CARRIÓN, 2016). Além dos espaços públicos supracitados, destacamos o Parque da Grota do Cigano, que, apesar de ter sido citado nas entrevistas, não foi possível identificar se havia, de fato, apropriação dele por parte das crianças, correspondendo às expectativas, visto que ainda estava sendo construído durante a coleta de dados.

Desse modo, é possível caracterizar iniciativas como o Programa Vida Nova nas Grotas, que provê infraestrutura urbana de lazer e mobilidade nesses territórios, como fundamentais à construção de cenários mais otimistas às infâncias nas grotas. No entanto, podemos também destacar que fatores como a iminência de desastres ambientais e o caráter de irregularidade podem impedir que crianças permaneçam no mesmo território ou na mesma residência; bem como o contato constante com a violência policial pode dificultar o uso e apropriação dos espaços públicos pelas crianças, além de agravar um cenário de desigualdade de gênero, incentivando, desde a infância, que as mulheres tenham medo e os homens valentia.

Nesse sentido, a presente pesquisa nos permitiu entrever que tais fatores influenciam na percepção do território pelas crianças e, conseqüentemente, em uma maior ou menor possibilidade de constituir lugares na grota. Ou seja, observamos que a produção de dados que desconsideram a perspectiva da criança – sobre um território inserido no espaço urbano – pode nos levar a uma produção do espaço urbano que apenas preveja espaços infantis encerrados em si mesmos. Espaços como *playgrounds*, por exemplo, tidos como espaços acolhedores à criança, cuja inserção no território se apresenta como iniciativa destinada à melhoria da infância urbana, relega à invisibilidade uma série de fatores outros que perpetuam problemas sociais e urbanos. Ainda que sejam importantes, não são, pois, suficientes.

Logo, a partir das categorias de análise utilizadas neste trabalho – a criança, o lugar e o território –, da investigação do território das grotas e dos resultados apresentados, podemos afirmar que foi possível apreender a percepção do território pelas crianças, identificando então o processo de constituição de lugares em grotas do bairro do Jacintinho, em Maceió. A permanência (aspecto relativo ao tempo residindo no mesmo local), a familiaridade (aspecto concernente à presença de familiares residindo no mesmo território), a apropriação (aspecto relativo ao uso do espaço pelas crianças) e a localização (aspecto relacionado ao posicionamento da residência no território das grotas) são os pontos-chave para a constituição de lugares na grotas pelas crianças.

Observamos que as crianças que indicaram a existência de espaços qualificados por elas correspondem à maior parte desses pontos-chave, enquanto aquelas que não identificaram espaços qualificados no contexto do território não satisfazem esses aspectos. Diante do entendimento de que a infância é uma categoria social estruturante que atravessa e é atravessada por outras categorias, observa-se ainda que fatores como gênero, raça e classe entrecruzam esses pontos-chave.

Retomando a concepção de território de Santos (2002), a percepção do “chão mais identidade” das grotas perpassa também por uma apreensão da sua paisagem. Portanto, outra contribuição relevante foi o reconhecimento da percepção das crianças como favoráveis à valorização e consolidação das grotas como paisagem característica da cidade de Maceió, bem como à manifestação de traços identitários relevantes, superando uma visão culturalmente estabelecida, porém limitada e discriminatória desses territórios.

A respeito desse ponto, julgamos válido destacar questões relativas aos desafios enfrentados durante o processo, contextualizando-o no espaço e no tempo. Com relação à pesquisa nas grotas, é válido ressaltar a dificuldade de acesso a esses territórios, que, devido ao contexto socioeconômico e político atual, torna quase impossível visitas de campo sem intermediários – o que acaba por dificultar um contato constante, contemplativo e demorado com o território.

Desafio este que, somado à pandemia da COVID-19, transformou a jornada em um caminho sinuoso, repleto de obstáculos e atalhos, além do que naturalmente já era esperado. Além das incertezas, os receios e as perdas vivenciadas, sobretudo no primeiro ano da pandemia, que coincidiu com o primeiro ano da pesquisa, o desafio em acessar as crianças – que passaram um ano e meio distantes da escola – demandou diversas vezes que recalculássemos a rota até seguirmos com a proposta aqui apresentada. Com relação a esta

condicionante, a instituição Lar São Domingos foi também fundamental, por oferecer todo o suporte necessário à realização da pesquisa, antes, durante e depois da coleta de dados.

Além da instituição, julgamos válido ressaltar que os dados produzidos pela ONU-Habitat e a possibilidade de acompanhar como ouvinte o Projeto Visão das Grotas, bem como o acompanhamento de visitas técnicas junto à equipe de planejamento da Setrand – Secretaria de Transporte e Desenvolvimento Urbano de Alagoas (órgão responsável pelo programa Vida Nova nas Grotas), foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Diante dos desafios elencados, bem como dos desafios inerentes à realização de pesquisa com crianças, o presente estudo nos permitiu entrever o quanto a criança pode contribuir com a produção de dados e, conseqüentemente, a produção do espaço, a partir das suas percepções. Para tanto, é necessário oferecer recursos e subsídios capazes de permitir que se expressem. A escuta sensível e os olhares antropológicos cumprem esse papel, sem censura, mas também sem constrangê-las. Suas percepções são dotadas de uma riqueza de detalhes, sons, cheiros e características formais que, habitualmente, nos escapa os sentidos (LIMA, 1989). A sinceridade é outro fator característico muito proveitoso que leva algumas crianças a relatarem situações do cotidiano fundamentais à compreensão do território; ainda que não possamos torná-lo trivial, perdendo-nos em uma compreensão falsa e generalista das infâncias.

Além da substancial contribuição das crianças em processos investigativos, julgamos necessário destacar aprendizados obtidos a partir do olhar para as grotas. Para além da necessidade atual e urgente de dotar tais territórios de infraestrutura e melhores condições de habitabilidade, foi possível observar como estes dispõem de elevado potencial para alavancar o desenvolvimento urbano a partir da valorização de suas paisagens características, de dentro para fora e de fora para dentro, favorecendo a conexão entre cidade formal e as “áreas de risco”. Por cidades mais justas, consolidar o território das grotas a partir das suas identidades e dos potenciais que têm, pode melhorar a prática do espaço para uma parcela considerável da população urbana. Aproximadamente 10% da população, no caso da capital alagoana.

Se considerarmos o potencial da pesquisa com crianças, em conjunto com o potencial de valorização do território das grotas, falaremos de cidades mais justas, acolhedoras e seguras para gerações futuras, buscando não só um resultado imediato, mas um processo lento e vigoroso de mudança de cenário para as nossas cidades.

Tendo em vista a atualidade da temática, sobretudo no que tange à relação entre a criança e a cidade, esperamos que esta pesquisa possa oferecer subsídios e contribuições para pesquisas futuras, ampliando o debate tanto no campo prático quanto no teórico. Uma análise mais complexa, considerando possíveis conexões e diálogos entre o Desenvolvimento Urbano e

outros campos do conhecimento, pode possibilitar um aprofundamento e o fortalecimento da temática ‘criança e cidade’, sobretudo se relacionada à prática do espaço.

No campo teórico, com relação à prática do espaço na perspectiva da criança, supomos que essa mesma investigação, se realizada em diferentes contextos socioespaciais urbanos, nos permitirá ampliar a compreensão sobre o processo de constituição de lugares. Uma investigação comparativa entre a prática do espaço por crianças em um contexto social e ambientalmente vulnerável e outro em região abastada da cidade, por exemplo, poderia nos revelar aspectos outros que influenciam no processo de constituição de lugares.

No que se refere às crianças em áreas de risco, considerando-se a diversidade de áreas de risco habitadas no Brasil, bem como a peculiaridade de cada uma delas, podemos afirmar que a análise da percepção do território pelas crianças residentes em diferentes territórios socio e ambientalmente vulneráveis, mais ou menos complexos que as grotas, demonstrariam maior ou menor número de aspectos que influenciam na qualificação de espaços do território, espaços esses totalmente distintos daqueles aqui identificados.

No campo prático, por sua vez, esperamos que os dados aqui produzidos possam corroborar com o processo de valorização das grotas na cidade de Maceió, contribuindo com uma ampliação do olhar para esses territórios, permitindo a melhoria dos espaços públicos da grotas, não só com infraestrutura urbana básica, mas com a possibilidade de uma transformação socioespacial mais ampla.

Por fim, acreditamos que a percepção das crianças no processo de qualificação dos espaços permite entrever novas possibilidades de atuação positiva sobre o território das grotas, tanto numa perspectiva de fora para dentro – com a valorização de sua paisagem – quanto de dentro para fora, com a melhoria das possibilidades de inserção social dos indivíduos que ali residem, na sociedade e na cidade, desde a infância.

REFERÊNCIAS

- ALAGOAS Governo do Estado de. Painel do Mapa Rápido Participativo (MRP). **Portal Alagoas em Dados**. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/apresentacao-do-mapa-rapido-participativo-mrp-das-grotas-de-maceio-al/resource/aeb6ec02-fae2-4014-b5a1-b6711dde952>> Acesso em: 19 abr. 2021.
- ALVES, R. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.
- AUGÉ, M. O Lugar Antropológico. In: ____ **Não-Lugares**: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994, p. 43-70.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990a.
- CARRIÓN, F. Espacio público: punto de partida para la alteridad. In: ____ **Espacios públicos y construcción social**. Hacia un ejercicio de ciudadanía. Santiago: Ediciones SUR, 2007, p.79-97.
- CARRIÓN, F. El espacio público es una relación, no un espacio. In: ____ **La reinvenición del espacio en ciudad fragmentada**. Cidade do México: UNAM, Instituto de Investigaciones Sociales, Programa de Maestría y Doctorado en Urbanismo, 2016
- CAVALCANTI, V. R. et al. Empreendimentos e ações públicas e privadas em Maceió/AL no início do milênio. **Paisagem e Ambiente**. n. 36, p. 11-33, 2015.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Em busca de Metodologias Investigativas com as Crianças e suas Culturas. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, mai./ago 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/x7QkpNjrW8CLhJCDSRymKnC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- DUARTE, C. R. Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. In: ____ **Novos olhares sobre o lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2013
- FARIA, G. M. G.; CAVALCANTI, V. C. Sistema de espaços livres da cidade de Maceió. **Paisagem Ambiente**: ensaios - n. 26 - São Paulo - p. 7 - 27 - 2009
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: _____. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores), 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico** 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População em Áreas de Risco no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018.

ITDP – INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO. **O Acesso de Mulheres e Crianças à Cidade**. ITDP Brasil, 2018. Disponível em: <http://itdpbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/01/ITDP-Brasil_-O-Acesso-de-Mulheres-e-Crianças-a-Cidade_-ABR-2018.pdf>. Acessado em: 9 nov. 2020.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

JUNQUEIRA, E., LOPES, A. C. **Habitação de Interesse Social em Maceió**. Rio de Janeiro: IBAM, DUMA, 2005.

LEITÃO, L. **Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, B. M. Áreas de proteção permanente-APPs em Maceió: do ideário conservacionista aos usos sócio-ambientais das zonas de interesse ambiental e paisagístico. 2009. 155 f. **Dissertação** (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

MACEIÓ. Lei Municipal nº 5.486 de 30 de dezembro de 2005. **Institui o Plano Diretor do Município de Maceió/AL**. Disponível em: < https://www.sedet.maceio.al.gov.br/servicos/pdf/plano_diretor/00_lei_municipal_5486.pdf />. Maceió, 2005.

MACEIÓ Prefeitura Municipal de. Luzes de LED beneficiam mais de 25 mil moradores da grotão do Ari. Superintendência Municipal de Energia e Iluminação Pública. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/luzes-de-led-beneficiam-mais-de-25-mil-moradores-da-grota-do-ari/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

MELLO, M. A. da S., SIMÕES, S. S. “Onde você mora?” propósitos e implicações do endereço. In: _____. **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013, p. 65-80.

MÜLLER, F. NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, jul./set. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/VyYrQTKPWyzjbGScvnwydVb/?lang=pt>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

MÜLLER, F. Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre. 2007. 218 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

OAM - ORGANIZAÇÕES ARNON DE MELLO. **Maceió 200 anos**. Maceió: OAM, 2016.

OLIVEIRA, C. **O Ambiente Urbano e a Formação da Criança**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Nova Agenda Urbana**. Habitat III. Quito: 2016. Disponível em: <<http://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese-Angola.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2020

ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Mapa Rápido Participativo Aldeia do Índio II**. Maceió: ONU-Habitat; ALAGOAS; IPP; 2019. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/relatorios-descritivos-dos-mapas-rapidos-participativos-mrp-das-grotas-de-maceio/resource/ec8a4c4e-a85b-47a9-b262-643688241c3f>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Mapa Rápido Participativo Grota do Cigano**. Maceió: ONU-Habitat; ALAGOAS; IPP; 2019. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/relatorios-descritivos-dos-mapas-rapidos-participativos-mrp-das-grotas-de-maceio/resource/8ff20aa3-6379-42b1-b9bd-6352edb20fd4>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Mapa Rápido Participativo Rua Belo Monte**. Maceió: ONU-Habitat; ALAGOAS; IPP; 2019. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/relatorios-descritivos-dos-mapas-rapidos-participativos-mrp-das-grotas-de-maceio/resource/e94666c2-62da-4f97-a804-55bf387361b1>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Mapa Rápido Participativo Rua Santo Antônio**. Maceió: ONU-Habitat; ALAGOAS; IPP; 2019. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/relatorios-descritivos-dos-mapas-rapidos-participativos-mrp-das-grotas-de-maceio/resource/d030b459-2bb6-435c-888c-4eed0ad1b0b5>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. **Perfil Socioeconômico das Grotas de Maceió**. Maceió: ONU-Habitat; ALAGOAS; IPP; 2019. Disponível em: <<https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/grotas-dados-informacoes-qualificadas/resource/2d518dcd-e4b6-4699-8ebc-073b09a99376>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

PIAGET, J., INHELDER, B. **A Psicologia da criança**. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Difel, 1968.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 29 de Julho, Maceió/AL. RM - Maceió. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1270430200089#idhm-all>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Jacintinho, Maceió/AL. RM - Maceió. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1270430200083#idhm-all>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Mirante do Jacintinho, Maceió/AL. RM - Maceió. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1270430200087#idhm-all>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Piabas, Maceió/AL. RM - Maceió. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1270430200084#idhm-all>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Vale do Reginaldo, Maceió/AL. RM - Maceió. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/udh/1270430200086#idhm-all>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQVv9wZS3Pf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SANTOS, M. A metamorfose do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. O Dinheiro e o Território. In: _____ **GEOgrafia**. Niterói: UFF, 1999, p. 7-13.

SARMENTO, M. J., PINTO, M. **As crianças contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania activa Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005. Disponível em: < <http://www.ced.ufsc.br/nucleos /nup/perspectiva.html>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNICEF. **Relatório anual do Fundo das Nações Unidas para a Infância**: crianças de até 6 anos, o direito à sobrevivência e ao desenvolvimento. Brasília, 2006. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_sowc/sit_inf_brasil_2006_completo.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

UNICEF. **Relatório da Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Criança**. Nova York, 2002. Disponível em: < https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org/brazil/files/2019-09/um_mundo_para_as_crianças.pdf> Acesso: 06 mar. 2022.

VYGOTSKI. L. S. **Imaginação e Criação na Infância**. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

APÊNDICE A – PERGUNTAS E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Entrevista 01 - Percepções sobre o território das grotas

Turma 01: Angê, Kelly, Any Gabriele, Naldo, Tiago.

Dia: 29/09 às 8h30

Duração: 40 minutos

1. Qual é o seu local favorito da cidade de Maceió?

A: Praia.

K: Eu amo a praia, também gosto de brincar no parquinho.

AK: Gosto muito muito muito da praia e shopping pra comprar coisas.

E: Praia.

Y: Praia também.

2. Além de Maceió, você conhece outras cidades?

K: Benedito Bentes (bairro de Maceió) e Pernambuco.

AK: Paripueira, Marechal Deodoro (cidades de Alagoas).

E: Cacimbinhas (cidade no interior de Alagoas, onde a criança morava).

Y: São Paulo, Paripueira (cidade de Alagoas).

3. Qual é o bairro onde você mora?

A: Eu moro na Aldeia do Índio, só que mais pra baixo.

K: Jacintinho, mas o nome lá é grotas do cigano.

AK: Jacintinho, lá em cima!

E: Grotas do Arroz

Y: Também [Grotas do Arroz]

4. Como é o bairro onde você mora?

A: É legal, dá pra brincar quase todo dia.

AK: Dá pra brincar, que não passa muito carro não; [à noite] eu brinco, e muito! Eu moro lá pra cima, ela [Kelly] mora mais pra baixo.

E: Eu brinco de noite de manhã, todo dia.

- Desafio: Desenhe/escreva sobre algo que represente o local onde mora. Aqui estão registrados comentários relativos à temática feitos pelas crianças enquanto realizavam os desafios.

AK: Eu vou desenhar um parquinho que fica perto da minha casa, só andar um pouquinho e na outra rua já é lá. Tem uma quadra gigante, aí tem um balanço, um gira gira. Essa praça é lá

perto do Rosane Collor (escola municipal), eu estudava lá quando era pequeninha. Na minha outra casa tinha uma rampinha, a gente descia de garrafa.

A: Lá na barreira um desço de garrafa.

K: Na minha rua tem um monte de criança.

Turma 02: Joali, Daniele, Matt Score, Jorge Mateus

Dia: 29/09 às 9h20

Duração: 40 minutos

1. Qual é o seu local favorito da cidade de Maceió?

J: Eu gosto muito do Feitosa (bairro de Maceió onde a entrevistada morava).

MS: Gosto muito da praia.

JM: Gosto do shopping.

2. Além de Maceió, você conhece outras cidades?

MS: Paripueira, Flexeira, Messias (cidades de Alagoas onde o entrevistado tem parentes).

J: Antes eu conhecia, mas eu esqueci por causa da pandemia.

3. Qual é o bairro onde você mora?

J: O nome é Jacintinho.

D: O meu também é Jacintinho.

JM: O meu é antes da grota.

MS: O meu é na grota.

4. Como é o bairro onde você mora?

MS: Eu gosto porque tem muitos amigos! A outra casa que eu morava, era numa vilinha. Mas caiu a barreira e destruiu todas as casas, aí eu mudei pra a casa da frente da vila.

J: Eu gosto muito da minha [grota] porque lá tem muita gente. E é muito perto [da escola, do Lar São Domingos].

Desafio: Desenhe/escreva sobre algo que represente o local onde mora.

D: Tia, eu tenho medo de onde eu moro. Porque mataram um homem lá embaixo e outro dia um lá em cima.

Entrevista 02 - Deslocamentos na grotá

Turma 01: Kelly, Daniele, Matt Score, Jorge Mateus

Dia: 06/10 às 8h

Duração: 40 minutos.

1. Identifique a sua casa no mapa. Me explique como chegar lá a partir daqui do Lar São Domingos.

K: Localizou o Lar São Domingos. Localizou a Escola Municipal Professor Lenildo Alves Santos. Localizou a casa.

MS: Localizou o Lar São Domingos. Localizou a casa.

2. Quais são os espaços que você mais frequenta? Com quem você vai? Como costuma ir?

K: A pracinha [Vera Arruda] perto da praia. Na rua eu brinco muito e ando de bicicleta. Eu também vou na praia e na feirinha. Eu vou com meus pais, pais de amigos. A pé.

D: O shopping. Na rua eu não brinco, porque é perigoso. Vou com a minha mãe ou com o meu pai.

MS: O Lar São Domingos. A rua.

JM: O Lar São Domingos. A casa da minha mãe. A grotá. A rua.

3. Você se sentiria seguro para ir a algum desses só?

K: Eu não vou sozinha porque com a minha mãe, ela sabe pra onde eu tenho que ir, porque eu não sei ir sozinha.

D: Não. Eu tenho mais medo porque tem sequestro.

MS: Eu me sinto muito seguro! É como se eu tivesse em casa.

JM: Eu ando sozinho.

4. Alguma situação onde você mora já impediu que você saísse de casa?

K: Lá as vezes quando chove fica muita lama na rua, aí molha tudo. Parece um rio lá quando chove.

D: Quando choveu não, mas quando mataram três lá.

MS: Onde eu morava lá, quando deu um toró, alagou tudo, derrubou as casas, perdeu tudo.

JM: Não.

- Desafio: Desenhe/escreva sobre o que mais te chama atenção na sua rua.

K: Eu gosto quando o cara do churros chega da praia, ele dá churros que sobrou pra a gente.

D: Eu gosto de ver o mar quando eu tô descendo [da grotá].

MS: Eu gosto de ver a Nissan [loja de carros].

JM: As mangas que caem, o som que o povo bota, a pessoa endoida de tanta música, as escadas eu acho legal porque dá pra subir correndo.

Turma 02: Angê, Any Gabriele, Naldo, Joali.

Dia: 06/10 às 8h40h

Duração: 40 minutos

1. Identifique a sua casa no mapa. Me explique como chegar lá a partir daqui do Lar São Domingos.

AG: Localizou o Lar São Domingos. Localizou a Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos. Localizou a casa.

E: Localizou a casa.

2. Quais são os espaços que você mais frequenta? Com quem você vai? Como costuma ir?

AG: o Lar. O Lenilton [escola]. O trabalho da minha mãe. Com a minha mãe, a pé

A: O Lar. A rua. A escola. A pista.

J: A rua [passagem]. O Lar. O Lenilton [escola]. O trabalho da minha mãe. Eu espero na escada, perto da casa da minha avó, e venho com a mãe dela [Any Gabriele], a pé.

E: A escola. O Lar São Domingos. A rua. Venho com o meu irmão, a pé. Minha avó não me deixa brincar na rua, porque tão matando muita gente esses dias.

3. Você se sentiria seguro para ir a algum desses só?

AG: Eu tenho medo.

A: Eu viria só.

J: Sozinha! Eu não tia, não. Eu tenho medo que só.

E: Eu viria só, tenho medo não.

4. Alguma situação onde você mora já impediu que você saísse de casa?

AG: Não.

A: Tranquilo.

J: Quando chove fica cheio de barro, aí fica difícil, mas eu passo por cima, ou então arroteio.

E: Não, tranquilo.

- Desafio: Desenhe/escreva sobre o que mais te chama atenção na sua rua.

AG: As brigas do povo, é cada barraco! As casas com piscina.

E: Os cachorros.

E: Os prédios.

Entrevista 03 - Os usos do território da grotá

Turma 01: Angê, Kelly, Any Gabriele, Joali.

Dia: 20/10 às 8h40h

Duração: 40 minutos.

1. No seu bairro onde você costuma ir para se divertir? O que você faz lá? O que tem lá?

A: Eu brinco na minha porta, na rua, com as vizinhas. Eu brinco de pega-pega. Eu brinco na barreira.

K: Eu vou mais pra rua, porque lá embaixo tem um monte de gente. Aí se reúne tudinho, a gente fica brincando. Tão fazendo um parque lá na boca da grotá.

AG: Pracinha (próximo da creche), parque de diversões.

J: Eu só fico em casa. Eu brinco mais em casa, porque minha vó não deixa muito eu sair. Porque lá embaixo é polícia toda hora. Não é porque ela [avó] é ruim, é porque ela não deixa eu sair de casa, porque ela tem muito cuidado.

2. Há lugares no seu bairro que você evita passar? Por quê?

A: Tem um bequinho que a gente passa que tem medo de passar e der um vento forte e a gente cair.

K: Tia, lá tem um lugar que tem um bocado de coisa e passa muita gente, aí eu tenho medo de cair, que é tipo um esgoto. Também tem uma escada que é uma pedra que cobriram. E também tem uma rua que quando se enche, é muito lixo, porque o caminhão demora muito pra passar.

AG: Tem, tia, tem um lugar. Lá na grotá tão fazendo um bocado de buraco. Eu passo do mesmo jeito, porque tem tábua e tem que passar.

3. Conte/Escreva uma experiência que você vivenciou em algum dos espaços que você citou.

AG: A pracinha, teve um dia que a gente foi e não deu pra a gente brincar. Porque tava construindo lá.

K: Eu tenho medo de cair no esgoto.

- Desafio: Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se você se sente bem) e com a cor que você menos gosta (se você se sente mal). Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se é um caminho tranquilo) e com a cor que você menos gosta (se é um caminho com dificuldades).

Turma 02: Matt Score, Jorge Mateus, Daniele, Tiago

Dia: 20/10 às 9h20

Duração: 30 minutos.

1. No seu bairro onde você costuma ir para se divertir? O que você faz lá? O que tem lá?

MS: Eu brinco na rua e na escadaria; o parquinho é distante. Do nosso jeito, mas a gente se diverte.

JM: Eu brincava na rua mas não posso mais descer, porque teve um menino que bateu em mim.

D: Tem um parque.

Y: A gente brinca de bola, pega-pega e até de garrafão, na rua mesmo.

2. Há lugares no seu bairro que você evita passar? Por quê?

MS: Não. Só não posso ir pra perto da grota.

JM: A família dele [Matt Score] tem medo de entrar na grota, tia. Tem um lugar que vende coisa, só não lembro o nome, porque tem um círculo e uma estrela. Que é símbolo do diabo.

D: Não.

Y: Não.

3. Conte uma experiência que você vivenciou em algum dos espaços que você citou.

MS: Eu já vi cobra, já vi escorpião.

- Desafio: Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se você se sente bem) e com a cor que você menos gosta (se você se sente mal). Desenhe o seu caminho para casa em uma linha, com a sua cor favorita (se é um caminho tranquilo) e com a cor que você menos gosta (se é um caminho com dificuldades).

Entrevista 04 - Os vínculos com o território da grotá

Turma 01: Kelly, Jorge Mateus, Any Gabriele

Dia: 27/10 às 8h20

Duração: 40 minutos.

1. Quem mora na Grotá?

K: Eu.

JM: Eu.

AG: Eu moro na rua Belo Monte.

2. Você se sente seguro na grotá? Por quê?

K: Sim... Mas eu tenho medo de passar lá na rua que eu moro de noite, porque é escuro e tem uma casa abandonada. Eu passo correndo.

JM: Eu me sinto. Mentira! Eu moro lá desde bebezinho. Minha mãe mora lá, minha avó mora lá, meus três tios moram lá, meu pai. Mora um monte de gente. E tem esse tanto de coisa porque ela [Any Gabriele] mora perto da feirinha, aí tem esse tanto de coisa.

AG: Ontem mesmo teve tiro lá. Eu saí correndo com o celular. É porque quando eu era novinha teve um tiroteio lá na grotá. Eu nasci lá! O meu pai morou lá, o meu avô morou lá. Também, porque a Kelly já é ó.. (estalo com as mãos) tempão que mora aqui.

3. Você se sente seguro em casa?

K: Mais ou menos, tia. Porque às vezes entra polícia na rua, porque tem um negócio que fumam lá. A pessoa tá brincando primeiro, aí chega eles, quer fumar, e minha mãe manda a gente entrar pra dentro. Às vezes, tia, a pessoa não tem culpa de nada e a polícia quer entrar na casa da pessoa.

JM: Eu me sinto.

AG: Sim.

4. Tem algum outro local onde você se sente seguro?

K: Aqui no Lar São Domingos.

JM: Em Ipioca (casa dos tios) e em São José da Laje (casa da família)

AG: A casa da minha vó e na casa da minha madrinha.

- Desafio: Desenhe/escreva sobre uma coisa boa e uma coisa ruim de onde você mora.

Turma 02: Matt Score, Naldo, Tiago, Daniele

Dia: 27/10 às 9h

Duração: 30 minutos

1. Quem mora na Grotá?

MS: Eu moro antes da grota [Grota do Cigano].

E: Eu [Grota do Arroz].

Y: Eu [Grota do Arroz].

2. Você se sente seguro na grota? Por quê?

D: Não [com a cabeça]. Silêncio e vergonha. Porque tem umas polícia, tiroteio, maconheiro.

MS: Eu não tenho muito medo, não. Oxe, é tranquilo. Sabe por que, tia? Porque o caminho quando eu vou é tranquilo, não tem maloqueiro. Mas também ela [Daniele] mora no bequinho mais pior da grota. É ali mesmo que os maloqueiro fica.

E: Não. Porque tem muito maloqueiro, roubo, crack, essas coisas.

Y: A mesma coisa.

3. Você se sente seguro em casa?

D: Eu me sinto segura em casa porque a minha casa tem um portão na frente, um portão pra a pessoa entrar e outro portão na casa, e é tudo fechado, nada aberto.

MS: Mas é claro. Eu me sinto até relaxado. Assistindo a Netflix...

E: Só um pouco.

Y: [meneou a cabeça positivamente]

4. Tem algum outro local onde você se sente seguro?

D: Não.

MS: Onde o meu irmão mora, em Fleixeiras e em Paripueira. Mas em todos os lugares que eu vou eu estou seguro, porque eu estou com Deus.

E: O lugar em que eu me sentia mais seguro era onde eu morava. Lá não existia esse negócio de tráfico, armas, essas coisas... É lá no Sertão, em Cacimbinhas. Só lá! Andava de noite... não acontecia nada.

Y: Na casa da minha avó.

- Desafio: Desenhe/escreva sobre uma coisa boa e uma coisa ruim de onde você mora.

MS: Eu gosto de sofá e cama. Agora o que eu não gosto é da escada. Eu só uso a escada pra brincar mesmo. Mas ela atrapalha quando nós brinca de pega-pega. Pra descer todo santo ajuda... Rapaz, dá preguiça de desenhar a escada!

E: Gosto de assistir e jogar. Eu não gosto de Anime (uma série com mais de mil episódios)

Y: Jogar [Minecraft].

Entrevista 05 - A casa *versus* a rua

Turma 01: Joali, Kelly, Daniele, Any Gabriele

Dia:10/11 às 8h30

1. Dentro da sua casa você se sente bem? Por quê?

J: Sim, porque na rua eu tenho medo de um carro me atropelar. Aí quando eu chego em casa, fico mais seguro. Sabe por que eu sou mais segura em casa? Porque eu não ando muito pela rua, aí eu não sou acostumada. Por exemplo, eu vejo um carro, eu já vou logo pra a calçada.

K: Sim. Eu só fico mais bem quando eu tou com meu pai ou com a minha mãe. Porque quando a minha mãe não tá [...] aí eu vou pra casa ou da minha madrinha ou das minhas amigas.

D: Sim, porque quando eu chego em casa eu vou brincar com os periquitos.

AG: Sozinha não, mas quando eu tou com meu pai, com a minha mãe, com a minha irmã. Mas sozinha não tem ninguém pra me defender não. Porque lá no quintal tem um telhado que ele abre pra cima e pra baixo, aí se vim alguma daquelas pessoas correndo da polícia, pode entrar dentro.

2. Na sua rua você se sente bem? Por quê?

J: Mais ou menos, só na parte da minha rua mesmo, porque a parte lá da outra rua não. Porque tem muitos carros passando, aí eu fico com muito medo. Mas eu gosto da minha vizinha. A minha rua é um pouquinho larga, é tudo escada. Aí passa por uma rua normal e vai. Eu quando vejo polícia, fecho a porta.

K: Me sinto. Só não quando passa polícia, porque os homens fica (*sic*) fumando bem perto da minha porta. Eu tou brincando, aí esses homens começa a fumar, eu tenho que entrar pra dentro.

D: Não, por causa da polícia. Lá não passa nem carro, só moto e bicicleta.

AG: A minha rua é larga, mas não passa muito carro não lá. Mas ontem eu fiquei com medo, porque passou um cara correndo da polícia. Mais ou menos.

3. Perto da sua casa tem algum lugar onde muitas crianças se reúnem para brincar? Onde fica? Como é?

J: Só na rua, só que eu mesma só brinco na casa da minha vizinha, em frente da minha casa.

K: Tia, eu acho que tem pouca criança na rua da Any Gabriele, de noite. Tem muita criança de tarde.

D: Não, eu nem brinco.

AG: Tia, eu morava em outra rua. Todo mundo até os pais brincava, de esconde-esconde, de pega-pega. Mas nessa nova rua eu só fico mais em casa. Porque na minha rua eu tinha minhas amigas desde pequenininha. Mas eu brinco só dia de semana à noite e sábado, mas bem pouquinho.

- Desafio: Desenhe a sua casa vista de frente. Desenhe/ escreva sobre a sua rua.

Turma 02: Angê, Naldo, Matt Score, Jorge Mateus, Tiago

Dia: 10/11 às 9h15

1. Dentro da sua casa você se sente bem? Por quê?

A: Sim, porque é minha casa.

E: Mais ou menos, porque eu não conheço muito.

MS: Eu me sinto é relaxado. Porque é familiar.

JM: Sim, eu me sinto bem porque é a minha casa. Se eu me sentisse estranho, ia ser estranho. Eu só não me sinto bem na casa dos outros, porque eu não sei o que tem que fazer, o que pode, o que não pode.

Y: Sim, porque eu moro a muito tempo.

2. Na sua rua você se sente bem? Por quê?

A: Sim, eu brinco que só lá. Mas de vez em quando minha mãe não deixa não eu brincar na rua, porque... [Vitor interrompe e diz que é por causa de uma menina que bate nos outros e a mãe dela não tá nem aí]. Eu brinco de noite.

MS: Eu me sinto brincalhão. Eu posso brincar à vontade de noite.

JM: Quando ele [Matt Score] sai, ele já sai brincando. Eu sou o único que não pode sair de lá [casa] porque eu moro longe. Eu não posso brincar em nenhum canto de noite.

3. Perto da sua casa tem algum lugar onde muitas crianças se reúnem para brincar? Onde fica? Como é?

A: Na escada, e perto da casa do Junior. Ele [Matt Score] não pode ir lá pra cima.

E: Na pista nova. [Referindo-se à Rua São Francisco, que está sendo prolongada para fazer a ligação entre a Av. Comendador Gustavo Paiva e a Av. Josefa de Melo]

MS: Sim, perto da casa do Rodrigo. Todo mundo brinca lá. E tem um campinho na rua que é inclinado.

JM: Saindo da casa dele [Matt Score] antes da grota, aí tem um espaço, que tem uma laje e uma escada, perto da casa do meu tio. Aí a gente brinca de vez em quando, raramente. Tem um tanque que todo mundo brinca lá. E tem um campinho também que a gente joga lá. Tem outro lá, perto da casa dela [Angê], a barreirinha, aí é tudo reto, aí se você quiser correr, pode correr. E também tem na frente da casa da minha avó.

- Desafio: Desenhe a sua casa vista de frente. Desenhe/ escreva sobre a sua rua.

Entrevista 06 - Validação das informações

Turma 01: Angê, Joali, Daniele, Any Gabriele

Dia: 24/11 às 8h15

Duração: 40 minutos

1. Vocês moram na mesma casa há muito tempo? (2-3 anos segundo as crianças)

A: Eu moro há uns seis anos.

D: Eu moro há pouco tempo.

J: Eu moro lá desde bebezinha.

AG: Eu me mudei há uns três meses. Mas minha casa era em uma rua, agora é em outra. Eu me mudei porque fazia muita zuada, aí daí minha mãe quis se mudar porque os vizinhos eram recalcados, invejosos.

2. Você gosta do local onde mora?

A: Sim.

J: Eu pintei pela metade, porque eu gosto mais ou menos.

D: Não

AG: Eu não gosto dali.

3. Você conhece o local onde mora?

A: Eu conheço.

J: Eu conheço a casa da minha mãe e da minha vó.

D: Não.

AG: Eu vou até a praia sozinha, se a minha mãe deixar!

4. Tem locais para brincar perto da sua casa?

A: A minha rua. Eu gosto de brincar de pega-pega.

J: Eu tenho que ir pra escada, aí pode brincar assim pelas escadas.

D: Não.

AG: A rua.

5. Tem amigos que moram perto da minha casa?

A: Tenho!

J: Tenho... a Fernanda, tem minha vizinha, que é minha melhor amiga.

D: Não.

AG: Mais ou menos.

6. Tem parentes que moram perto da minha casa?

A: Não.

J: Tem não, só na outra rua.

D: Não.

AG: Tenho, a minha tia. Mas a minha tia e a minha vó moram lá embaixo, eu moro lá em cima.

7. O local onde eu moro poderia ser melhor?

A: Sim.

J: Tia, poderia. Porque botaram ferro lá, mas poderia ser melhorzinho. Pintar um ferro mais bom.

D: Sim.

AG: Sim. Podia melhorar o esgoto!

Turma 02: Kelly, Matt Score e Jorge Mateus.

Dia: 24/11 às 8h15

1. Vocês moram na mesma casa há muito tempo?

K: Eu já morei em umas cinco casas, nessa mesma rua. Aí eu tô morando nessa tem uns 2 anos.

MS: Uns 4 anos, que a barreira caiu aí eu me mudei.

JM: Faz uns 4 anos.

2. Você gosta do local onde mora?

K: Mais ou menos, só por causa da polícia.

MS: Eu amo!

JM: Mais ou menos.

3. Você conhece o local onde mora?

K: Sim!

MS: Sim!

JM: De cabo a rabo. Oxe, tia, não tem um lugar que eu não conheça. Se você for lá visitar, eu falo tudo! Eu conheço os três lugar que eu moro.

4. Tem locais para brincar perto da sua casa?

K: A gente acostuma mais brincar na calçada, só que a calçada é alta. A gente brinca também na ladeira.

5. Tem amigos que moram perto da minha casa?

K: Tem.

MS: Eu tenho um quadrilhão de amigos.

JM: Tem muitos!

6. Tem parentes que moram perto da minha casa?

A: Meus parentes moram em São Paulo e Arapiraca.

K: Minha madrinha, meu pai de consideração, meu vô, meu padrinho, a mãe do meu primo.

7. O local onde eu moro poderia ser melhor?

K: Tem não tia, nada.

MS: Com certeza!

JM: Sim... As ruas podiam ser menos perigosas. Podia ter menos gente fumando. Sem jogar lixo, sem fumar, sem som, que é muito som.

Entrevista 07 - Construindo o perfil dos participantes

Turma 01: Angê, Joali, Matt Score, Jorge Mateus, Any Gabriele

Dia: 15/12 às 8h20

1. É fácil andar na grota?

A: Mais ou menos.

J: Mais ou menos.

MS: Sim.

JM: Eu sou o único que mora lá dentro, então sim!

D: Mais ou menos, mas é perigoso.

2. Eu ando sozinha/o na grota?

A: De vez em quando.

J: Sim.

MS: Não.

JM: Sim.

AG: Mais ou menos, porque minha mãe não deixa eu ficar na grota.

3. Eu me divirto brincando na rua?

A: Sim!!

J: Não

MS: Sim

JM: Sim.

AG: Sim.

4. Eu tenho medo quando passa _____ na minha rua.

J: Doido.

MS: Um doido. [Ô, tia, ontem teve tiroteio lá perto]

JM: Pitbull.

AG: Polícia, maloqueiro.

5. Tão fazendo alguma obra onde eu moro.

A: Sim.

J: Sim

MS: Não, tão fazendo bosta nenhuma.

JM: Sim.

AG: Não

6. A minha grota é um local bom pra morar.

A: Não, porque a barreira pode cair e tem casa em cima.

J: Mais ou menos.

MS: Não, porque passa doido, passa polícia.

JM: Sim.

AG: Mais ou menos, porque passa maloqueiro.

7. Meu lugar favorito na grota é _____.

A: A minha casa.

J: A casa da minha tia.

MS: A rua, e a minha casa.

JM: A casa e a rua.

AG: A minha casa.

8. Eu tenho carinho pelo local onde eu moro.

A: Sim.

J: Não.

MS: Sim.

JM: Não.

AG: Não, porque o povo jogam tanto lixo que fica entupido o esgoto.

9. Eu me sinto responsável pelo local onde eu moro.

A: Não.

J: Não.

MS: Sim.

JM: Sim.

AG: Não.

APÊNDICE B – ENTREVISTA 06: PERGUNTAS ILUSTRADAS

Há quanto tempo moro na mesma casa:



Gosto do local onde eu moro:



Conheço o local onde eu moro:



Tem locais para brincar perto da minha casa:



Tem amigos que moram perto da minha casa:



Tem parentes que moram perto da minha casa:



O local onde eu moro poderia ser melhor:



APÊNDICE C – AVATARES PARA CRIAR PERFIS DAS CRIANÇAS

